

Verão

Revista

Janeiro 2024

Auto retratos



Cozinha Nôrris

17ª Edição



AUTORRETRATOS

A Maior Revista Digital do Brasil



Sinta-se à vontade para compartilhar a revista, contanto que você atribua a autoria, não faça alterações no conteúdo e não a utilize para fins comerciais.



Licenciada por Creative Commons - Atribuição-
Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional

E-mail: revistaautorretratos@gmail.com

Algo em um dia de verão

A Algo em um dia de verão,
À medida que lentamente seus candelabros se apagam,
Que me soleniza.

Algo em um meio-dia de verão
Uma profundidade — um azul — um perfume —
Transcendendo êxtase.

E ainda dentro de uma noite de verão
Algo tão luminoso e brilhante
Eu bato palmas para ver.

Em seguida, velo meu rosto inquisitivo
Com medo de que uma graça tão sutil e cintilante
Não voe longe demais para mim.

Os dedos do feiticeiro nunca descansam
O riacho roxo dentro do peito
Ainda tumultua sua cama estreita.

Ainda ergue o Oriente sua bandeira âmbar
Guia ainda o sol ao longo do rochedo
Sua caravana de vermelho.

Assim, olhando — a noite — a manhã
Concluem a maravilha alegre
E encontro, atravessando o orvalho
Outro dia de verão.

Emily Dickinson

Autores nacionais

Adriana Takada

Aline Matias

Aricele Geisler

Carla Silva

Clarissa Machado

Cláudia Viana

Dorlene Macedo

Egberto Vital

Elisangela Dias Saboia

Fábio Martins

Glenda Brum de Oliveira

Irene Genneco

Ivana Fontes

João Paulo Vieira

Laila Angelica Moraes

Laynne Fontes

Letícia De Sousa Viana

Luana Schrader

Lúcia Francisca

Luciane Silveira

Luzia Couto

Máfera

Maria Araújo & Germano Ribeiro

Maria Helena Bazzo

Maria Thereza Galvão Bueno

Mário Araújo

Meire da Consolação Ribeiro

Nilcéa Nunes

Rosângela Canassa

Thamiris S. Begoti

Vânia Coelho

Viviane Lima

Waleska Fochesatto

Zilma R. Carvalho

Autores internacionais

Adriana Strella (Portugal)

Eliana Machado (França)

Sueli Lopes (Londres)

EDITORIAL

A Revista Autorretratos é um projeto independente com a nobre missão de divulgar autores nacionais e internacionais. Todas as publicações são disponibilizadas em formato e-book (revista eletrônica) e são devidamente registradas pela CBL (Câmara Brasileira do Livro), contando com um ISBN exclusivo para cada edição. Além disso, temos o orgulho de afirmar que a revista é lançada mensalmente, proporcionando aos leitores uma experiência contínua e enriquecedora. Agradecemos imensamente o apoio e o interesse de todos os envolvidos nesse projeto literário inspirador!

Autorretratos publica prosa, poesia e textos críticos sobre diversos temas contemporâneos. Neste número, apresentamos uma seleção cuidadosa de contos, poemas, crônicas, artigos e ensaios que capturam a essência da experiência humana. Os emergentes autores criam um universo diverso de emoções, narrativas envolventes e perspectivas únicas, proporcionando aos leitores uma imersão literária inédita.

A Revista alcançou um total de 45.289 insights em seus canais oficiais de divulgação durante o período de agosto a novembro de 2023. Esse expressivo alcance demonstra a relevância e o impacto que a revista tem na comunidade, conquistando um público diversificado e de engajado interesse nas diferentes formas de expressão artística e literária abordadas em suas páginas.



EDARTI: 2024000-01. Verão
ISBN: 978-65-00-89927-6. 17ª edição
Janeiro, 2024

Editor-Chefe

Ricardo Neto O. Mota

Revisão

Gabriel Mendes Amaral

Design Cromático e Diagramação

Thiago Freitas Pacheco

Concepção Estética e Perspectiva Temática

Ricardo Neto O. Mota

Ilustrações

Studio AR

STUDIO AUTORRETRATOS

O Studio de ilustrações digitais
da Revista Autorretratos
(STUDIO AR)



Todos os direitos reservados.

POESIA

PROSA

ENSAIO

ARTIGOS

POESIA



MULHER

Danças mulheres
Livres como o vento
No brilho do sol
À luz da lua

No ventre da Mãe Terra
Seiva de vida
Brotam ervas, brotam curas

Mãe, Deusa, Mulher

É tempo de conexão
Em toda a sua expressão

Somos todos os poderes
Somos todas as magias
Somos o sagrado dentro de nós
Sabedoria ancestral que nos guia

Eu me encontro
Me reencontro
Retorno às raízes
Força Feminina que me habita
Minha essência
Me permita.

Adriana Takada



Natural de São Paulo, reside na capital com sua família e cinco gatinhos. Com formação em Desenho Industrial – Programação Visual, trabalhou como diretora de arte e gerente de marketing, antes de embarcar no empreendedorismo ao lado de seu marido, atuando em diversos negócios incluindo uma distribuidora de produtos para saúde, clínica de estética, restaurante mineiro, entre outros. Avó de gêmeas, é escritora, ilustradora e leitora voraz, perdendo-se em páginas de livros por horas a fio. Teve seu primeiro livro infantil publicado em março de 2023. Contato: adriana.takada@gmail.com | [@adrianatm](https://www.instagram.com/adrianatm) | [@adrianatakada.escritora](https://www.instagram.com/adrianatakada.escritora).



A BOCA DO CÉU ACORDA O CORDEL

Meu nome é Maria,
Maria da Conceição.
Abri uma escolinha
bem no meio do sertão,
com materiais catados
lá do meio do lixão.

Meu tio Pedro,
Cabra-macho, arrochado,
é gari na cidade.
Separa livros velhos,
cadernos rasgados
papéis e lápis usados.

Mainha, apetrechada,
é bordadeira, costureira
e faz rendas como ninguém.
Restaura tudo direitinho,
coloca em um caixote
e leva para o meu puxadinho.

Com apenas doze anos,
já sou a professora.
Meus alunos vão chegando
e sentam-se no chão.

Miguel, Catarina e Jardel
Oxente, hoje é dia de Cordel!

Para começar, vou ouvir
um a um declamar
versos bem bonitos
que depois vou pendurar
na corda do varal,
entre o jardim e o quintal.

Quando a noite chegar,
vaga-lumes vão iluminar e
a sanfona vai tocar!
Vestida de chita,
a menina Isabel,
vai puxar o Cordel.

No luar do sertão,
essa gente tão sofrida,
com poesias de inclusão,
ganham sonhos, ganham força e
ganham vida!

Maria Helena Bazzo



Catarinense da cidade de Ouro, professora aposentada de Séries Iniciais, e escritora. Escreve crônicas, poesia e literatura para todas as infâncias. Sempre gostou de ouvir histórias e de contar o ouvido e o lido – e de inventar, também. Segundo, ela, não há nada que encha mais de contentamento, os seus olhos de espiar e a sua boca de contar, que espontaneidade de criança. Criança ouvindo e contando história, então, é mágico. É de um contentamento capaz de nos fazer trilhar novamente os caminhos da doçura e do afeto.



DESCONHECER PARA CONHECER

De cara, enxergo um desconhecido conhecido
Não deixo de pensar em como é aí dentro de você
E se algum dia eu te conhecerei por inteiro

Somos amigos e não somos
Dividimos o mundo e não dividimos mais nada
Tento enxergar se a vida tem sido boa com você
Como estão seus planos...

Me pergunto se as portas estão se abrindo para você
Se têm sido feliz em suas conquistas
E em como eu serei lembrada daqui a alguns anos
Ou nem serei lembrada

Me pergunto se te enxergam como eu enxergo
Me pergunto se conversam com você da mesma forma que eu
Me pergunto se já dividiu uma viagem pelo celular com alguém além de mim
Me pergunto se já passou o ano novo com alguém como passou comigo
Me pergunto se a saudade te toca
E se algum dia seremos como antes

Laynne Fontes



Eu me chamo Laynne, tenho 22 anos, faço faculdade de psicologia e sou poetisa, tenho um poema publicado no Sarau do Brasil na sessão Novos poetas. Gosto muito de escrever poesias e mostrar para os meus amigos ou publicar no Instagram, mas meu sonho mesmo é publicar um livro de poesias, baseados em fatos vividos durante minha vida. A minha inspiração vem muitas vezes de formas aleatórias, então só sento e escrevo o que me veem a cabeça, é algo instantâneo e que no final fica um resultado lindo. Para mim a poesia vem dos bons sentimentos, mas dos sentimentos ruins também. E é isso, essa sou eu. Contato: @laynnefontespsi / fonteslaynne@gmail.com.



FLOR DA TARDE

Sinto a sua essência na brisa que passa,
As vezes te enxergo nas floradas mais exuberantes, e nos riachos que cruzam as estradas
Com a água pura, como o líquido de sua fonte...
As curvas das estradas insinuam o teu corpo que
Posso enxergar de olhos fechados.
O vento uivante parece trazer um recado teu,
Sinto um beijo de leve em minha boca e fecho os olhos,
Então imagino ser você aquela pétala que desprende da roseira e me beijou.
Assim meio extasiada olho pro céu e percebo,
A lua majestosa enfeita o cenário acompanhada das estrelas.

Luzia Couto



Uma talentosa escritora nascida em Conceição de Ipanema, Minas Gerais, está atualmente imersa na criação de seu segundo livro infantil, expandindo ainda mais sua vasta coleção que abrange poesias e histórias românticas. Seu percurso na escrita teve início em 2015 com a publicação do seu primeiro livro pela Amazon, que agora está sendo republicado pela Parly Editora, intitulado "Uma Prisão no Paraíso". Este foi apenas o ponto de partida para uma carreira literária rica e diversificada. Entre suas obras notáveis estão "Cascais: A Vila do Amor", "O Amor Acontece em Toscana", "Amor de Tropeiro", "60 Motivos para Não te Esquecer", "60 Razões para te Esquecer" e "Intimidade Poética". Além disso, Luzia Couto também colaborou em parceria com "Laços Inseparáveis ao Destino". Seu talento na

literatura infantil é evidente com a criação de "A Turminha da Pesada" e, agora, "O Tesouro das Crianças". Sua presença na cena literária é marcada por participações em 40 antologias poéticas e contribuições para coletâneas portuguesas, demonstrando sua habilidade em conectar-se a diversas audiências. A republicação de seu primeiro livro e o lançamento de seu segundo livro infantil são testemunhos do seu contínuo compromisso com a arte da escrita. Além de suas obras, Luzia Couto é uma presença ativa nas redes sociais e blogs, onde compartilha suas paixões. Seu trabalho pode ser apreciado nas redes sociais, incluindo Instagram (@poetisaluziacoutorodrigues).



ADOLESCÊNCIA

Na poeira infernal
da estrada
enquanto insetos
se espatifavam
no vidro da frente
do Opala de meu pai
o espelho retrovisor
mostrava saudades
Brodowski ficava para trás
e para frente
vinham postos
e um abraço amargo de futuro
o marrom do carro
contrastava com a secura da estrada
e com o colorido conteúdo
do porta-malas
e de minhas lembranças
o lugar onde almoçávamos
era sagrado
e o brado do fim
era chegado
a cidade onde morávamos
se mostrava
e meu ânimo
se prostrava.

Fábio Martins



Cronista, contista e poeta, lançou vários livros de poemas. Recentemente lançou o livro de minicontos Cantos e contos de Beagá, publicado pela editora Libertinagem. Colabora com diversas revistas literárias, participa de algumas coletâneas, além de ter escrito livros de ficção, alguns ainda inéditos. É paulista, de Santos e reside atualmente em Belo Horizonte – MG, cidade que adotou e por quem foi adotado, onde também é professor do Ensino Fundamental e Médio no Colégio São Paulo Irmãs Angélicas de BH. Contato: @poetafabiomartins.



AQUI NO MEU OLHAR

Depois que te perdi,
Eu conheci a solidão.
E morando com ela percebi
Que estava com você
O meu coração.

Por intrigas, nós brigamos;
Por ciúmes, separamos;
Por bobagens, te ofendi.
Do que disse, juro eu:
Me arrependi.

Vai, diz que tudo se acabou;
Que é o fim do nosso amor,
E que eu tenho que aceitar.

Vai, diz que já me esqueceu;
Que seu amor não é mais meu,
Que já tem outro em meu lugar.

Vai, diga aqui... aqui no meu olhar.

Lúcia Francisca



Nasci em 21 de abril de 1976, em Barra dos Bugres – MT. Poetisa e compositora. Defensora da natureza e dos animais. Amo viajar e viver sonhos, porque, muitas vezes, um pouco de imaginação nos ajuda a superar a realidade. Sou apaixonada pela vida. Creio em Deus acima de tudo. Uma frase: Sonhar não é o suficiente se faltar o querer; porque o querer é a coragem que nos leva a vencer.



ENTRE VAZIOS E PLENITUDES

1. Para quem sente muito
Todo vazio é cheio demais.

2. Tão metódico, tão disciplinado!
Nem para a direita nem para a esquerda
Sempre em linha reta.
Cuidado! Não esqueça que a vida latente se encontra mesmo é no desequilíbrio.

3. Desconcertos
Nos desconcertos do caminho
Tentamos nos consertar
No entanto, se consertados demais,
Destoamos no concerto
Harmônico da vida.

4. Amor
Substantivo abstrato
de infinitas definições ou
Mero vocativo
Carente de significado.

5. Sim, sabemos que tudo é finito.
Esta é a beleza da vida. Porém,

Deixemo-nos iludir pela magia
Do instante que eterniza o que
É sagrado em nós.

6. Meu, minha

Pronomes possessivos por excelência.

A depender do contexto, tóxicos em bom psicologês.

Na linguagem do afeto expressam carinhosamente um privilégio dado a algumas pessoas por serem especiais.

Esses já foram postados em legendas de fotos minhas no Instagram:

Fala, te escuto!

Ao te escutar

Escuto a mim mesma.

Não quero nada tão reduzido

nem algo tão grandioso

Quero apenas o que a memória

Posso reter.

Para e vê!

consegues enxergar

Além do que teus

Frágeis olhos captam?

Que o meu cansaço me

Desperte para a beleza sutil e

Despretensiosa da vida

Tantas vezes negligenciada.

Nilcéa Nunes



Capixaba, moradora de Vila Velha – ES. Formada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo e Direito pela Faculdade Pio XII. Contato: @nilceanunes | nilcea_nunes@hotmail.com.



PITAYA

O mar nizado resite ao cinza do céu.

Enquanto ela passeia pelo inverno da praia dos pedregulhos,
Sob seu casacão, a alma sente o frio europeu que só as memórias
brasileiras aquecem. Tudo é uma silenciosa lembrança do seu país
tupiniquim. Ali não há goiaba, nem acerolas; tampouco há jaboticabas
ou pitayas, só frutas exóticas na imaginação. Fecha os olhos e se
transporta para o Brasil.

Pitaya peluda;

Flor do dragão se abre

Um gozo na boca.

Eliana Machado



Nascida no Brasil, trilhou um percurso internacional que a levou da Espanha, onde residia, para a França, onde fixou residência em 1994. Graduada em Línguas e Literaturas (espanhol, português e russo) pela Universidade de São Paulo, ela alcançou o doutorado em Literatura Espanhola na renomada Universidade Nice Sophia-Antipolis. Sua expressão artística abrange tanto a prosa quanto a poesia, resultando em oito obras publicadas em quatro idiomas distintos. Eliana Machado recebeu inúmeras distinções literárias, incluindo o prestigioso Prêmio Excelência Literária da União Hispanomundial de Escritores (UHE) e o reconhecimento como Melhor Autor Estrangeiro pela Union Internationale de la Presse Francophone

(UPF) de Mônaco. Seu trabalho transcende fronteiras linguísticas, consolidando-a como uma escritora de destaque na cena literária internacional. Contato: @escritoramachado.



CANTA CIGARRA

O sol arrebenta lá fora
A cigarra canta, é o auge do verão
Meus ouvidos não captam a canção
O verão não me aquece, estou inverno
Embora o sol arrebente lá fora
Essa tristeza gelaria até o inferno

Ainda que o canto da cigarra não me encante
Sempre haverá no ar a sua canção
Se no meu coração é inverno irritante
O sol lá fora aquece outros corações
E tudo acontece à minha revelia
Sem precisar da minha simpatia

Mas quem sabe alguém acenda a fogueira
Pra aquecer meu coração e me deixar faceira
E esse inverno vire eterno verão
Despertando meu sorriso na canção
À beira do gélido inverno, sou verão
Descansa cigarra... Que eu canto sua canção

Cláudia Viana



Natural de Baixo Guandu-ES, graduada em Filosofia, autora do romance Amor em Sete Atos da Chiado Editora. Contato: @claudia.viana.355.



SE A SUA VIDA FOSSE UM FILME...

“A jornada do autoconhecimento nunca termina,
Olhar pra dentro as vezes é difícil..
Relembrar memórias e ressignificar, como isso pode ser possível?
Muitas vezes o aceitar é difícil mas perdoar parece o impossível.
Porém só assim que a culpa alivia e a sensação de alegria domina”

Como seria?

Se você pudesse ter oportunidade de desenhar o roteiro, que tipo de enredo você colocaria?

Personagens, lugares, tudo isso você pode pensar e desenhar.

Assistir a nossa vida como em um filme nos ajuda a dar mais perspectiva do que queremos e pra onde desejamos seguir.

Quais são seus obstáculos ?

Veja se você já conquistou todos os seus sonhos e objetivos.

Mas calma, chegar no final do filme não é o fim, pode ser o começo da sua jornada ou a comemoração de uma conquista muito querida.

Escrever seu próprio filme te possibilita a fazer mudanças, trocar personagens, mudar a sua atuação e até o cenário.

As vezes pode implicar em desgastes, refilmagens, mas tudo bem, o que importa é você se sentir bem com o resultado final.

Se os outros vão gostar do seu filme?

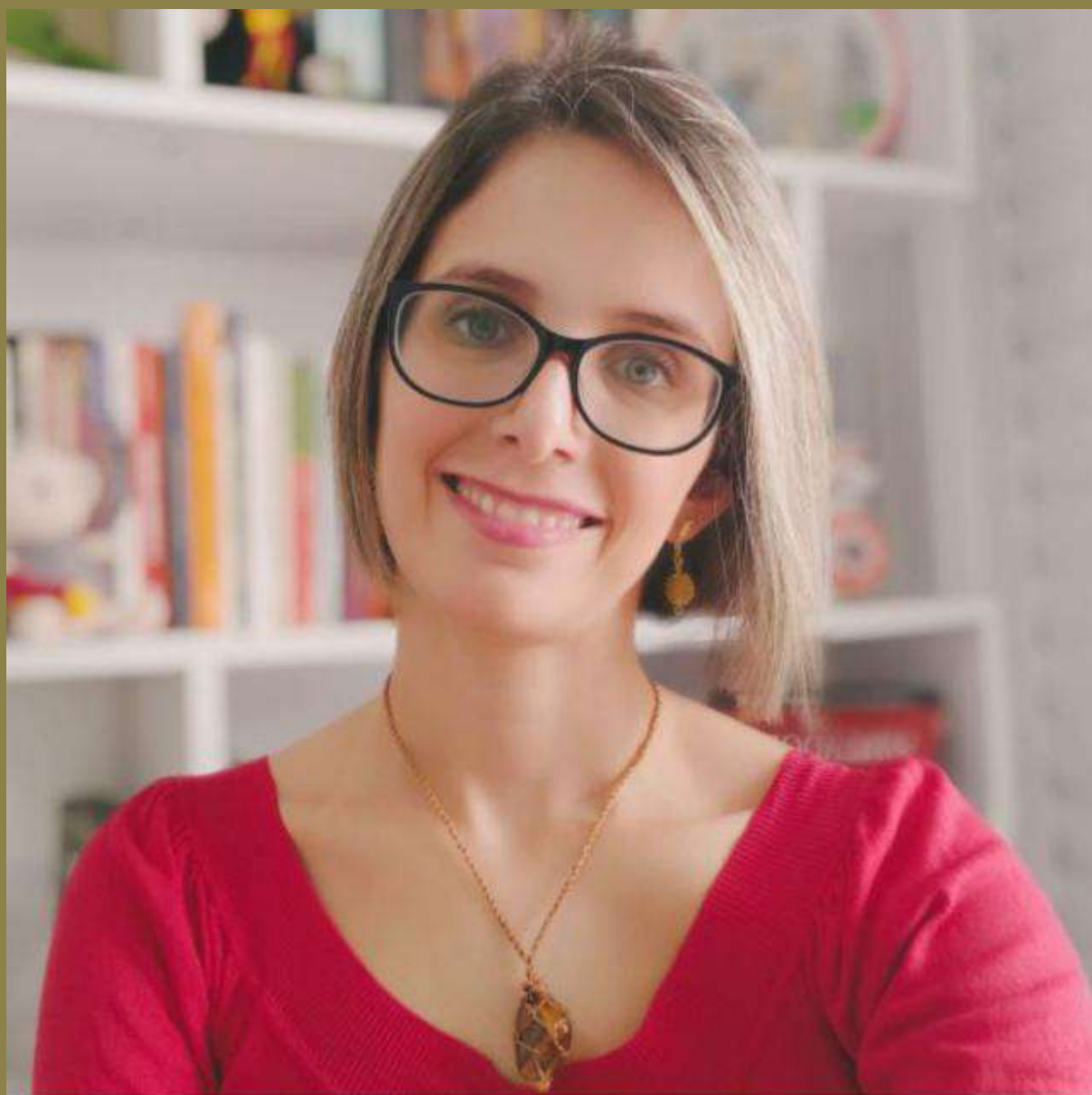
Não sei, as vezes sim e as vezes não, agradar todo mundo é difícil, mas porque você quer que a sua vida agrade as outras pessoas?

Você pode selecionar o seu público, divulgar seu filme somente para quem você quer que assista, se mesmo assim alguém não gostar, tudo bem, agradar a todos não é o seu objetivo.

O objetivo é você assistir ao seu filme e sentir que foi tudo aquilo que você sonhava em ver quando escrevia o seu roteiro.

Então, como anda o filme da sua vida?

Thamiris S. Begoti



Psicóloga (CRP 06/112655), formada em 2012 pela Universidade São Marcos, atua com as abordagens Terapia Cognitiva Comportamental e Terapia dos Esquemas, com diversos cursos na área, além de participação de congressos. Associada a ABTE (Associação Brasileira de Terapia dos Esquemas) .É autora do livro digital autoral “ Terapia de Esquemas através de filmes”. Desde de criança gosta muita de cinema, filmes e séries, hoje dedica as redes sociais para ensinar Psicologia através de filmes e séries. Além disso é Terapeuta Integrativa, atuando há 20 anos com técnicas energéticas.

Instagram e Tik Tok: @psicinefila

YouTube: Psi Cinéfila

Site: www.thamirisbegoti.com



SAMUEL, O GIGANTE

Samuel era um adulto esquisito,
As vezes quieto demais,
outras vezes explosivo.

Em algum canto,
dentro do seu corpo gigante,
morava a criança que ele foi
e uma infância cheia de questões conflitantes.

A criança que mora nele vive pedindo socorro pois sofre,
mas ele parece não escutar,
ele acha que o que ficou no passado,
não é mais capaz de atrapalhar.

Só que passado se atualiza no presente,
se não conseguimos resolver questões inconscientes.
E a criança que lá dentro está,
fala através de um corpo impossibilitado de se organizar.

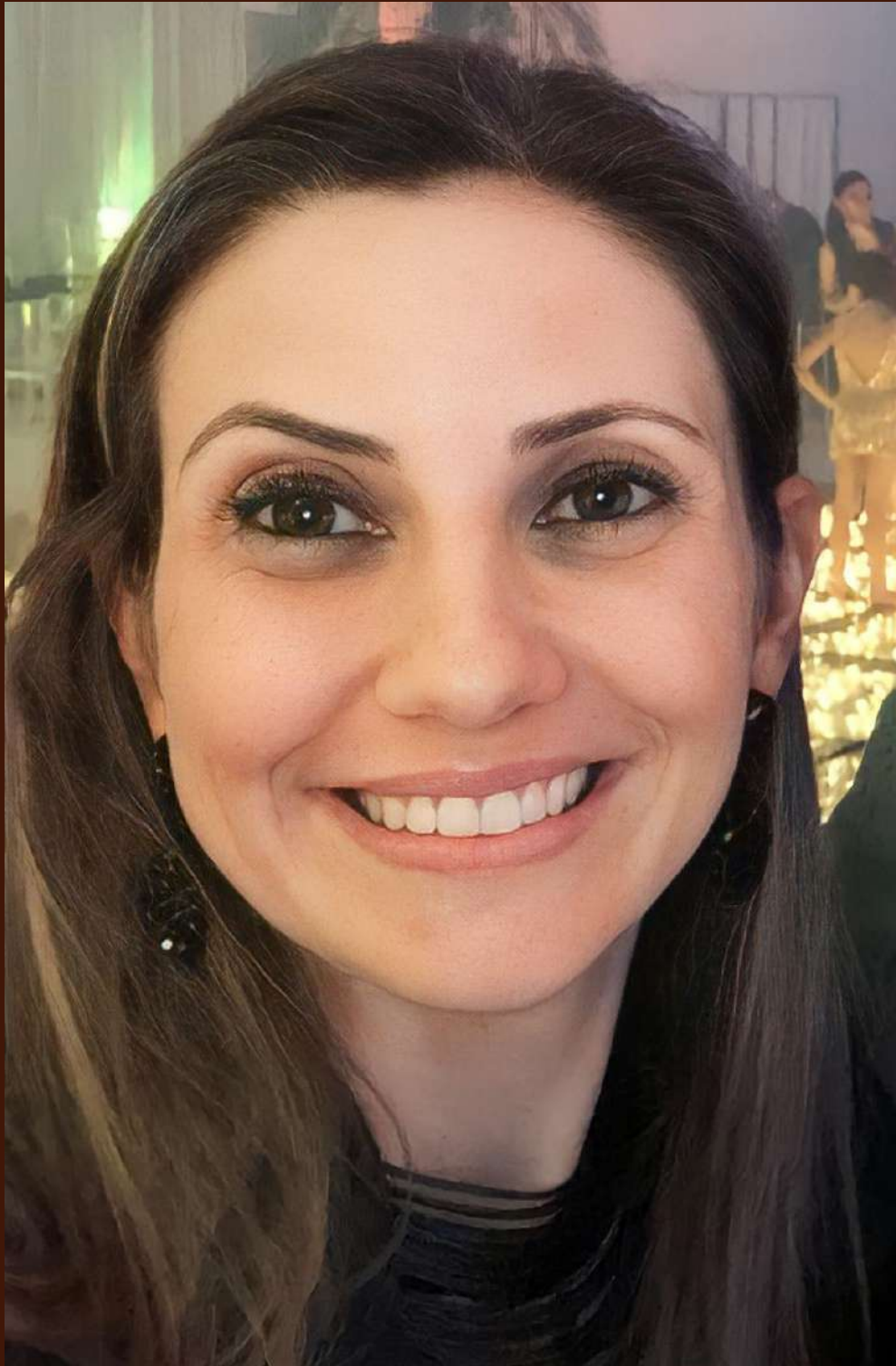
Até que um dia, de tanta confusão armar,
ele resolve olhar para aquela criança e pára de com ela brigar,
faz o contrário, a acolhe e tenta abraçar.

A criança que fomos mora em nós e tenta a todo momento se manifestar,
cabe a nós, poder escutar.

O amadurecimento físico e o emocional precisam estar em sintonia. Como nos mostra Winnicott, nascemos com uma disposição inata para o amadurecimento, mas isso não se dá simplesmente com a passagem do tempo. É preciso um ambiente suficientemente bom para que nasça um psiquismo

e o mesmo venha a ocupar o corpo. A experiência na clínica me mostra que muitos corpos crescem, mas seguem habitados por um psiquismo imaturo, com qualidades predominantemente infantis, que geram sofrimentos e entraves nos relacionamentos e na vida de modo geral. Por certo a criança que fomos nunca nos abandona, mas é preciso escutá-la. Pode ser um exercício em parte doloroso, porém, é libertador!

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto



Psicóloga CRP 07/12534, Psicanalista pelo CPRS, Metre em Ciências da saúde pela PUCRS, Pesquisadora na área do envelhecimento no Instituto Moriguchi em Veranópolis RS, Autora de literatura infantil.



A MENINA E A FLOR DE BULGARY

Era só mais uma primavera
Férias na fazenda onde nasci e cresci
Lugar encantador de sons e cheiros mágicos
Tinha um costume de dormi no quarto da minha mãe
Onde atrás da janela ela cultivava um pé de Bulgari
Cravadinho de flores em cachos, branquinhas,
Perfumadas, lindas...
Quando se abria a janela o cheiro adentrava
Exalando todo o ambiente
Era uma fragrância suave
Era encantador ver a beleza da flor e o seu perfume
A menina colhia uma flor e colocava no cabelo
As belezas se completavam...
Inocência e a pureza da menina
Com o brotar e o floresce da natureza em forma de flor
Perpetuaram-se em lembranças e memória de cheiro
Uma essência adocicada que encantava a menina
Uma vida, um ciclo
Uma flor!

Maria Dorlene Macedo Caldas



Nascida em Independência CE – Brasil, Fonoaudióloga, especialista em Fonoaudiologia no Âmbito Hospitalar, área atuante linguagem oral e escrita. Sendo a escrita uma grande paixão, escreve desde criança, amante de dança, teatro e arte afins. Fundadora e Diretora Técnica da Clínica Fonoarte Estética em Comunicação – Prevenção e Reabilitação – 2001 – atuando. Participou de dezenas de antologias e coletâneas no Brasil e exterior. Membro Acadêmico da academia; AILB – Academia Internacional de Literatura Brasileira. Site:dorlenpoemas.com.



REVELAÇÕES

whimper
em sua tradução
para o português
consta como
choramingar
ou soluçar

um lamento lento
derretido de lágrimas
como as de Fido
que em sua pedra
congela despercebido

mas whimper
também é ganido
voz de cão
pela última vez:
grito sofrido

a depender da paisagem,
whimper pode ser
decomposição
ou desvelo rápido
variando ao que vem
acompanhado

ao modificarmos
uma única letra
trocando whimper
por whisper
o soluço passa a ser
sussurrado

e também pode-se
traduzir para o ato de
segredar
que não usamos tanto
como verbo, móvel
mas como substantivo

segredo
como pedra
até imóvel ser
como pedra é
gravada em solo
de arvoredo
a natureza sussurra
pelo cachoar das folhas
w h i s p e r
ouça:

Ivana Fontes



Tem 26 anos, é sergipana, jornalista, poeta e mestranda em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. A maior parte de sua vida viveu em Maceió, Alagoas, e apesar de sempre ter escrito poesias, ainda está em vias de publicar seu primeiro livro. Já fez participações musicais cantando para a canção “Engenho”, do disco “Aqui era Tudo Mato”, da banda Pacamã, e para diversas faixas dos discos “Fitas P/ o Terceiro Filme”, “Nocaute” e “Cassius e Sonny”, da banda Cães de Prata.



NEGUE...

Negue
Que eu fui
Feito pra você

E que não há
Mais nada
Pra dizer

Negue
Que eu já fui
Seu grande amor

Que a sua boca
Não tem
Meu sabor

Diz que a
Minha triste
Poesia

Fala em
Sofrimento
E não tem cor

Diga tudo
O que quiser

De mim, Dinoráh

Mas deixa
Eu outra vez
Falar de amor

Tem dias que
Não sei
Mais o que sou

Tem vezes
Que me chegam
As lembranças

Não posso
Superar
Essa partida

Se sinto
Que me brotam
Esperanças

Se um dia
Fiz feliz
Seu coração

Pergunto onde
Guardou
Essa paixão

Se um outro
Prometer o céu
E o mar, Dinoráh

Eu mesmo
Não sei mais
Pra onde vou.

**Maria Araújo &
Germano Ribeiro**



Maria Araújo é uma apaixonada pelas artes. Nasceu na cidade de ACARAÚ, num pequeno lugarejo chamado LAGOA DO CARNEIRO, SERTÃO. Além de ser leitora ávida e poeta talentosa, ela também se dedica à arte da confecção manual e é uma artesã brilhante. Maria é natural de Fortaleza, no estado do Ceará. Do outro lado, Germano Ribeiro é um músico e compositor renomado, reconhecido como um dos expoentes da Música Brasileira Contemporânea. Com habilidades incríveis como instrumentista, ele encanta o público com suas melodias. Germano reside na cidade de Campinas, em São Paulo.



TELÚRICO CÉU

SONETOS

Soneto VIII

Renasço, e morro, e vivo novamente
Ao sol do dia, onde o amor procuro,
Tua imagem é fogo e eu só seguro
A sombra de teu rosto incandescente...

Palpita, mas aquieto meu presente
Ao acender-se o mágico futuro,
A ardência de teu beijo eu transfiguro
Numa impalpável chama transparente...

Queimo, e das cinzas clamam minhas brasas
No sangue da raiz...Fremem as asas
Da carne inebriada de Saudade...

Mas quando sobre a alfombra agora aberta
De vésper, a minha alma se liberta,
Somos um na noturna claridade!

Obra inédita de 50 sonetos, não datada; provavelmente escrita em São Paulo, no início dos anos 70.

MARIA THEREZA GALVÃO BUENO



Maria Thereza Galvão Bueno nasceu no Rio de Janeiro, filha de diplomata, e começou sua jornada de viagens desde os primeiros meses de vida, percorrendo países como Egito, França, Itália, Holanda, Suíça, Alemanha, Espanha, Portugal, Cuba, Uruguai e terminando nos Estados Unidos, onde se formou em Letras e História em Harvard. Desde os doze anos, iniciou sua carreira literária escrevendo uma peça teatral em francês, com destaque para seu livro de estreia, "Tríptico" e recebeu Menção Honorosa, prêmio Governador do Estado entre outros prêmios. Ao longo de sua vida, publicou sete livros e contribuiu com jornais e revistas. Também manteve correspondência com escritores notáveis como Luiz da Câmara Cascudo e lecionou

literatura francesa e inglesa por quatro décadas. Ela continuou traduzindo textos de medicina e colaborou com letras musicadas por seus filhos. Pertenceu à União Brasileira de Escritores de São Paulo e acumulou trinta e um trabalhos, entre publicados e inéditos. Seu legado literário é notável, e a autora descreve essa rica jornada em um livro publicado em 1989 e seu trabalho final, "Viagem pelos Sons e Pelas Cores", de 1993. Sua vida é marcada por exploração, criatividade e dedicação às letras. Maria Thereza Galvão Bueno faleceu aos 69 anos em 2 de janeiro de 1996.

CONTATO

Instagram: @mtherezagalvaob

E-mail: mariatherezagb@gmail.com

PROSA



BLUETOOTH

O motorista me olhava confuso e eu, parado à porta, aguardava impaciente que ele a abrisse. Pela janelinha semiaberta, uma mulher de coque alto, pele jambo e cara redonda me observava intrigada, com um sorriso carregado de ironia, e fofocou qualquer coisa com a passageira ao seu lado, cujo corte de cabelo, não pude não reparar, lembrava um poodle tosado. Dona Poodle me encarava como se visse um louco à solta.

Eram quase sete da manhã. Tinha levantado no susto, empapado de suor, depois de constatar que estava meia hora atrasado e que, se não me apressasse, perderia o ônibus das sete e meia e até que passasse o seguinte, já seriam oito horas e o meu terceiro atraso naquela semana. Tomei uma chuva-fria, vesti as primeiras peças de roupa de escritório que vi à minha frente e calcei o primeiro par de sapatos que combinou com todo o conjunto, bebi um café preto amanhecido e saí porta afora, passando os dedos pelos cabelos ainda molhados. Na rua, a passos largos e rápidos, fiquei pensando se tinha trancado a porta. Se não estivesse trancada, estava encostada, disso tinha certeza. Isso talvez enganasse um potencial invasor. Uma porta fechada é, a priori, uma porta trancada. E o esforço de um arrombamento valeria mais a pena em uma casa que ostentasse um jardim com esculturas de anões, não na minha, de paredes amarelas e uma Brasília na garagem de teto de PVC. Eu não tinha virado a chave. Não em sentido horário... Tinha?

Ia assim, ruminando, quando vi a uma quadra de distância que o 1732 – Vila Sabrina se aproximava do ponto. Apertei mais o passo, estava no limite das minhas pernas pouco alongadas, mas havia ainda uma distância a se considerar entre mim e minha chegada às nove em ponto ou às nove e seis e mais um desconto, mais uma cara de reprovação da chefe. De modo que esqueci todo o bom-senso e corri tal qual o Usain Bolt. Minhas veias e músculos

carecem de flexibilidade, porém são longos. Fui o Bolt que dei conta de ser: uma figura esguia, de calça, camisa e sapatos sociais, chacoalhando no ar uma pasta sóbria em uma mão e um blazer azul marinho na outra. Com a cara vermelha e fios de suor deixando rastros irritantes pelas costas, uma vez que fazia um calor dos infernos em pleno agosto, consegui chegar a tempo de dar o sinal.

Em seguida, vem a cena que descrevi. A ponta do meu nariz quase tocando a porta do ônibus. Eu era um cavalo de corrida prestes a correr pra dentro de uma caixa motorizada, escapando voluntariamente da liberdade.

Um disparate, uma confusão, os minutos passando; entrevia a cara da chefe... *Abre aí, amigo! O motorista apontou para o fundo, se liga, parceiro! Tá aberta faz é hora!*

O ônibus não estava lotado, única explicação possível para que eu entrasse pela porta traseira. De qualquer forma, não havia tempo para argumentações ou questionamentos, nem para pensar que um coletivo no qual um filho de Deus de quase 1,90 m conseguiria se espreguiçar confortavelmente àquela hora da manhã era uma raridade. Assim, entrei no coletivo pela porta indicada.

Fiquei em pé, já que todos os lugares estavam ocupados. Olhando em volta, me dei conta de que se tratava de um ônibus daqueles sem ar-condicionado. Achava que esses de janelinha não circulavam mais. Senti uma lufada de ar morno quando o motorista deu a partida. Quis sentar e chorar de desespero, mas resolvi que uma música me distrairia daquela agonia matinal. Apoiei o blazer no braço esquerdo e fui sacar do bolso meus fones bluetooth. Um Zeca Baleiro cantando paciência, um pouco mais de calma, talvez me trouxesse alguma serenidade. Tateei no bolso da camisa, procurando com insistência o que já teria encontrado se estivesse lá, esperando que alguma mágica acontecesse e brotassem daquele bolso de tecido fino um par de fones, tentando não acreditar que os havia deixado em casa. Os únicos que tenho. Tive

que aceitar que meu entretenimento até que chegasse à estação de metrô seriam as ruas e os pontos coloridos que iam e vinham.

O veículo era mesmo dos bem velhos. No lugar dos botões para dar o sinal de descer, aquelas cordinhas de puxar no teto. *What the fuck...* Pensei. Eu estava em uma cápsula do tempo que ia desmontar a qualquer hora? Daí percebi que a distração não estava lá fora, mas bem ali à minha frente, quando uma mulher de uns 20 anos tirou de um porta-cds (um porta cds!) um cd, como era de se esperar, e colocou-o em um disk man. Um disk man! Há décadas não via um. Achei bonita a cena, e senti um aperto, ou saudade, ou vontade de estar em qualquer outro lugar que não fosse aquele trajeto. A moça de rabo de cavalo com fones grandes de fio ligados a um disk man. Ouvia algum rock, uma mpb. Cazuzza? Legião Urbana? Engenheiros do Havaí? Como eu detesto Engenheiros do Havaí. Meu pai ouvia esses caras todos os dias de manhã. Os acordes iniciais de Infinita Highway foram meu despertador durante toda a infância, até os 16 anos, quando ele deu no pé com a Neli, a vizinha sempre tão solícita quando a mãe precisava de uma xícara de açúcar. Deixou um bilhetezinho, escrito na pressa, com aqueles garranchos: *Desculpe, Ângela. Preciso ir atrás da felicidade. Seja feliz você também. Passe bem. Adeus!* Se a mãe chorou, não sei. Mas a ajudei na tarefa de embalar o que ele havia deixado pra trás. Pra doar, queimar, jogar no lixo, sei lá. Gargalhamos e brindamos com nossos copos de Coca-Cola quando começamos a embrulhar seus discos insuportáveis. Depois os deixamos na porta da Neli com o que tinha restado de uma compota de figo que a mãe fazia e que era o doce favorito dele, e um bilhetezinho que dizia assim: *Com açúcar e com afeto.* A mãe nunca mais fez a tal compota e tirou do fundo do armário um vestido azul escuro, com barra vermelha, meio pin-up, rodado e decotado, com o qual o pai implicava. Uns cinco anos depois, ele quis voltar. A Neli o havia trocado por um policial que era fã do Depeche Mode. Aparentemente ela também não suportava Engenheiros do Havaí.

Ao lado da moça do disk man, um homem levava no colo um Pogobol. Presente para o filho? Melhor dizendo, para uma criança? Aprendi que essas coisas de pular, correr, fazer e acontecer eram de menino, lição que desaprendi com o tempo. A vida não para, e o transcorrer das horas deveria ser o mesmo que evoluir. Deveria. A Terra é redonda e Pogobol é pra quem gosta de saltar por aí.

Nos assentos do fundo, dois garotos brincavam de fumar com cigarrinhos de chocolate Pan, aqueles da caixinha vermelha. Gesticulavam afetadamente, de um jeito teatral. Eu podia jurar que tinham parado de fabricar esses cigarrinhos safados. Um após o outro, muito bem coreografados, soltavam no ar sua fumaça de mentirinha, e riam, fingindo ser adultos tendo alguma conversa séria. Eu tenho essa teoria: as crianças se divertem imitando o nosso ridículo. *Agora eu era o dono da empresa e você o cliente e a gente conversava sobre fechar um negócio da China. “Acendem” o cigarro de açúcar e manteiga de cacau, cruzam as perninhas. Agora eu era a mãe e tava cozinhando feijão e segurando o bebê. Você era o marido e chegava e sentava no sofá e ligava a TV pra ver o jornal e eu te levava uma cerveja... Eu era o professor, e fumava, e corrigia provas, e xingava ao telefone...*

A nossa burlesca melancolia.

Em uma parada subiu uma mulher de óculos de aro branco, formato de gatinho e base triangular, abraçando uma pilha de pastas. De cabelos semi-presos, um topetinho modelado a gel, lembrava a Jane, minha professora de inglês do fundamental, que só atendia quando era chamada de Djeine. Entrou pela porta traseira sem hesitação. Parou do lado oposto ao que eu estava. Ainda não tinha lugar vago.

Comecei a achar que tinha pirado de vez. Que lugar era aquele, afinal? Um filme? Um show de Truman proletário? Uma pegadinha do Mallandro?

Olhei-a de canto de olho, pra ver se não era a Djeine. As minhas notas em inglês eram as piores da turma. Só aprendi a escrever faive. F-I-V-E. Faive. Hoje sou fluente. Tá no meu currículo.

Não era a Djeine.

Faltavam ainda uns 30 minutos pra chegar na estação. O sujeito do Pogobol desceu. Indiquei o lugar pra moça dos óculos de gatinho. Ela recusou com um meneio de cabeça. Então sentei-me finalmente e senti outra lufada de ar morno nas bochechas. Por que não aposentavam de vez essas latas velhas?

Os vinte minutos restantes foram tomados por uma aventura não vivida por mim, nem presenciada, mas ouvida em um podcast não solicitado do sujeito no assento oposto ao que eu estava. Um diálogo todo empolgado em um Nokia tijolão. Quem usa esse aparelho hoje em dia? O senhor de meia-idade ao lado. Que tinha feito um churrasco no fim de semana, num tal sítio em Avaré, que sentiu falta do amigo, o qual ouvia do outro lado da linha, em outro tijolão? Nunca vou saber. A Juliana tava uma moça já. Coursava o último semestre de Administração.

Estava sufocando. Que tortura! O calor, a voz alta do cara do tijolão. E de repente Engenheiros não parecia tão chato assim.

Chegando na estação, atravessei a catraca. Pois é. Descemos todos pela frente.

Certifiquei-me de estar no século XXI. Agradei pela lufada de ar glacial no metrô de paredes esverdeadas. Ah! O ar-condicionado! Acomodei-me. Lembrei que tinha posto os fones na pasta.

Ah, meu bluetooth!

Carla Silva



Sou paulistana e filha de maranhenses. Formei-me em Letras pela Universidade de São Paulo e trabalho como revisora, preparadora de texto e tradutora. Escrevo desde muito pequena, mas passei um longo período da vida adulta longe da escrita, que retomei em 2019, quando comecei a participar de oficinas de escrita criativa de autores como Ronaldo Bressane e Marcelo Maluf. Mantenho uma página no Medium onde publico contos, poesias e crônicas. Contato: medium.com/@carlaalessandralopes79 | [@carla_alessandra_silva](https://twitter.com/carla_alessandra_silva).



PROMESSAS DE ANO NOVO

Ano que vem, hei de escrever em capuchos de algodão. Amaciarei a palavra. Afrouxarei os elos da corrente enlouquecedora do nada. Ainda hoje, o que escrevo é duro, restos de Big Bang petrificados. Sou a estrela morta mais próxima da Terra.

Decerto, ano que vem, descobrirei que minhas palavras paleozoicas mentem. Dessoterrarei as borboletas fossilizadas no estômago. Deixarei que voem. Inventarei novos axiomas. Coarei significantes azuis em linho branco.

Ano que vem, a rima bonita sairá de mim. O poema que dança me habitará. Falarei mais de flores, folhas, águas e pássaros. Falarei mais de urucuns e abacateiros, e sobre a brevidade dos girassóis. Misturarei minhas letras aos cravos e anises-estrelados. Meus versos serão perfumados. Ninguém saberá o que é poesia, o que é constelação.

Aline Matias



Poeta e educadora. Natural de Maranguape, Ceará. Atravessada pela Psicanálise. Sua escrita toca o feminino, desejo, falta, amor, erotismo e a contemplação à natureza. Fala a língua das pedras, flores, bichos, da lua, céu e mar. Autora da zine O Vômito da Rosa Astral, sua primeira publicação solo e independente. Possui textos publicados em antologias poéticas de autoria de mulheres. Membro do coletivo Mulherio das Letras - Ceará. Quando renascer, deseja ser música. Contato: @beijo.o.poema | lalobamarymatias@gmail.com.



FIO A FIO

A vida virou sexta-feira. Só existe sexta-feira! Mal dá tempo de perguntar *que dia é hoje*. Neste rodar insano dos dias, me enleio nos caminhos de uma mente serpenteada e me perco. *Serpenteado me lembra* serpente, tentação, maçã irresistível. Penso na Branca de Neve. Condoída com uma pobre vendedora de maçãs, se lascou. Hoje é maçã transgênica que adormece desta feita a alma, e não mais o corpo. Deste é preciso extrair a força que move o mercado, que move o globo, que move a insensatez que a tudo move.

O corpo não pensa, ele obedece, é preciso entontecer a alma. Sonambulando em pleno dia, vou engolindo drágeas de insensibilidade. São tantas e tão rápidas as voltas do ponteiro do relógio, que tropeço, embriagada de esperanças vãs. Viro a chave do cofre de memórias, que caem todinhas, a cada dia, como frutos ainda verdes, derrubados pelo vendaval na troca de estação. Não sei como, nem de onde tornam a nascer. Na caixinha de memórias, eis-me na estação, esperando o trem, e o trem passa e não vejo.

Meu dia abre às 5, na primavera e no verão. No outono e no inverno, abre às 7. Sou sazonal, acordo com o clarão do dia. Meu comércio de esperanças é pontual, sobe as cortinas de aço cedo, pra vender respostas prontas. Ou comprar, pra revender. Ninguém quer saber de onde elas vêm, quem as semeou, muito menos quem as colheu. Vivemos de respostas. Tem dias que acordo azeda. As portas dos meus olhos se recusam a abrir. Pra quê? É a pergunta que se repete, como o alarme do celular, quando esqueço de desligar. Porém, com o amargor intermitente já aprendi que a leveza da alma precisa cultivo, não nasce do nada. Também precisa ser regada, e cercada contra ervas daninhas e larvas. É preciso fazer um esforço para abrir os olhos, pular da cama, desnudar a consciência para o sol da

vida, em seu movimento. Para que o dia não se perca em mazelas, queixas, lamúrias e muita raiva.

A raiva ainda é sinal de vida. Pior é a indiferença, um qualquer-coisa, um deixar-para-lá, e assumir o boneco de pano como identidade. Inúmeras vezes fui puxada cama a fora pela doçura do mamão que me esperava na geladeira. Sim, uma fruta ressuscita. Uma flor, um pássaro, um sorriso, um batom, um banho. Porque a vida fala do amor, sempre. E o amor ressuscita, e flui garganta abaixo. Destrava, desperta de um engasgo de cem anos! Vou pro banho às vezes de manhã, outras de noite, e outras ainda, duas vezes.

Quando acontece de me conectar com a água, com o perfume do sabonete, com a delicadeza da mão que desliza na espuma, minha pele me vivifica numa intimidade desnuda comigo mesma. A verdade me escancara: que privilégio este banho! Mas o tempo, este feitor que nos comanda sob grilhões, reduz tudo a repetição e sou sugada pelo automatismo. Meu banho, como os restos do meu dia, vira rotina. Me esqueço de me conectar na tomada do agora. Acho que o esquecer é analgésico para uma dor que sequer sabemos de onde vem. Todo o meu tormento é ontem e todo o meu medo é amanhã. O agora é limpo, leve e livre. Mas líquido, escorre ralo abaixo no box de azulejos salpicados de espuma e de gotas do meu corpo.

Acho que rotina é uma rodinha que gira sem parar, dentro do cérebro. Talvez seja um chip alienígena, inserido na pele, enquanto dormimos. Damos o start não sei como, onde, nem por quê. Nem sei bem se sou eu mesma a girar a ignição. Acho que rotina é um assassinato do belo, cometido por acaso, no espanto da primeira vez. Depois será sempre e apenas 'outra vez'. Embalsamado. Uma múmia. Isto! O corpo da alma, toda atada, braços, pernas, mãos e pés. A rotina não para nunca mais, absoluta mente repetitiva, mortal.

Um dia eu voltava do trabalho. Minha caçulinha de 2 anos me esperava no portão, no alto da rua. Disparou ladeira abaixo, pela calçada, com os bracinhos abertos, para me saudar. Me abaixei e a engoli nos meus braços. Esta rotina poderia repetir mil anos e eu me embeveceria sempre, como a primeira vez. Descobri que a rotina não é a vilã, mas sim a matéria morta de que se nutre.

O mundo é um pipocar de informações inúteis e eu a decifrar me afofo num mar reflexivo de neurônios escravizados, condicionados na busca de sentido, mesmo que *sem tido* algum. Com o *tido* do outro, nada tenho de meu. A não ser o ego escamoteado e vilipendiado de um saber tudo-sobre-nada. Este é meu, ainda que descarada mente plagiado de uma alienada mente coletiva. Falo de um ego fabricado, tricotado fio a fio, dia a dia por um sistema antropofágico. É preciso transcender, murmuro em pensamento. Ainda que nem sempre, às vezes, num rasgo de uma alma que desperta, me descubro nua. Vergonha alheia, me escondo na fumaça da água quente.

Diz a lei da inércia que um corpo em repouso ou em movimento só altera sua condição pela atuação de uma força sobre eles. Acho que em mim esta força é vontade. Mas de quem? De onde vem minha vontade? Quem a fecunda para que cresça e se impulsione em ação? Minha vontade é terceirizada. Vivo uma hipnose, a nova forma contemporânea de adormecer brancas-de-neve.

Mais xampu ou mais condicionador? Nem no banho me liberto de ser condicionada. Mas... há sempre um *mas* que nos retorna à condição de Sapiens. Há algo em mim que tudo isto percebe, mesmo que envolto em fumaça, num caldeirão fervente de ideias e conceitos alheios ao meu alcance. É este perceber que me esperança. Um saber intuitivo, que brota das entranhas, dizendo *vai, isto passa!* Talvez as drágeas de indiferença já não estejam fazendo efeito. Por outro lado, vivi o bastante para entender

que existe uma vontade que me leva para o abismo, e uma vontade que me ergue do lamaçal. Não podem provir da mesma fonte. Um enigma.

Algumas vezes, me esqueço se afinal enxaguei o amaciante do cabelo. Sim, amaciante. Porque cabelo, pele e roupa viram sinônimos, no anonimato de uma manhã qualquer. Fico com raiva de mim mesma de perder a vida *real*, mergulhada sempre em pensamentos vazios. Mas afinal, vazios de quê? Não sei, as palavras são traiçoeiras. Vazio é um lugar em lugar nenhum. Um alguém perpassado de ninguém. A ausência é a presença do nada! Qualquer explicação basta ao meu cérebro faminto de definições. Sou movida a rótulos. Presença oculta, plenitude imaginada. Pode? Como uma sombra de algo que não é. Efeito sem causa. Tudo fruto da imaginação. Ou seja, ação em imagem, apenas.

Alguns dizem que coisa nenhuma é. Tudo é um eterno vir a ser. Isto mata o agora e o transforma num eterno inalcançável. Nem as pedras, se pensar pudessem, ao nosso modo, nem as pedras, oh, soberbice infame, afirmariam isto! O sabor - o sal do mundo - está no inusitado, no inesperado, na primeira vez irrevogável de descobrir-se alguém vivo, de eternidade em eternidade. A eternidade é o bem mais precioso, mesmo que distribuída em infinitas manifestações. A vida é poderosa suficiente para nunca se repetir.

Quando vejo, estou espalhando o creme no seco da pele em meus @ e poucos anos, que breve serão @ e tantos, e como minúsculas gotas tragadas pela terra seca, se some nos poros famintos de juventude. O banho acaba, o prato se esvazia, a terra fecha seu ciclo, o dia termina e não vejo nada disto, ocupada em pensar, para encontrar saída do labirinto, na pele de um Teseu sem tesão nenhuma. Ufa! É hora de fechar portas e janelas, e de escurecer a casa pra dormir. Minha lucidez desperta apenas quando o burburinho cessa e tudo se fecha.

Poderia tecer um manto de fios de cabelos caídos pela casa. Guardo para fazer uma almofada para descansar a cabeça. Não suporto vê-los sobre o chão, nos ladrilhos brancos do banheiro. E nua, de quatro, como domesticado e conformado animal, fico juntando fios cheios de pó. Ai, pó! Nunca acaba. Dizem que viramos pó quando morremos. Já somos. De joelhos, umedeço os dedos com saliva e grudo, fio a fio, entre o indicador e o polegar, os fios de cabelos caídos ao léu. A história da almofada é mentira. Jogo tudo no vaso sanitário e dou descarga.

Irene Genecco



Nasceu em Butiá/RS, em 21/07/1949. É escritora, mas não foi sua profissão de sustento. Mora em Porto Alegre. Exerceu 35 anos de profissão burocrática, como concursada. Casou-se 3 vezes. É divorciada. Seu primeiro casamento foi aos 18 anos, durou 17 anos e dele teve 4 filhos. Sempre que possível, disponibiliza parte de seu tempo ao trabalho voluntário em ONGs, como forma de engajamento comunitário. De formação acadêmica em Pedagogia, é pós-graduada em Educação e Formação, em Aveiro – Portugal, 2021. Apaixonada por música, Filosofia e Ciências humanas, estuda, lê, viaja, fotografa e sobre tudo escreve! Estudou música num

conservatório dos 7 aos 15 anos, e seu hobby preferido é tocar teclado. O autoconhecimento lhe fascina, e lhe impulsiona a estudar questões sobre Meditação, Física Quântica, vida extra-terrestre, Xamanismo, Reiki estelar, espiritualidade e imergir na literatura, de modo geral. Em suas obras constam o livro de poesias Inquietude, edição in-dependente, 2008. No mundo da Ficção, só que não, livro de relatos sobre seus experimentos em Regressão a vidas passadas, Viagem astral, Salto quântico e Ayahuasca, lançado na 68ª Feira do Livro POA, em 2022. No momento tem um livro de contos e crônicas, publicado na Editora Appris – Um olhar para além do cotidiano - Contos Urbanos & Outros Que tais. Num turbilhão de energia não consegue parar ou diminuir seu ímpeto de busca, aprendizado e crescimento. Observadora, sonhadora e altamente questionadora capta sua inspiração do que transcende as aparências na sua rotina de vida urbana, fonte e alvo de sua expressão literária. Contato: @irenegecco.



DESPERTAR-SE

Chegara em casa ainda embriagado pela luz do sol. Irritou-se com cheiro de mofo e com as infiltrações na parede do quarto. Foi à cozinha, abriu a torneira da pia, encheu um copo, bebeu. O sabor lodoso dos canos o fez sentir ânsia de vômito, bem como as lembranças sujas de sua infância curta... o gosto amargo de um corpo branco e mais velho que o dele.

Foi se deitar.

Via-se agora sob uma lápide de aço, acuado, refletia em seus olhos o objeto de seu asco.

Acordou, sentou-se ao pé da cama, uma barata passou sobre os seus pés, lembrava-se da poeira e das grades daquela cama que o prendera quando criança, chorou.

Abriu a geladeira, tirou uma garrafa – já aberta – de um vinho barato e amargo, tomou o resto do líquido avinagrado num gole só. Abriu sua carteira de Lucky Strike e saboreou um confortante trago, que o fez acalmar, deixou o cigarro repousar no cinzeiro e foi tomar banho. O toque em seu corpo o incomodava, enquanto a água fria cortava sua pele como navalha, tal qual as facas amoladas por seu avô, ficou por minutos naquele ritual, era sua via crucis, a via crucis de seu corpo.

Saiu do banho, secou-se. Foi ao quarto de vestir e despiu-se de seus medos, escolheu a melhor roupa e saiu sem saber para onde ia.

Egberto Vital



Natural de Esperança, agreste paraibano, graduado em Letras pela UEPB, mestre em Literatura e Ensino pela UFCG e doutorando em Literatura e Interculturalidade pelo PPGLI/UEPB. Contista, poeta e ensaísta, publicou, em 2011, a obra poética “Sinestesia” e em 2013 publicou o ensaio “O Admirável Mundo Novo de Pitty,” ambos pelo selo Clube de Autores, em 2021 publicou, em coautoria com a professora Márcia Tavares, o ensaio “O clássico e a literatura de massas na formação do leitor literário na escola”, na coletânea “Modos e meios de ler a literatura infantil e juvenil contemporânea”, pela EDUFCEG, além de contos e poemas publicados em diversas antologias. Em 2023 lançou “Rasgos Poéticos” pela Editora Arribaça.



TARDE PARA SABER

Naquele dia eu acordei muito cansada. Tinha na língua um forte gosto metálico. Na cabeça uma dor alucinante que nascia na base da nuca, entremeava-se pelas paredes internas de meu crânio, infiltrava-se pelos labirintos de meu cérebro, invadia meus nervos ópticos e lancinava meus olhos.

O lugar estava muito escuro. Não fosse a tímida faixa de luz que escapava pela lateral da cortina e uma ponta de consciência, eu diria que havia sido enter-rada viva.

Aos poucos meus olhos foram se adaptando ao ambiente e comecei a ter alguma noção de onde estava.

Era um quarto pequeno, com uma cama, uma mesa de madeira e sobre ela um pequeno aparelho de TV de tubo. Ao lado, um copo plástico, uma jarra d'água e alguns comprimidos coloridos espalhados.

Até então, eu permanecia imóvel. Continuava coberta, com meu corpo meio dormente, pesado, parecendo maior do que eu. Quando tentei levantar uma de minhas pernas, percebi que não estava sozinha. Sobre o meu pé esquerdo havia uma mão apoiada e fria. Um intenso arrepio percorreu todo meu corpo e gelou minha nuca.

Dei-me conta de que não tinha a menor ideia de onde eu me encontrava e muito menos de quem estava ao meu lado. Minha respiração tornou-se parado-xal e comecei a sentir falta de ar. Concentrei-me na fresta de luz e busquei respi-rar profundamente, por algum tempo.

Cuidadosamente, movi o lençol para o meio da cama e comecei a me des-cobrir.

Eu estava totalmente nua. Pude ver que ao meu lado havia uma mulher bem mais velha do que eu e que, ainda vestida, dormia pesado.

Ela estava em posição contrária à minha, com seus pés na direção da cabeceira. As unhas de seus pés estavam pintadas com uma cor escura que não consegui definir.

Pensei em ligar a TV para tentar descobrir que horas eram, mas receei acordar a estranha ao meu lado.

A luz que entrava pela janela tinha um tom alaranjado como das lâmpadas de rua. Pelo silêncio julguei que ainda era madrugada.

O carpetado do quarto permitiu-me pegar as roupas esparramadas pelo chão e vesti-las, sem muitos ruídos.

Abri a porta e saí sem descobrir quem era a mulher. Lembro-me, apenas, de alguns detalhes de sua face envelhecida, que os cabelos eram grossos e quase todos brancos, os quais a pouca luz já denunciava.

Vi-me num corredor fétido, cujas paredes úmidas exibiam inúmeras manchas de bolor. O piso era um mosaico repleto de falhas e peças soltas. No teto a única luminária de lâmpadas fluorescentes não parava de piscar.

Havia várias outras portas, iguais a que eu acabara de fechar. Na minha, uma marca deixada pelo número que já não estava mais ali parecia ser um seis ou talvez um oito.

No final do corredor, uma porta corta-fogo com barra antipânico parecia ser a saída. Acima dela, o LED vermelho de uma câmera de segurança piscava. Não havia mais ninguém ali. Cobri meu rosto com o braço direito e saí sem problemas, ainda com meus sapatos nas mãos, evitando barulhos que pudessem chamar a atenção de alguém.

A saída dava direto para a rua. Um beco, onde nas calçadas alguns sem tetos dormiam cobertos por jornais e papelões. O cheiro de fora, muito pior que o do corredor que eu acabara de deixar, me fez vomitar esverdeado.

Sentei-me no degrau da porta e calcei os sapatos vermelhos de salto alto, que carregava. Estranhei a cor e o fato de não combinarem com a calça jeans e camiseta branca que vestira ao sair do quarto, ou minhas unhas dos pés, sem

pintura. Pensei que aqueles sapatos poderiam ser da outra mulher, já que as roupas pareciam ser minhas e ela estava vestida, embora descalça. Talvez, ao acordar, ela estranhasse não encontrar seus sapatos e achasse um par de tênis, que pudessem ser meus, mas eu não me recordava do que havia calçado anteriormente, ou da roupa que estava usando.

Por um instante pensei em retornar ao quarto, acordar a mulher, descobrir quem era e tirar as dúvidas sobre os sapatos. Porém desisti quando vi que a porta do lado de fora não tinha maçaneta, mas apenas uma outra câmera de vigilância e um interfone. As únicas inscrições naquela porta eram pichações sem sentido para mim.

Faltava pouco para o dia amanhecer e parte da iluminação da rua começava a se desligar.

Levantei-me e enquanto enrolava meus cabelos em coque senti que estava sendo observada, mas exceto pelas pessoas em situação de rua que pareciam dormir, não havia mais ninguém ali. Olhei mais uma vez para a câmera de vigilância e ela me pareceu ter mudado de posição.

Peguei um boné que estava no chão, ao lado de um dos desabrigados, vesti, e comecei a andar sem saber para onde ir.

Eu não tinha a menor noção de que dia, mês ou ano era. Botei a mão nos bolsos da calça e encontrei um papel com um nome escrito. — Gönner —. Foi quando percebi que não me lembrava do meu próprio nome, ou qualquer coisa sobre mim.

Girei meu corpo para um lado e outro, várias vezes. Observei cada detalhe do beco, tentando trazer alguma lembrança que pudesse me ajudar. Mas nada.

Na esquina, uma pessoa que vestia roupas escuras, incluindo casaco e chapéu, parecia fotografar-me.

Gritei algo impronunciável e comecei a caminhar em sua direção, mas ao chegar à esquina não havia mais ninguém.

A sensação de ser observada só aumentava. Eu podia sentir que atrás das portas ainda fechadas, alguém me olhava de algum buraco de fechadura ou de alguma veneziana entreaberta. Ouvia sussurros, risos e o que pareciam ser palavras a me condenarem.

Um zunido começou a crescer nos meus ouvidos e num instante senti-me ensurdecida, como se uma bomba tivesse explodido ao meu lado, abafando todos os sons ao redor. Tudo girou.

Acordei entre caixas vazias de bebidas, numa espécie de porão. Uma pequena grade de ferro permitia-me ver a rua rente ao chão. Lá fora estava muito claro e dezenas de pés desfilavam em frente à abertura. Um toco aceso de cigarro caiu muito próximo à grade. Desejei alcançá-lo, mas alguém pisou sobre ele e esmagou meu impulso. Gritei, aflita, mas antes que alguém da rua notasse minha presença, a luz do porão se acendeu e a porta foi aberta.

Uma pequena escada de madeira me levou até o andar superior, onde um homem que estava atrás de um balcão me esperava com um copo de leite frio.

Peguei o copo e sentei-me a uma das mesas do lugar, o qual ainda estava fechado.

Era um bar pequeno. Além do balcão, poucas mesas e cadeiras escuras. Quase não havia luzes no ambiente. Apenas poucas lâmpadas, distribuídas pelas paredes, cuja fiação corria exposta e servia de dormitório para as moscas.

Na parede, ao meu lado, havia um grande e velho espelho, todo manchado. Não sei precisar quando fora a última vez que me vi. Não lembro se o preto dos meus cabelos sempre fora assim, nem se já os havia usado tão curtos. Minha pele tinha tom de vela.

Minhas mãos, trêmulas, mal me permitem controlar o copo de leite.

Nas unhas das mãos, restos de esmalte preto.

O leite desce estranho e me causa um certo enjoo. Bebo-o devagar.

Calado, o homem do balcão apenas me observa. Ele aparenta ter compaixão por mim, mas evita dizer.

Um telefone fixo que está preso à parede toca e o balconista atende. Ele fala baixo, mas ouço quando diz “ela está aqui”, antes de encerrar a ligação. Ato contínuo ele pega um molho de chaves do bolso, abre uma porta ao fundo e entra, deixando-as na fechadura para o lado de fora.

Levanto-me, acesso à área do balcão, tranco-o e consigo deixar o local, mas não sem ver meu rosto estampado num jornal guardado na gaveta do caixa.

Pego o diário e o dinheiro, cuja moeda não reconheço, assim como o idioma da publicação.

Abaixo de meu rosto, na foto do jornal, está escrito Heidi. Na foto ao lado, reconheço o homem de casaco e chapéu que vira próximo ao beco e que parecia me fotografar. Gönner.

Nas ruas, não reconheço nada. Pessoas, lugares, cheiros, palavras, indicações etc. Tudo me é estranho. Minha cabeça parece que vai explodir e meus olhos querem se esconder da claridade.

Definitivamente, os sapatos vermelhos de salto alto nunca foram meus. Sangro pelas ruas.

Chego a uma pequena praça, onde algumas crianças correm em torno de um chafariz desligado. Paro para descansar. Uma delas, ao me ver, para de correr e parece me encarar. Ela tem um olhar julgador, capaz de me constranger a ponto de fazer-me interromper aqueles minutos de repouso.

Volto a caminhar e percebo que a criança julgadora fala algo para uma mulher, que parece ser sua mãe. Começo a andar mais rápido, enquanto a mulher fala ao celular e me segue com os olhos.

Quadras depois, pego um par de óculos exposto do lado de fora de uma loja, coloco-os e saio sem ninguém perceber.

Mais adiante, somo os números das notas que peguei do caixa do bar. Tenho 35.

Começava anoitecer quando encontrei uma banca de frutas, com placas indicando valores. Compro duas maçãs por 10.

Atravesso a rua e paro para ver uma vitrine, enquanto como. Pelo reflexo do vidro vejo o vendedor de frutas apontar para mim e falar algo com um comprador que olha para um jornal e concorda.

Há uma escada rolante na esquina e ouço barulho de trens. Desço e chego a uma estação antiga. Há muitas pessoas vindo, apressadamente, no sentido contrário ao meu. Encosto-me à parede e avanço no sentido inverso até entrar pela porta de onde elas saem. Um homem grita algo comigo, mas sigo sem olhar para trás.

Um dos trens para e entro nele sem saber o que devo fazer. Duas paradas depois, resolvo descer e fico sentada num dos bancos de espera.

As luzes diminuíram e os trens já não passam. Dois homens se deitam em outros bancos. Espero eles dormirem e faço o mesmo.

Acordo com um dos homens que dormiam segurando minhas pernas, enquanto o outro está sobre mim, prendendo meus braços e falando muito. Sua expressão é de quem tenta me acalmar, mas sua força de quem tenta me matar. Grito, em vão. Não vejo mais ninguém na estação.

Debato-me, até que um de meus sapatos sai e consigo chutar o queixo de quem me segurava pelas pernas, que cai desacordado. O outro homem sai de cima de mim e começo a correr em desequilíbrio, até me livrar do outro sapato e ficar descalça.

Subo a primeira escada que encontro, seguindo as luzes dos túneis e chego numa das saídas. Fechada.

Trêmula e fraca, encolho-me, olhando para a escada que acabara de subir, rezando para que os homens não apareçam.

Acordo presa a uma cama. O lugar é todo branco e há um monitor ligado a mim que apita de tempos em tempos. Não há janelas no local. Apenas uma porta. Tenho a impressão de estar há muito naquele lugar. Consigo ver meus pés, que já não estão mais machucados.

Meu corpo não dói. Quase não o sinto, exceto pelo contato da roupa e das pulseiras de couro branco em meus pulsos e tornozelos. Sinto que não tenho mais os meus cabelos. Tento me imaginar sem eles. Aqueles que vi no espelho manchado.

A luz se apaga. O tempo parece não ter fim, na escuridão total.

Está claro, novamente.

Começo a chorar, apavorada. Debato-me, grito. Durmo de exaustão.

Quando acordo está escuro.

Mais uma vez estou num lugar desconhecido, sem saber quem sou e sem entender como cheguei.

Começo a ter medo de mim. Temo o que eu possa ser ou ter feito, a ponto de estar presa, amarrada e isolada de qualquer coisa ou pessoa.

Quem era a mulher naquele quarto? Não me recordo de senti-la respirando. Talvez estivesse morta. Talvez eu a tenha matado.

Quem era o homem do bar? Com quem ele falava ao telefone e por que tinha guardado aquele jornal? Por que pareceu ter me escondido, sem me entregar à polícia?

Quem roubou os demais dias de minha vida? Por que não lembro de mais nada?

Talvez seja melhor pensar que estou presa. Sim. Finalmente capturada e trazida para um hospital prisão. Pagarei por tudo que cometi. Não importa o que eu tenha feito. Preciso pagar por tudo. Não posso ser uma ameaça. Talvez eu esteja na fila para ser executada. Raspam minha cabeça. Serei eletrocutada. A sociedade ficará livre de mim e de todo mal que devo ter cometido.

O quarto branco me aflige. Não ouço mais o som do monitor ligado a mim. Não ouço nada, além de meus próprios ruídos e pensamentos. Às vezes penso ouvir meu próprio coração. Outras vezes acredito estar morta, condenada a ficar aqui por toda eternidade, tendo como únicas lembranças de minha vida, poucas horas de memórias desconexas.

Se estou morta, embora tudo seja branco por aqui, não estou no céu. Não o mereci. O inferno, tampouco, deva ser assim. Parece muito organizado e imagino que as profundezas sejam a expressão do caos. Uma constante queima de culpados que nunca se consomem, nem se esgotam. Queimam eternamente.

Devo estar no limbo, enquanto um anjo e algum demônio debatem minha absolvição ou condenação. Julgam pecados que não me lembro de tê-los cometido, mas em minha defesa, nada tenho a oferecer. Como os deuses poderiam condenar alguém que não se lembra de ter pecado? Qual seria minha sentença, se condenada? — “E por teres pecado, ainda que não te lembres, estás condenada ao martírio eterno das não lembranças.” — Preferível seria ter sido condenada a rever meus pecados por toda eternidade, sem descanso. Isso seria justo. Mas talvez não haja justiça nas decisões divinas.

O que acredito que sejam os dias e as noites seguem intermináveis, entre o acender e o apagar da luz.

Não sinto fome. Talvez um dos fios ligados a mim possa estar me alimentando.

Preciso descobrir se estou morta. Preciso tentar morrer.

Com meus tornozelos e punhos presos, mal posso me mover. Penso em alcançar um dos fios que me ligam ao monitor e quem sabe desligar algo que me mantém viva. Tudo está distante. Se ao menos minha boca pudesse morder um daqueles fios...

Só há uma forma de provocar minha própria morte.

Levanto o máximo possível minha cabeça. Abro minha boca. Com minha língua para fora, mordo-a. Num gesto brusco e forte, bato minha cabeça contra a cama, apertando, simultaneamente, a mordida, que decepa grande parte do corpo lingual. Posso ver o vermelho de meu sangue, sobre a roupa branca. Não estou morta. Sangro muito, coisa que os mortos não fazem.

O monitor começa a emitir um sinal mais agudo e com repetições de intervalos curtos. O som vai aumentando, mas não ouço mais nada. Ninguém chega.

Preciso de ajuda.

Quero gritar, mas engasgo com o sangue que não para de verter.

Tento cuspir o excesso de sangue, mas com a língua cortada não controlo os movimentos e a tentativa é inútil.

Começo a me sentir fraca e minha vista falha.

A decisão de tentar morrer para confirmar a possibilidade de já estar morta fora tomada. Nada posso fazer para reverter minha ação.

Falta-me ar. Mal enxergo. Não ouço mais o monitor. Paro de sentir o gosto e o cheiro de meu sangue.

Talvez ninguém ou nenhum deus tenha me condenado. Talvez eu tenha sido poupada de me lembrar da vida que tive. Talvez as lembranças sejam demais para mim.

Já é tarde para saber.

— Gönner, ela morreu outra vez.

João Paulo Vieira



Nasci em Vinhedo, em 22 de maio de 1967, cresci em Sousas – Campinas SP. Casado, desde 1988, sou pai e avô. Em 2019, aposentei-me pelo Banco do Brasil, após mais de 37 anos na instituição, onde saí como gerente-geral, além de ter exercido a função de educador corporativo e atuado presencialmente na formação de centenas de profissionais, nos últimos 9 anos de minha carreira. Sou formado em Administração, com MBA em Gestão Financeira pela FGV. Há 10 anos, resido em Valinhos SP. Desde agosto/2023, atuo como articulista do JTV – Jornal Terceira Visão, de Valinhos SP.



UM BRINDE AOS NOVOS COMEÇOS

Ah ano novo, tenho pensando tanto em você!

Como uma criança espera o Papai o Noel, eu sei que você também chega à meia noite, trazendo um presente ainda mais valioso. Um recomeço.

São 365 dias de novas possibilidades. Posso ser a mesma pessoa ou não. Posso continuar no mesmo emprego ou não. Manter o estilo ou mudar completamente. Quem sabe? Certamente eu não.

Os dias são tão frenéticos, os relógios tem girado tão rápido que mal percebemos a vida, mas ela acontece independente disso. Quando realmente nos damos conta, a última contagem regressiva do ano já está aqui e tudo que queremos é a chance de viver de novo. E, quem sabe, prestar mais atenção.

Existe uma mistura de sentimentos que paira durante essa época do ano, você sabe. Saudade, nostalgia, expectativa. A virada de ano é um momento vibrante. Enquanto vigiamos os últimos minutos, o coração vai se enchendo com uma nova energia.

Nessa altura, depois de 12 meses gastos, tudo o que precisamos é saber que temos essa nova chance chegando.

Viver dói e é sempre desafiador. Sei que isso não muda. O ano novo nunca é mais fácil ou mais leve que o anterior, até porque nós estamos mais velhos e o tempo também cobra seu valor. Mas saber que o calendário recomeça e que teremos novas chances, é reconfortante. A esperança cresce.

Enquanto alguns tem medo do desconhecido, tenho um certo fascínio. Andar pelo mesmo caminho sempre acaba nos levando ao mesmo

lugar, quando o que realmente precisamos é nos mover. Planejar demais, encher a agenda e ver os dias cheios e ocupados cansa a mente e transforma a expectativa em ansiedade. Não saber o que estará no caminho ou onde vou chegar é o que me impulsiona.

Desejando que as outras pessoas também tenham suas oportunidades de recomeço. De continuar vivendo e de viver melhor. De estarem seguras, alimentadas, de terem momentos felizes e realizações.

Então, sacudindo a poeira da estrada percorrida, estou pronta para começar a nova. O plano é viver, tendo em mente apenas aquilo que não quero repetir. Mente e coração alinhados, gente querida por perto, e lá vamos nós!

Saúde!

Letícia De Sousa Viana



Letti tem 28 anos e é natural de Serra, Espírito Santo. Enfermeira por formação e artista por vocação, Letti se encontrou no mundo dos livros e da arte quando ainda era criança. A capixaba escreve desde os seis anos e até o momento foi coautora em oito livros publicados, além de outras produções em andamento. Letti é uma verdadeira nerd e ama este universo além de reservar um tempo para se dedicar a música e outras atividades.



DO DIA EM QUE DECLAMEI VINICIUS

É um sossego, uma unção, um transbordamento [...]

E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem
fatalidade o olhar extático da aurora.

Ternura, Vinicius de Moraes

Cresci ouvindo Vinicius de Moraes.

Aliás, gosto de lembrar que um dos maiores divertimentos da infância era ir ao supermercado com o pai, uma vez no mês, comprar discos de vinil. Vinicius era um de nossos compositores prediletos.

As melodias ritmadas, marcadas por batidas que me soavam estranhas (depois descobri serem pontos de Umbanda!), chegavam de forma tão harmoniosa que me invadiam... mas as letras eram a melhor parte! Havia tanta paixão em suas poesias – por mulheres, crenças, valores, pela própria música e pela vida – que me arrebatavam.

Cresci decorando poesia.

Tipo de prazer cujo objetivo era declamar, fosse pra mim mesma ou pra alguma tarefa da escola.

Imagina, então, quando ouvi o Poetinha (apelido que só fez sentido quando comecei a lecionar Literatura, quase dez anos depois disso), no disco “Testamento” (1980), além de cantando, declamando! Apaixonei-me por sonetos naquele momento e não parei de tentar sabê-los de cor. Parece natural que os tenha ainda hoje de memória, afinal, a expressão “saber de cor” significa, em sua origem, conhecer com o coração.

E foi assim que, anos depois, cheguei a uma sexta-feira à noite, no último mês de outubro.

Poderia ter sido como qualquer sexta à noite, em que normalmente me recolho a casa depois da semana de trabalho, mas fui a um evento: lançamento do Clube do Livro de uma amiga, num *wine* bar chamado Neptunia. A ideia era de um sarau; para tanto, cada pessoa poderia levar um livro e ler trechos de prosa ou, ainda, uma que outra poesia.

Na correria, esqueci-me de levar livro e decidi, ainda que decepcionada, somente acompanhar o sarau. Acontece que, em evento anterior, eu havia provocado uma ex-aluna, afirmando que, na próxima oportunidade, só leria um texto se ela o fizesse primeiro; óbvio que ela não esqueceu meu comentário e me chamou ao microfone logo depois de terminar sua leitura.

Sem poder (ou querer!) fugir, confiando na memória, deixei Vinicius fluir da minha mente: declamei – ‘de cor’ – seu clássico “Soneto da Fidelidade”.

E assim, num local barulhento, entre bebidas e conversas, a comunicação se deu. *Communicare*, do latim, significa dividir algo com alguém, partindo do individual ao coletivo... e foi dessa forma que pude dividir uma de minhas paixões com aquelas pessoas que pararam, aos poucos, para me ver e me ouvir. Para ouvir Vinicius, na verdade, pela minha voz.

Experiência emocionante que ficará, sem dúvida, na memória.

Luciane Silveira



Professora da área de Linguagens há 34 anos. Especialista em Literatura Comparada pela FURG/RS e em Linguagens, Códigos e suas tecnologias pelo IFSul/Pelotas. Sócia-proprietária do Centro de Linguagens Flor de Lis e do Curso Vetor, nos quais ministrou aulas de Produção textual, Português, Literatura e Interpretação. Apaixonada por leitura e escrita, fez da produção textual uma etapa importante da minha carreira.



SENTIMENTOS

Hoje eu acordei e o sentimento mais precioso que possuía não estava lá. Vivia tão bem guardado dentro de mim não pensei que pudesse perdê-lo, não assim, tão facilmente. O lugar não era tão seguro quanto eu imaginava.

Não sei como aconteceu, mas pensando melhor tenho ideia de uma certa angústia e tristeza que me rondavam há muito, também desconfio de certa decepção ou quem sabe foi o desespero que o levou.

Sinto-me vazia, pois ele era tão esplendoroso que parecia ocupar o espaço por inteiro, mas na verdade eu não percebia os demais sentimentos e emoções que lá viviam porque ele não permitia. Junto com o apego me tiravam toda a atenção da minha vida.

A alegria e a felicidade já nem vinham com a mesma constância que sempre tiveram comigo e esqueci que sempre foram minhas melhores amigas, presentes e fiéis em todos os momentos, até mesmo, naqueles mais difíceis elas sempre estavam lá.

E o riso, este então, fazia anos que aparecia as espreitas, eu suspeitava que era um riso falso, muito diferente do que o fora para mim a vida inteira. Eu o estimava demais era para mim uma das melhores emoções que me preenchia desde criança.

A saudade chegou há pouco e disse que ficará o tempo que for necessário, muitos não a estimam, mas eu a respeito e tenho grande consideração por ela que me trás muitas vezes recordações de bons tempos.

Ainda bem que a raiva que morava ao lado mudou-se e foi viver com o ódio, eu não o conheço, mas sei que não tem boa reputação, espero nunca precisar vê-lo, tampouco a ele ser apresentada, e se a raiva em alguns casos me visitar que seja breve, dê o seu recado e se vá.

A solidão me avisou que virá. Eu lhe expliquei o ocorrido e disse que posso recebê-la, mas não por tanto tempo, pois quando se junta com a saudade e a tristeza, que talvez chegue, podem me fazer perder o amor próprio e este é a minha essência, jamais o deixarei ir.

Meu pai é o amor que tenho pela vida e está em silêncio aguardando a hora de me acolher. Ele é muito forte e sabe que eu tenho nele e em minha mãe a esperança meu porto seguro para todos os dias de minha vida.

Do sentimento que perdi ficou toda a gratidão que lhe dei e suas recordações vou guardar com o mesmo carinho que ele sempre me ofertou. E o respeito e a admiração, também, ficarão. Mas tenho dúvidas se ele os levou sobre mim.

Assim é a vida cheia de incertezas que insistem em nos questionar. Mas o destino sempre nos diz para sempre levar conosco a confiança e o desejo para que tudo corra bem. Quando você os leva na bagagem a fé inabalável sempre vem junta e nos abraça.

Os erros e os acertos, nossos eternos filhos, e as dúvidas e as certezas, nossas filhas, sempre nos acompanharão por toda nossa vida, e o mais importante é reconhecer e acolher a todas com a resiliência que nos habita.

Quando a dor adormecer vou passear um pouco e vê se encontro o conforto dos prazeres que ainda residem em mim. E então, encontrar a alegria e a felicidade e prometer a elas que nunca mais as deixarei sair de perto de mim.

Quanto ao sentimento perdido: Era de uma cumplicidade e ao mesmo tempo de uma estranheza inquietante. Nunca soube o que ele realmente era e tampouco saberei se nunca mais encontrá-lo.

Máfera



Formada em Sociologia e Comunicação, pós-graduada em Educação. Hoje, após 33 anos trabalhando em Administração de Empresas, está aposentada, saiu da Capital para viver numa cidade tranquila e seguir a profissão de Escritora para enfim tratar de sua paixão, a evolução do Ser Humano. Como autodidata sempre foi ao encontro do conhecimento buscando o aperfeiçoamento do aprendizado formal sempre ensinando a si mesma, pois é infinito o saber de qualquer área do conhecimento e da vida. Leitora voraz desde a infância e das ciências humanas, sociais e

psicológicas desde a Academia. Iniciou suas publicações em 2020 com o Ensaio: O Crepúsculo do Trabalho, uma reflexão da vida através do trabalho e em 2021 a Sintropia Social, uma proposta para um Novo Paradigma Mundial. Desde 2022 aprofunda a obra da Sintropia Social. Contato: @mafera.escritora.



A SEQUÊNCIA INTERROMPIDA

De repente, ficou solto no espaço. Caindo no vazio, despencando no vácuo, sem arrimo, sem onde se apoiar. Precipitado no vão infinito e negro. Um frio na barriga, como nas quedas súbitas nos precipícios dos sonhos. Como numa avalanche, rolando ladeira abaixo, desamparado. Rolando, rodando, desertado, enjeitado pelas próprias raízes. Um pedaço de aeronave abandonado no meio das estrelas. Um fugitivo desabalado sem favorecer direção. Um objeto derrubado de uma mala aberta. Uma peça desconectada do todo. Rolando, embolando-se e respingando-se de saliva, resvalando de um lado a outro da boca, rechaçado por ambas as bochechas, escapando de ser mastigado pelos seus semelhantes, outros dentes, ao sabor das oscilações da língua. Nenhuma dor, somente o calafrio da separação. O sentimento oco do desterrado, o estranhamento. Na boca, o gosto incômodo do dente solto, órfão, um gosto desconhecido, pois exalado pelo lado do dente que não se vê, pelo lado de lá, pela periferia do dente, seus subúrbios, subterrâneos, porões. Um gosto sussurrado, clandestino.

O avião já havia iniciado a descida, mas, mesmo assim, Renato se levantou de sua poltrona, esgueirando-se entre pernas esticadas e cansadas, e dirigiu-se ao banheiro. Os olhos ainda colados, o pescoço dolorido, mas conseguira dormir bem durante as onze horas, poupando forças para o dia longo. Equilibrou-se no corredor turbulento e esperou, junto à porta, que o banheiro ficasse livre. As nuvens começavam a se agitar nas pequenas janelas, as aeromoças se apressavam. Faria qualquer sacrifício para estar com ela. Qualquer esforço para alimentar aquele amor em sua fase mais faminta. Ocupou a minúscula cabine, pernas abertas e pés firmes para manter o aprumo, cobriu-se com toalhas de papel para proteger colarinho e gravata, ensaboou a cara e pôs-se a fazer uma barba indócil, mais difícil ainda quando o chão estremecia e sua mão era obrigada a arremeter o aparelho de barbear, às cegas, arrancando tufo irregulares de pelos.

Aqueles pelos, que há quase duas décadas frequentavam a sua cara, eram apegados ao terreno. Algum sangue já se via. O avião ia perdendo altitude rapidamente, os corpos procurando se adaptar a cada puxão para baixo. Renato ia lutando, com punhos, ombros e cotovelos, contra as paredes de plástico duro que o assediavam, se arremessavam sobre ele. Qualquer sacrifício para tê-la, em algum quarto de hotel. Tinham valido a pena as doze horas passadas no avião pelo caminho, esperas e filas, cochilos em bancos inóspitos e o cheiro enjoativo dos perfumes nos freeshops. Apesar de ter passado somente o fim de semana, acrescido da sexta-feira, tinha valido a pena. Era a hora do amor faminto, que exigia a presença, que reclamava o prato sempre cheio. O rosto queimava e queimou mais ainda no contato com a água fria, acionada com um toque do cotovelo, enquanto o pé abria a lixeira para depósito das toalhas de papel usadas. Renato sentia um incomum desembaraço no peito, uma sensação de nós afrouxados, quase como se tivesse sido desobrigado de carregar coração, pulmões e outras máquinas complicadas. O ar não precisava de sinuosos canais para se transportar até suas células. Ele era toda abertura para o ar, para o mundo. E essa sensação de peito folgado compensava o corpo todo espremido no pequeno recinto. Aliás, mais do que isso, o tormento físico só fazia aumentar a sensação de plenitude em seu peito – faria qualquer sacrifício para estar com ela –, como numa espécie de redenção.

Mal dormido e pessimamente barbeado, Renato correu para fora do avião e do aeroporto. Tomou um táxi para ir direto ao trabalho. No banco de trás, esticava o pescoço tentando alcançar o espelho retrovisor para ajeitar o nó da gravata. O dia estava ranzinza lá fora, batia molhado nas janelas do táxi, cerca de vinte graus centígrados havia custado essa mudança de hemisfério. Não havia tempo para passar em casa, nem mesmo para apanhar um guarda-chuva. A vantagem de escorregar do avião para dentro do escritório era que se mantinha tomado de aromas, acarinhado

pelo cheiros trazidos lá de longe, que serviriam de bom estímulo para enfrentar um dia de jet lag. Estava preocupado e radiante. Seu pensamento, ora atendia as demandas do futuro, a quizila do chefe, cretinice dos clientes; ora as do passado, o encontro com ela num pequeno hotel do outro lado do oceano, o amor que apenas principiava, em seu momento mais feroz. Mas mesmo esse futuro próximo era tragado por outro futuro, mais distante, onde se situava o encontro seguinte com a amada, e cujas peripécias para alcançá-lo já se delineavam na sua mente. Este táxi parou no sinal de novo? Olhou o relógio. Estava maravilhado e estressado.

Diante do chefe, no início da tarde, levou uma descompostura sem par, pelo atraso, pelo relaxo, pelo desleixo, e ainda por uma série de tarefas que deixara inacabadas na quinta-feira, antes de partir. Arrastou as malas para dentro da sua sala, humilhado e orgulhoso. Sentou-se diante de uma pilha de papéis e tomou algumas providências, enquanto mastigava biscoitos amolecidos achados na gaveta. Não almoçara e agora a fome vinha somar-se ao cansaço, à sujidade e ao desganhamento. Tentou desbastar a matéria bruta sobre a mesa, mas logo viu que era impossível, dado o estado de lerdeza em que se encontrava, inebriado pela fadiga e pela lembrança dos instantes preciosos vividos havia pouco. Aflito com os afazeres, extasiado com os feitos.

Com uma caneta, Renato rabiscava os planos da próxima viagem. Haveria um feriado na quarta-feira, dali a três semanas. Quarta-feira é difícil porque não é sexta, mas estava disposto a enfrentar o chefe. Trabalharia nos sábados seguintes, depois que voltasse, ou nos anteriores, até a partida. Ou em todos, pensou com um sorriso, sentindo sempre o valer a pena, o calor injetado nas veias quando pensava nela, imunizando-o contra o horror dos papéis na sua manhã de sábado. Seria ótimo se pudesse pegar o avião já na tarde de terça-feira, estariam juntos para o café-da-manhã. Em abril já não iria estar tão quente, poderia usar o suéter novo que ela

ainda não conhecia. Renato a conhecera numa fila de museu, numa cidade europeia. Mas ela não vivia ali, dissera, e sim em São Paulo. Menos mal porque São Paulo tem voo direto para quase qualquer lugar do mundo civilizado. Ele a conheceu mais um pouco na lanchonete do museu, e então no cinema, e prosseguiram com o conhecimento até que se instaurasse entre eles um querer afinado, rematado, que não deixava margem a dúvidas. No centro desse querer estava a admiração física, a satisfação de um pelo que o outro lhe proporcionava com o corpo, fosse na intimidade ou nos amplos espaços, em horas de recolhimento ou em meio à multidão; e a satisfação de cada um com o próprio feitio, refletido no desejo do outro.

Mapas, guias, tabelas com horários de voos, calendário, fotos tiradas com a polaroide, bilhetinhos, mais mapas e guias. Renato se dedicava a desenhar o futuro próximo, ainda com o jet lag da viagem anterior, a televisão ligada como pano de fundo sonoro. *O barulho do motor dos barcos de pesca desorienta as baleias que passam sob o casco. Os acusados de desvio de verbas do governo na área de educação receberam habeas corpus e responderão ao processo em liberdade. O zagueiro deu uma cotovelada na cara do atacante, mas nem o juiz nem o auxiliar viram. Os postos de gasolina localizados em áreas residenciais não controlam a emissão de poluentes no ar, quando ocorre o abastecimento das bombas, o que pode significar uma grave ameaça à saúde da população. O exército israelense demoliu mais duas dezenas de moradias nos territórios ocupados. Chegou a setenta e dois o número de vítimas de intoxicação alimentar em uma cidade da Índia; eram todos convidados de uma festa de casamento. Quando o fogo começou a se alastrar pelas dependências do supermercado, o gerente deu ordem para que todas as saídas fossem bloqueadas.* Renato montou um quadro de possibilidades, de modo a poder escolher o roteiro de viagem que permitisse passar mais tempo ao lado dela. As mensagens da televisão não o afetavam em nada.

Um sonho varando a madrugada. Renato vira-se transformado num dente, um dente apodrecido, uma espécie de ovelha negra dentro da boca – ou seria melhor dizer uma ovelha cariada? Fora enxotado pelo bando e agora se via abandonado, enleado na língua pegajosa. Uma pedra rolante dentro da boca, empurrado de um lado a outro, apunhalado pelos de sua espécie. Tentava correr para não ser triturado, mas escorregava no chão de saliva. Renato se debatia no sonho escuro, consolado apenas pela impressão, que costuma amparar alguns sonhadores, de que aqueles fatos não eram a realidade, e que cedo ou tarde começariam a se desvanecer. Mas, de repente, sentiu uma luz forte golpeando suas pálpebras, afinal, que madrugada que nada, já eram dez da manhã, o ar carregado de ruídos diurnos, acordou sobressaltado. Só então lembrou que era domingo e deu-se conta do gosto esquisito na boca. Do gosto e do volume: passara a noite chupando bala? Então, sobre a franha cuspiu um dente, o incisivo lateral esquerdo superior. Inteiro, intato, nem sangue. Como se jamais tivesse pertencido à sua boca. Conferiu com a língua a vaga aberta: o encontro com o nada causou a suspensão de tudo, da respiração e até mesmo do tempo. Olhou-se no espelho com terror: estava banguela.

Saiu à rua para ver se encontrava um dentista, mas era manhã de domingo, o movimento esparso, o vizinho com o cachorro. Em desespero, voltou ao quarto e ao convívio com aquela imagem de pesadelo. O espelho era como um baú, onde procurasse um objeto valioso que deveria estar lá, mas não estava. Faltavam dois dias e meio para a viagem, partiria na terça-feira à tardinha, após o expediente. Empenhara três sábados inteiros em troca da quinta e sexta livres e, mesmo assim, há dias vinha tendo que aguentar o cenho do chefe. A mala já estava pronta e o táxi para o aeroporto, reservado. Agora precisava de um dentista, depressa, caso de emergência, precisava do dente perfeito para a viagem, para encontrar-se com ela, para poder exibir um sorriso na chegada, para poder ser ele mesmo,

aquele com quem os olhos dela estavam familiarizados. Guardou o dente caído. Um dente que nem cárie tinha, que jamais o molestara, um dente bom.

Passou um domingo de cão, a velar o dente guardado numa caixinha. Poderia ser útil mantê-lo: o dentista, que consultaria logo de manhã cedo, iria precisar saber a cor certa, e o formato, tudo à exatidão, para produzir um dente igualzinho, que deixaria ele, Renato, com seu sorriso, igualzinho ao que era antes, podendo assim ser reconhecido por ela, que o amaria, como era de se esperar, como da última vez, como das outras vezes, que não foram muitas, e justamente por isso, porque não foram muitas, carecia estar incólume, apresentar-se inteligível à memória dela, corresponder a todas as expectativas dos seus sentidos. Aquele dente fora seu companheiro por tantos anos. Lá estava ele quando, aos treze anos, um colega de escola começou a sufocá-lo numa briga de após a aula. O colega era maior, mais forte, mais adiposo, e o asfixiava, fazendo a gordura do seu tórax tapar-lhe a respiração. Foi quando Renato agarrou com os dentes um mamilo do adversário; como esse gordo uivou, como ganiu, completamente louco e fora de si! E lá estava ele a cada almoço de domingo, macarrão com frango e salada, e feijão junto, ou então churrasco, na casa com a família toda reunida. Lá estava ele, o incisivo lateral esquerdo superior, também nas noites de Natal, dando combate às castanhas, nozes e ao que mais lhe atravessasse o caminho. De vez em quando, deixava de vigiar o dente e fazia consultas ao espelho, mas a resposta era sempre a mesma, inapelável: dente quebrado, encanto partido.

Na manhã seguinte, às oito horas, Renato desandou a telefonar para todos os consultórios da cidade. Conseguiu uma hora no meio da tarde e, às quinze e trinta, estava na antessala do dentista, nervoso, segurando a caixinha com o dente entre as mãos. A língua ocupava o lugar que pertencera ao dente. Após alguma espera, que pareceu infinita, o doutor lhe

explicou que era caso de tratamento de canal *tratamento endodôntico*, o que é complicado, mas não muito complicado *a odontologia evoluiu muito nos últimos anos*, e que seriam necessárias radiografias, anestésias e a intervenção de um protético, que iria elaborar uma prótese de cerâmica para instalar no lugar do dente. Pelo amor de Deus, quanto significa isso em termos de tempo? A radiografia ele providenciaria ali mesmo, no consultório moderno e bem equipado, mas o protético ele teria que subcontratar, um excelente profissional, muito competente e, por isso mesmo, assoberbado de trabalho, amigos de muitos anos: ao todo, uma semana. Diante da aflição do paciente, o dentista explicou que poderia fabricar ali mesmo, no consultório, uma prótese removível, provisória, mais barata, feita com material de pior qualidade e que poderia se desprender da boca a qualquer momento e sob a mínima pressão. Essa demoraria apenas dois dias para ficar pronta.

Diante da TV. *Na convenção do partido, os republicanos descartaram submeter à aprovação da ONU as ações externas necessárias à defesa da América. A guerra entre as etnias Tutsi e Hutu causou, além do massacre de seres humanos, a morte de centenas de gorilas, cada vez mais ameaçados de extinção. Os responsáveis pelo desfalque de cinco milhões de dólares foram absolvidos por falta de provas. Depois de mandar cinco bolas na trave e de ter dois pênaltis não marcados, o time perdeu o jogo graças a um contra-ataque no último minuto. Registrado mais um caso de cegueira causado pelo uso do colírio cuja fórmula havia sido adulterada. O candidato declarou que as acusações que vem sofrendo não passam de manobra política com o intuito de prejudicá-lo.* As notícias deixavam Renato ainda mais inconsolável. A tristeza e a revolta produzidas pelas notícias penetravam facilmente no seu ser vulnerável, sem imunidade. Sentiu vontade de dar chutes, de espremer com as mãos. E de ranger os dentes, mas, aí, deteve-se.

O que significa a interrupção de uma sequência até então perfeita? Uma fileira de dentes, uma sucessão de encontros. Renato pensava.

A primeira vez que a reencontrou, após aquele dia no museu, foi resultado de uma viagem intensamente planejada, para cuja realização teve que praticamente hipnotizar seu chefe, e vender-lhe a alma depois, em séries intermináveis. Sofrera em busca do táxi que o levaria ao aeroporto, metade das linhas telefônicas estava ocupada, a outra metade sem carros para oferecer. Saiu à rua, uma chuva imensa, que dissolvia rapidamente o tempo que restava antes do vôo, mas os táxis na avenida lhe davam as costas, iam com outros passageiros. Teve que pelear com um homem que já se acomodava no banco de trás, puxou-o, golpeou-o com a mala e, finalmente, tomou assento, mas ainda sem alívio, pois o caminho era longo e os minutos rareavam. Sofrera também a bordo do avião, com a turbulência, a classe econômica e o desassossego das crianças. E sofrera com o fato de que a imagem que tinha dela, em seu pensamento, constantemente desaparecia, como se por um problema de mau contato na memória. Às vezes desaparecia, às vezes chuviscava, como na televisão, outras vezes ressurgia, mas sem nitidez, ou completamente distorcida. Porém, quando finalmente se reencontraram no hotel, e pelos dois dias seguintes, as agruras se dissiparam numa reunião suave, numa coincidência bendita.

Muitos sorrisos, e nem mesmo um fiapo de vegetal nublando algum dente. É verdade que se comia pouco naqueles dias, não havia tempo para muita coisa além de serenar o amor nervoso do início. Eram dias de amor faminto. Uma lasca de folha verde que se interpusesse no sorriso de um já seria um duro golpe. O que dizer então da falta absoluta e irrefutável de um incisivo lateral? A perda de um dente não é como outras perdas, cujo prejuízo se pode calcular de acordo com o valor específico do que se perdeu. Não é como numa partida de futebol, quando a expulsão de um

jogador reduz em cerca de dez por cento o potencial do time. Perder um dente não era perder apenas trinta e dois avos de encantamento.

Eram cinco horas da tarde de terça-feira. As malas estavam prontas no escritório de Renato, à espera de que ele terminasse de processar o último papel.

Mesmo quebrar um dente *diante* dela, da mulher por quem estava apaixonado, já seria um enredo menos trágico. O conteúdo seria outro, algo de heroísmo, de coragem no enfrentamento da dor, a comoção diante da violência injusta, o sangue no rosto, na camisa, quem sabe sobre a calçada, ela não estava preparada para isso, era cedo demais para um contato tão íntimo fora da esfera da sensualidade. A visão do dente arrebatado aticaria seu carinho, ainda que em tom piedoso, mas livre da tragédia que caracterizaria a aparição fortuita de um sorriso mutilado. De repente, aquela boca manca, coxa, claudicante, consequência de um desastre que não fora testemunhado. Um efeito sem causa, uma careta órfã, um arremedo do que ele fora. Não havia nenhuma dúvida: se tivesse quebrado o dente na presença dela, se tivesse sido com violência, se o dente não tivesse simplesmente caído, mas sido arrancado, aí então teria alguma chance, e a cena até que serviria de bom alimento ao amor ávido – *pobrezinho, meu amorzinho*. Mas da maneira como se apresentavam as coisas naquele momento, o sorriso desigual, a boca degenerada, tudo apontava para uma ridícula performance de palhaço desdentado.

Eram seis horas da tarde de terça-feira. Ela já não estava mais ao alcance de um telefonema, voava ao encontro dele, encontro que estava marcado para uma terceira cidade, neutra.

Renato levantou-se da sua mesa e atravessou a sala. As malas baixaram os olhos, conformadas. Ele saiu percorrendo corredores, o rosto contraído, só a língua estava à vontade no espaço deixado pelo dente. Entrou na sala do chefe e pediu mais trabalho, disse que ia fazer serão. O chefe

examinou-o de viés: tinha uma expressão bem-disposta apesar dos lábios um tanto crispados. O chefe não falou nada, apenas tratou de lotar os braços do outro com arquivos e pastas cheios de papéis. Renato encaminhou-se para a porta, não sorriu, não disse nada mais, e nem o chefe perguntou.

Mário Araújo



Nasceu em Curitiba-PR. Formou-se em Educação Artística e trabalhou como professor e publicitário, antes de entrar para a carreira de diplomata. Seu primeiro livro, “A Hora Extrema”, recebeu o Prêmio Jabuti, em 2006, na categoria “Contos e Crônicas”. Em 2008, publicou o volume de contos “Restos”, que foi bem recebido pela crítica, com elogios de importantes escritores como Millôr Fernandes, Cristovão Tezza e Luiz Ruffato. Teve contos selecionados para antologias publicadas no Brasil, Alemanha, Espanha, Finlândia e México. Publicou contos em revistas nos EUA, Inglaterra e França. Entre 2013 e 2017 escreveu crônicas semanais para o site “Vida Breve”, reunidos este ano na coleção “AnônimoNômade”. Em 2016, participou da antologia “Cobain”, que reuniu contos inspirados em canções do grupo Nirvana. Em 2020, publicou seu primeiro romance, “Breu”, pela editora Faria e Silva, que também mereceu comentários entusiasmados em blogs e jornais literários. Como diplomata, Mário Araújo serviu em Brasília, Montevideu, Túnis, Roma e Xangai. Atualmente, vive em Havana, Cuba.

E-mail: mario63araujo@gmail.com.



A MOEDA E A ROSA

Ana vivia com Clotilde, sua mãe num sobrado simples. Enclausurada, sem contato com o mundo lá fora. Tão jovem, sua única companheira tornava sua vida menos sofrida, protegendo-a como podia. Ana não ia a escola, não tinha amigos. Apesar da clausura involuntária, confinada a sua cama num quarto escuro e somente com uma mesa de cabeceira e um pequeno armário, a menina não sentia revolta ou raiva. Mas sonhava e queria ser um dia uma garota comum, normal. Correr, brincar com amigos de verdade e não imaginários e não somente com suas bonecas. Colher flores, sentir o vento nos cabelos e o beijo suave e quente do sol no seu rosto. Nos seus treze anos de vida tudo que queria era ser feliz e livre como um passarinho, voando solto e alto acima das nuvens!

Por que foi castigada por Deus com esse destino? Esses pensamentos a deixavam triste e angustiada por não poder viver plenamente e ter que aceitar sua vida. Para dar-lhe alívio, ela viajava para outros territórios, sentia tudo através dos livros trazidos por sua mãe da biblioteca onde trabalhava. Nas aventuras de princesas, heroínas, heróis, príncipes ela se transportava para florestas mágicas e castelos encantados, criando seu mundo particular, incorporando os personagens. Tudo então era perfeito, sem sofrimentos, sem dor.

Uma tarde, após a mãe sair para o trabalho, Ana ouviu uma batida na porta. Nunca recebiam visitas, nem sequer dos vizinhos. Outro toctoc-toc.. Dessa vez mais forte e insistente. Ana, então, deixou seu livro de lado. - Quem será a essa hora? Está cedo pra mamãe voltar. Será que ela esqueceu a chave? Mãe? É você? - Não houve resposta. Novamente, novo bater na porta. Ana então, ficou com medo.

- Quem é? Não posso abrir a porta. Minha mãe saiu e estou sozinha. Por favor, vá embora", gritou. Esperou alguns minutos, mas não ouviu mais nada, e retomou sua leitura, apreensiva. Depois de alguns minutos, uma voz chamou: "Ó de casa! Alguém? Preciso de ajuda". Ana começou a ficar aterrorizada e se encolheu debaixo do lençol, com a respiração ofegante, rezando para que o desconhecido desistisse e fosse embora. Mas, ouviu-o novamente: " Por favor, só queria um copo d'água e descansar um pouco. Vim da cidade vizinha à procura de trabalho. Andei o dia todo e me perdi. Não quero incomodar. Meu nome é Pedro... Me desculpe."

Ana sentiu pena e simpatia pelo rapaz e uma vontade imensa de levantar e ajudá-lo. Mas lembrou que sua mãe sempre lhe orientava a nunca, em hipótese alguma, falar com estranhos. Mas seu coração dizia o contrário e respondeu com o coração apertado:

- Sinto muito, não posso te ajudar. Por favor, vá embora. Me desculpe".

Depois de alguns minutos em longo silêncio tenso, ela ouviu passos se afastando, e suspirou de alívio. Voltou à leitura, agarrando o livro com força e esqueceu o ocorrido.

À noite, Clotilde estava de volta, trazendo o bolo preferido da filha, de laranja, para o lanche. Ao passar a chave, vê ao pé da porta uma moeda e uma rosa vermelha. Olhou em volta e não viu nem ninguém. Pegou ambas e entrou em casa, dando duas voltas na chave, por precaução. Foi até o quarto de Ana e perguntou: " Filha, você viu ou ouviu alguém hoje por aqui? Encontrei isso do lado de fora da casa". E mostrou-lhe os dois objetos.

- Sim, mãe. Apareceu um homem que bateu na porta, pedindo ajuda. Quis ajudar e fiquei com pena, mas pedi que ele fosse embora. Fiz mal?

- Claro que não, minha flor. Fez o certo, não se preocupe.

- Mas ele precisava de ajuda. Pela sua voz, parecia pessoa do bem...Ah, como gostaria de levantar dessa cama e ter-lhe ajudado.

- Querida, eu sei e sinto tanto. Daria minha vida pra que sua doença passasse pra mim.

- Não diga isso, mãezinha. Nunca mais!

E mãe e filha se abraçaram, com olhos cheios de lágrimas.

Já tarde, ainda naquela noite, houve outra batida na porta. Contudo, seca e fraca. Quase inaudível. Segundos depois, mais uma. Clotilde estava na sala, vendo tevê, e assustada com a segunda batida, levantou-se da poltrona. Gritou então, com cautela: - Quem é a uma hora dessas? Já é bem tarde, vá embora!"

- "Meu nome é Pedro, senhora. Me desculpe. Estive aqui mais cedo. Não quero ser inconveniente. E o rapaz engoliu a voz fraca e emudeceu, envergonhado. Ana reconheceu o estranho visitante. Mas ficou quieta, ouvindo o silêncio que se instalou na casa.

Então, houve um baque surdo contra o batente da porta e Clotilde olhou furtivamente pela janela. Viu o corpo caído de um jovem magro, usando calças jeans surradas e sujas e vestindo uma camisa azul desbotada com um grande rasgo a frente. Ela abriu a porta e o carregou para dentro de casa, sensibilizada. Notou que ele respirava com dificuldade. O colocou no sofá, estendendo sobre ele uma cobertura. Esquentou uma sopa de legumes e foi dando-lhe colheradas, com cuidado, após Pedro estava desacordado, talvez cansado e faminto. Deixou-o dormindo e foi até o quarto de Ana, quando ela perguntou:

- Mãe, o que houve? Eu reconheci a voz do visitante da tarde. Ele está bem?

- Sim, minha querida. O menino está descansando. Desmaiou na porta, coitado. Vamos deixar ele dormir. Amanhã conversamos com ele, ok?

Dizendo isso, beijou a filha num beijo de boa noite.

- Agora, vá dormir, está tarde. Sonhe com os anjos.

E a mãe falou a porta e apagou a luz. A partir desse momento, a menina começou a imaginar como Pedro seria e não conseguiu dormir. Queria conversar com ele, saber sua história, vê-lo. E até sonhou com o rapaz, fantasiando como seria bonito, bom e corajoso, seu príncipe encantado.

Na manhã seguinte, Clotilde foi checar como Pedro estava, mas ele ainda dormia, sereno e com a respiração normalizada. Ela então foi preparar o café da manhã e arrumar a mesa. Quinze minutos depois, Pedro acordou e surpreso perguntou: - Bom dia, senhora. Onde estou? O que aconteceu?

- Bom dia, meu jovem. Você está na minha casa. Desmaiou na minha porta e eu o acolhi. Você estava fraco. O que aconteceu?

- Oh, minha senhora. Me desculpe o incômodo. Sinto muito pelo trabalho e aborrecimento. Mil perdões! - disse envergonhado. - Meu nome é Pedro. Muito obrigado pela sua bondade, hospitalidade e generosidade.

- Imagina, filho. Venha, vamos tomar café. Tem um pão quentinho saindo do forno e um café que acabei de coar. Aposto que está faminto.

O rapaz então sorriu agradecido e foi até a mesa com Clotilde, sem jeito. Começaram a conversar, rir e ambos relaxaram e começou uma relação de confiança e carinho entre eles. Ana acordou, ouvindo as vozes e os risos, e ficou feliz com isso. Sentou-se na cama e chamou a mãe e o rapaz para irem até seu quarto, sem receios. Nem sequer pensou que Pedro poderia notar sua condição e sentir repugnância ou medo. A senhora entrou segurando a mão de Pedro, e apresentou a filha a ele. Ana segurava os objetos que ele deixou na porta, como fossem tesouros. Ela tinha certeza que eram presentes dele pra ela. Ele viu então que ela não poderia se locomover e sentiu uma dor no peito. Mas viu os objetos que a menina segurava com força :a rosa e a moeda. E comentou:

- Que bom que achou o que deixei pra você ontem. É meu jeito de te agradecer. Ana boquiaberta, disse:

- Foi você que deixou essas coisas pra mim? Essa linda rosa e a essa moeda dourada? Mas por que? Eu sequer abri a porta e te ajudei!

- Precisava te agradecer com essas lembranças, modestas mas sinceras e de valor inestimável pra mim. Você ao menos me ouviu, me deu atenção e me respondeu. Em muitas casas onde pedi ajuda antes, me ignoraram, me xingaram, me enxotaram como se eu fosse um cachorro doente ou raivoso. Te agradeço muito, menina.

Clotilde então, sentindo a emoção contida da filha, com os olhos derretendo e mãos trêmulas, disse:

"Oh, Pedro. Sinto por tudo que passou. As pessoas estão cada vez mais com os corações duros e indiferentes ao sofrimento do próximo. Vejo nos seus olhos a sua alma boa e sofrida, meu querido".

O garoto então, vendo que Ana se emocionou, sentiu um afeto imenso por ela e as abraçou forte, também com o coração transbordando de emoção. Ana retribuiu seu afeto o apertando forte contra o peito, e sentiu então naquele momento, que poderia viver um Amor há tanto escondido e almejado, e tornar possível a magia que conhecia tão bem nos livros.

Sentiu ao lado de Pedro a ficção se tornar realidade e seus sonhos de menina se realizarem.

A Esperança nascia para os dois. Amor puro, genuíno e poderoso, para compartilharem e enfrentarem juntos. Os dois se encontraram no meio de uma estrada cheia de obstáculos, tristeza e escuridão. Foi um caminho árduo e sofrido para ambos, tão jovens.

Dois mundos paralelos, tão diversos e diferentes se encontraram no Amor.

Viviane Lima



Tenho 61 anos, sou mineira e bibliotecária. Moro em Niterói, Rj. Sempre gostei de escrever e comecei com diários na adolescência. Durante a pandemia recomencei a escrever e fiz alguns cursos de escrita criativa, participo de grupos de escritores no Instagram e faço Oficinas e Workshops. Publico também alguns textos na plataforma Wattpad. Contato: @vivianeliteraria.



O CHAPÉU DO TIO REALINO

Uma das coisas mais importantes na vida de uma pessoa, certamente, são as memórias afetivas, em especial, aquelas guardadas mais no coração do que no cérebro.

Tenho muitas e, uma destas, é bem marcante pela influência na minha formação. É ligada a uma pessoa extraordinária que se tornou protagonista dessa história. Um personagem pitoresco na família: meu tio-avô materno, o famoso tio Realino.

Eu, ainda bem pequena, adorava quando ele vinha nos visitar. Era um homem alto e magro, de andar solene. Se fosse uma ocasião especial, chegava vestido em seu terno branco de linho e o chapéu panamá. Se fosse um dia normal, aparecia de camisa branca de mangas longas, calça cáqui e, claro, o chapéu panamá.

Gostava de uma boa prosa e, com sua voz tranquila e agradável, tinha o poder de me hipnotizar, ouvindo seus causos.

Era uma figura rara, muito sério e metódico que causava certo estranhamento em outras crianças, mas em mim só despertava admiração.

Causava admiração, também, em todos que o conheciam por ser muito educado, honrado, bondoso e correto. E, acima de tudo, um homem de palavra.

Nos negócios, não eram necessários documentos, assinaturas em papéis ou testemunhas. Confiavam nele porque nunca falhava com seus compromissos. Se dissesse _vou fazer tal coisa_ podiam ter certeza que a “tal coisa” seria feita. Sempre se referiam a ele como uma pessoa “de opinião”, austera que nunca esquecia a palavra dada.

Tornou-se costume dizer que, se uma pessoa não honra sua palavra, precisa usar o chapéu do tio Realino. Se alguém, por exemplo, não consegue ter persistência em seguir uma dieta corretamente, logo diz: _estou precisando usar o chapéu do tio Realino _desejando, assim, se contaminar com a inabalável firmeza dele.

Foi assim que, na família, surgiu a “lenda do chapéu do tio Realino”.
E desconfio que aí começou a minha grande admiração por pessoas de palavra!

Zilma R. Carvalho



Mineira, residente em Uberlândia, tem três filhos e sete netos. É formada em Ciências Biológicas com pós-graduação em Biotecnologia e Qualidade de Alimentos, mas, com o passar do tempo, descobriu que gosta mesmo é de escrever e, tem se dedicado, principalmente, à literatura infantil. Instagram: @zilma_mrc.



SACRIFÍCIO DE AMOR

Interessante como um cheiro, algumas notas musicais, ou um sabor... podem nos transportar no tempo. E nessa viagem nos fazer reviver momentos felizes ou dolorosos pesadelos.

O corpo contorcia-se na cama. Gemidos entrecortados com murmúrios e por fim... Um grito profundo cortou o silêncio. Mais uma noite de pesadelos seguidos de insônia. Os pesadelos retornaram desde que ouvira aquela voz profunda e seus olhos mergulharam no olhar daqueles olhos familiares, acompanhado daquele perfume silvestre amadeirado perturbador. Parecia o fantasma do seu passado voltando para assombrar seus sonhos. Pensara que aquela tarde estava superada depois de tantos anos e infinitas horas de terapias com psiquiatras e psicólogos, mas enganara-se. Os anos de terapia e calmantes, apenas fizeram a lembrança adormecer e ser guardada em algum lugar sombrio da sua memória. Agora toda a dor, culpa e arrependimento estavam de volta.

Olhou sob a luz pálida do abajur. A sua mão estava tremendo. Os tremores, assim como o suor frio voltaram. Samara escorregou para fora da cama e foi abrir a porta francesa. Saiu para o grande pátio de pedras perfeitamente alinhados e respirou o ar fresco da noite. Podia ouvir as ondas batendo nas rochas logo abaixo. Dirigiu-se para o parapeito, que protegia a encosta do penhasco. Só voltara ali depois que todos tiveram certeza de que não se jogaria. Seria tão fácil acabar com o tormento se jogando nas pedras lá embaixo. Tudo estaria acabado e não precisaria viver e lidar com a culpa que a consumia. Conviveu com essa vontade por anos. Mas resignara-se ao purgar o seu castigo. Lembrar os seus pecados para sempre. Conviver com o remorso.

Para a sua própria casa, nunca mais voltara. Não conseguiria dormir na mesma cama, novamente. Nem andar na área da piscina de novo. As lembranças dos últimos anos vividos nela; o horror vivenciado naquela tarde mortal, a acompanhariam pelo resto de sua vida. Porque a culpa que

sentia, não permitia se perdoar. Era a única responsável por aquela tragédia. Se tivesse agido diferente! Se não tivesse se deixado levar pela fúria sanguinária, que tomou conta do seu ser e a cegou...Tantos “E se”! Tantos “Talvez”! Como as coisas teriam sido com decisões e ações diferentes do que foram?!!! Jamais voltaria àquela casa maldita! Tudo ali, nos anos em que foi sua casa, fora sofrimento, frustrações, arrependimentos e dor. Uma dor tão intensa que às vezes parecia física. Era física. Seu corpo não descansava, mesmo com o sono de remédios. Talvez, por isso tudo aconteceu...

Turquia. Vinte anos antes. Um lugar onde muitas disputas acabam em derramamento de sangue, mesmo em pleno século XXI. Lugar onde a tradição pede que vidas sejam exterminadas, para que a honra seja preservada ou restaurada. A história de vida de pessoas são interrompidas abruptamente ficando seus assuntos inacabados. Lugar onde o moderno e tecnológico, se mistura às tradições antigas de honra.

Sua vida fora interrompida. Sua história ficara inacabada, embora continuasse respirando. Não fizera nada para evitar. Ela poderia ter impedido, mas compactuou com a tradição. Fugiu do passado. Mas o passado a encontrou.

Podia terminar tudo agora. O penhasco estava ali. Somente alguns passos a separavam do alívio. Mas também podia encarar o passado de frente em vez de fugir dele novamente. Sentou-se na amurada e pensou. Pensou até o sol surgir no horizonte e lhe dar a clareza do que era necessário fazer. Retornou ao quarto decidida.

- Deniz, quero um encontro com o filho do Faruk. Providencie! – Samara estava sentada à mesa do desjejum comendo, lendo os jornais e respondendo mensagens pelo celular. Embora tivesse devolvido à família do seu falecido marido, os bens que eram dele, pois considerava que não pertenciam a sua família, afinal nunca tiveram um casamento de verdade. Não

se sentira à vontade de ficar com o que era dele. A quantidade de negócios da sua própria família dos quais precisava se ocupar, ainda era muito grande. Estar bem informada antes de sair de casa podia fazer a diferença entre fazer um bom ou mau negócio, durante o dia.

- Que?!!! Qual Faruk? ... Aquele Faruk? O seu Faruk— Ela balançou a cabeça afirmativamente e o assessor particular sobressaltou-se.

- Faça! Quero esse encontro o mais rápido possível.

- Senhora! Isso é simplesmente impossível. Não deve!

- Deniz, não me diga o que devo ou não fazer. Está me desafiando? Por acaso não sabe do perigo? Eu comando essa família há vinte anos. Está perdendo tempo ao me questionar. Quero esse encontro e não mudarei de ideia. Não perca seu tempo.

- Mas se ele não quiser?

- Faça! Ele vai querer.

Conversaria com o filho de Faruk. O filho que poderia ter sido seu. Por ele fizera e mantivera a paz. Ela prometeu e cumpriu a sua promessa. Essa conversa talvez devolvesse a sua vida e a sua paz. Não fugiria mais do passado.

Do outro lado da cidade, o telefone toca na casa da família Terzioglu. Quem o atende é Ahmet. O chefe da família. Ouve com atenção e desliga. Esmurra o móvel e sai apressado. Segue até o jardim, onde a família e convidados se encontram reunidos. Remoe a conversa que acabou de ter ao telefone. Gostaria de não passar o recado, mas sabe que tem uma dívida moral com o irmão e precisa proteger o sobrinho. Olha o povo reunido e deseja que os tempos negros não retornem. Espera que o sacrifício do irmão não tenha sido em vão e a trégua seja mantida. Samara fizera uma promessa e esperava que ela continuasse cumprindo-a.

O casamento de Baris se aproximava. Olhou sua cunhada Yagmur. Feliz sorrindo com a futura nora. Não era a cunhada legítima, mas pelo amor

do seu irmão por ela e o sobrinho maravilhoso que lhes deu, seria sempre protegida e amada pela família, como se realmente tivesse casado legalmente com o irmão. Sem mencionar a pessoa encantadora, gentil e amável que ela era. Ele cometera muitos erros no passado. Talvez agora fosse o momento de pagar a conta e acertar as dívidas pendentes. Sabia, esperara que esse momento chegasse. Evitava pensar nele. Agora que chegou, faria o que fosse possível para manter a paz e a felicidade de todos. Não seria covarde e nem escolheria o caminho mais fácil, como fizera no passado. Talvez se suas escolhas tivessem sido diferentes, seu irmão ainda estivesse ao lado dos que amava.

Estava impaciente demais para ser sociável naquela reunião, com tantas pessoas. Preferiu retirar-se e escondeu-se na biblioteca. Ao correr os olhos e a mão pelos livros, deparou-se com o predileto de Faruk. Um livro de Khalil Gibran. Ele o lera tantas vezes, que a lombada estava gasta e as folhas com marcas nos cantos. Folhou-o e parou no poema predileto do irmão. Ele seguira o caminho do amor como falava o poema. Fora o único bem que fizera questão de levar para Londres, no tempo em que ali permaneceram. Em geral, o livro estava sempre com ele e o lia, quando precisava esfriar a cabeça ou tomar uma decisão importante.

Faruk estava muito ferido. Temendo que não houvesse onde estar seguro na Turquia, viajaram para Londres. Lá ficaram por um ano. Foi quando o irmão conhecera Yagmur. Seu pássaro sorridente, como a chamava. Era um encanto. Sua voz suave e o sorriso fácil e radiante, tornavam tudo mais leve ao redor de onde estava. Era uma pena que não sorrisse mais como antes. Ela ajudou a curar as feridas no espírito do irmão, que os remédios e os médicos não conseguiam alcançar. Viu-o relaxar pouco a pouco e voltar a sorrir. Ele até fez planos. Comprara um anel para pedi-la em casamento. Descobriu dias depois de voltarem à Turquia, que ele o fizera antes de embarcar.

Como gostaria de ter desobedecido a mãe. Como gostaria de não ter impedido Yagmur de contar para Faruk, que esperava um filho dele. Mas turcos acreditam em destino. E talvez tudo devesse ter sido como foi. E cada um tenha feito exatamente o que deveria fazer. Pensamentos como este, normalmente o faziam sentir-se melhor, mas não naquele momento.

Esperou as visitas irem embora, os da casa se recolherem e então dirigiu-se até o quarto de Baris. Precisavam conversar. Bateu e entrou. Lá estava o sorriso que sempre o recebia desde pequeno, quando viera morar ali.

- Filho, precisamos falar. Recebi um telefonema. E temo ter que tocar num assunto doloroso, para nossa família.

- O que aconteceu, tio?

- Samara, a viúva do seu pai, quer conversar com você.

- O que ela pode querer depois de tanto tempo?

- Não sei. Deniz, o assessor dela não soube me dizer o porquê. Disse apenas que marcasse um encontro. E que ela deseja falar contigo. Não precisa ir, se não quiser.

- Estou curioso. O que ela pode querer comigo, depois de vinte anos! Nunca mais nos procurou.

- Seu pai fez um acordo com ela. Ela prometeu deixar você e sua mãe em paz. Foi o último desejo dele naquela tarde. Ele sabia que não podia salvar-se, então procurou fazer um acordo para deixar você, sua mãe e a família em segurança.

Seu pai fez Yusuf me levar para longe, para a segurança. Ele voltou por minha causa, para me salvar. O irmão de Samara me prendeu, me torturou e mandou as imagens para o seu pai, com a intenção de obrigá-lo a retornar.

Yusuf repetiu para mim o que ele mandou dizer. Que havia sido um homem muito feliz naquela semana. Pediu que eu cuidasse de você e de

sua mãe, que eram os únicos tesouros que ele tinha. E que eu não seguisse, com a guerra de sangue, para que você pudesse crescer e viver em segurança.

- Conheço bem o trecho dessa semana. Meu pai reencontrara minha mãe. Descobriu que eu era filho dele e nos colocou a salvo até poder nos encontrar novamente. Lembro do nosso primeiro encontro. Fiquei intrigado porque o amigo da mamãe estava chorando.

Dias depois quando nos encontrou na praia, os dois me contaram que ele era o meu pai. Passamos uma semana incrível. Brincávamos os três, todos os dias. No pôr do sol ele e a mamãe saíam de mãos dadas para andar e depois voltavam abraçados. Jantávamos conversando e brincando. Os dois deitavam na cama comigo, até eu dormir. Aquela semana foi um presente da vida. Uma única semana com meu pai.

- Pense sobre o assunto e se decidir encontrá-la, não irá só. Estarei com você. Não confio naquela gente. O irmão continua preso, mas deve estar saindo logo.

- Não sei o que fazer. Tenho curiosidade, mas não quero magoar minha mãe.

- Pense. Sinto trazer esse assunto de volta, mas não podia decidir por você. Você já é um homem feito. Irá casar-se daqui a alguns dias. Está pronto para tomar a decisão certa. Você herdou o caráter justo do seu pai. Vai saber o que fazer.

Na manhã seguinte, Baris convidou a mãe para um passeio. A casa da família era rodeada de muitas árvores. Havia uma área extensa, com canteiros de flores ao lado das alamedas que cortavam aquela área. Espalhados em vários recantos haviam bancos. Escolheu o predileto de sua mãe. Um que ficava na frente de uma pequena cachoeira. A mãe sentiu que a conversa era séria. Depois de muitas considerações e argumentos dos dois lados, Baris voltou e comunicou ao tio que marcasse o encontro.

No dia seguinte, logo depois do almoço, carros pretos e vistosos paravam na frente de uma pequena pousada nos arredores de Ankara. De um desceu Samara, com seu assessor. E do outro saiu Baris e o seu tio. Entraram sem cumprimentarem-se e seguiram para uma sala reservada nos fundos, onde já os aguardava o dono do local com café, água e alguns doces típicos da região.

Samara pediu se podia conversar a sós com Baris. Ele assentiu. Os outros dois saíram e os deixaram a sós.

- Não entendi o motivo para essa conversa. O que a senhora deseja?

- Direto ao ponto, como o seu pai. Ele teria muito orgulho de você.

Eu também vou ser direta. Preciso lhe pedir perdão.

- Perdão?

- Sim. Por minha causa você nasceu e cresceu longe de seu pai. Vocês não puderam conviver como é o certo.

- Você não teve culpa. Foi levada pelas circunstâncias, como o meu pai.

- Não foi bem assim. Eu podia ter dito não, quando minha família fez a proposta. Eu sabia que seu pai tinha uma noiva na Inglaterra. Mas eu gostava muito dele. Mesmo que a bala que matou meu pai, tenha saído da arma dele, meu amor não mudou. Eu o amava desde a adolescência. E mesmo agora, ainda o amo. – Baris, apenas assentiu com a cabeça e aguardou que ela continuasse. Não tinha vontade de falar.

- Eu sabia que ele atirara no meu pai, para se defender da armadilha que fora armada contra ele. Ouvi meu pai combinando com meu tio e os seguranças, a armadilha. Estavam no escritório da nossa casa. A porta estava entreaberta e quando ouvi o nome do Faruk, parei e fiquei escutando. Foi um misto de decepção e dor. Decepcionada por meu pai e dor porque o homem que eu amava iria morrer. – Samara parou e bebeu um pouco do

seu café. Ela falava com o olhar distante de quem revivia os acontecimentos.

- Seu pai era um homem bom e não gostava de violência. Eu queria ele para mim. Meu irmão era contra, mas insisti que era a coisa certa para terminar com a guerra entre as duas famílias. No dia que o acordo para o fim da guerra entre as famílias foi feito, eu o ouvi conversando, com o marido da sua tia. Ele dizia que tinha pedido sua mãe em casamento e que ela o estava esperando. Creio que ele não sabia que sua mãe estava grávida. Não consegui ser altruísta. Queria ele e não me importei com mais nada, naquele instante. Por mais que eu tenha tentado, nunca consegui fazer seu pai feliz. Talvez se tivesse conseguido lhe dar um filho, as coisas poderiam ter sido melhores. Mas nunca houve um relacionamento de casal de verdade, entre nós. Ele era gentil, educado, mas eu sentia sua aversão, cada vez que me tocava. Isso me enfurecia. Fiquei doente. Cheio de frustração e rancor.

- Talvez o destino fosse esse.

- Tenho repetido isso para mim, mas não consegui me convencer até hoje. Tenho pesadelos horríveis, com as lembranças daquela tarde.

- O que aconteceu naquele dia? Nunca soube a história completa. Ninguém contou tudo para mim. – O rosto de Samara se transformou em uma máscara de dor.

- Meu irmão havia pego as imagens no hotel, onde você e sua mãe se encontraram com Faruk. Ele estava enlouquecido e eu enlouqueci de ciúmes, também. Fazia tempo que ele queria uma desculpa para destruir, acabar com a vida do seu pai. E ver vocês três juntos, lhe deu o que desejava. Uma razão para derramar sangue.

Não sabíamos onde seu pai estava. Logo depois de encontrar vocês, ele os tirou do hotel. Deu algumas ordens e sumiu. Então prendemos o seu

tio. E meu irmão bateu nele, o machucou bastante e depois ligou e disse que o soltaria, se Faruk aparecesse.

- Então seu irmão matou ele.

- Não diretamente. Meu irmão não puxou o gatilho, mas é como se fosse. Quando seu pai chegou fez com que soltassem o seu tio. Depois que ele estava a salvo, Faruk pediu para falar comigo sozinho. Pedi que Osman se afastasse. Estávamos na área da piscina. Havia homens por todos os lados. Até em cima do telhado. Seu pai sabia que não havia como sair dali vivo. Propus que ele trouxesse você para morar conosco e abandonasse para sempre a sua mãe, que eu daria um jeito para acalmar meu irmão e tudo ficaria bem.

- Ele não aceitou!

- Não... ele não aceitou. Seu pai jamais provocaria uma dor tão grande, tirando você da sua mãe. Ele amava vocês dois com toda a intensidade que era capaz de sentir. Disse-me apenas, que era adiar o inevitável. Que Osman estava carregado de ódio e o mataria, assim que tivesse uma oportunidade. Argumentei muito, mas ele estava irredutível e decidido. Com uma ideia fixa na cabeça. Fez eu jurar que sua morte não seria em vão. Que eu faria a paz e permitiria que você crescesse em segurança. Concordei. Eu estava apontando a arma em sua direção. Ele havia puxado minha mão, até o peito dele enquanto falava. Quando assenti, quando prometi que faria a paz, ele pressionou meu dedo no gatilho. Não consegui impedir. Gritei. Corri. Levei ele para o hospital, mas ele já estava morto. A bala o atingira em cheio no coração.

- Por quê? Não havia outra forma de resolver? Não podiam ter entrado num acordo? – Os olhos de Baris estavam cheios de lágrimas, que aos poucos escorreram silenciosas, pelo rosto jovem. Samara, também tinha o rosto molhado de lágrimas e fungava num lenço que tirara da bolsa.

- Você vive um momento diferente. As guerras de sangue e honra não são tão comuns e acirradas como há vinte anos. Mas naquele momento... seu pai fez o que era mais seguro para você e sua mãe. Ele deu a vida para que vocês tivessem a chance de viver. Para que você pudesse crescer. Naquele momento, a vida de vocês não valia nada. E seu pai sabia disso... Eu amava seu pai. Ainda amo. Aquilo tudo me atormenta todos os dias. Meu irmão se entregou no meu lugar, para a polícia. Eu estava em choque. Fiquei fora do normal durante meses. Depois de muitos remédios e terapias com especialistas, fui melhorando e assumi os negócios da família. Devolvi o que era de vocês e segui o meu caminho. Achei que tinha superado o assunto nos últimos anos. Estava enganada.

Quando vi você no restaurante dias atrás, soube imediatamente quem era. Você se parece muito com seu pai. Sua voz é igual a dele. Vocês usam o mesmo perfume. É como se eu o estivesse vendo na minha frente, novamente. – Nesse instante a voz dela ficou embargada e mais lágrimas deslizaram por suas faces, que ainda conservava parte da beleza que tivera um dia.

- Não precisa continuar. Estou vendo que essas lembranças lhe causam muita dor ainda – Ela balançou a cabeça em negativa. Baris não sabia ao certo o que ela negava com o gesto. Conhecia sua fama de mulher impiedosa, nos negócios. Homens de negócios experientes falavam nela com respeito. Agora via apenas uma mulher fragilizada.

- Preciso terminar. Gostaria muito do seu perdão. Sei que não mereço, mas precisava ao menos pedir.

- Senhora, não digo que tudo que me contou, não me afete. Mas muitos anos se passaram e pretendo ser fiel a decisão de meu pai de manter a paz. Quanto ao perdão, preciso processar tudo isso na minha cabeça. Quem sabe um dia. – Baris levantou-se e saiu deixando a mulher só, com sua dor, suas lágrimas silenciosas e a saudade que lhe esmagava o peito.

Dias mais tarde, um envelope chegou a casa de Samara. Dentro havia dois envelopes menores e de cores diferentes. No azul, havia uma breve carta escrita à mão. Kemal dizia que não queria alimentar ressentimentos, pois estava prestes a começar uma nova etapa na sua vida. E que para essa felicidade ser completa, não poderia abrigar mágoas e ódios em seu coração. Como prova de que estava tudo superado, lhe enviava o outro envelope. O envelope branco e pomposo, tinha um convite para o casamento. Lágrimas que pareceram lavar vinte anos de dor escorreram pelo rosto de Samara. Sem soluços, apenas alívio.

Dias depois ela contemplava dois jovens sorridentes fazerem votos de fidelidade e amor. Lembrou-se do seu próprio casamento. Não havia sido como esse. Nesse a felicidade estava por todos os lados. No seu, havia ressentimento, tensão e ódio no rosto de todos.

Ela dormira bem desde que recebera a carta de Kemal. Finalmente ela fizera as pazes com seu passado. Embora ele não tivesse usado a palavra perdão, ela sentia-se finalmente perdoada. Era como se a sua vida estivesse ficado em suspense após a morte de Faruk e agora voltasse a viver.

Não haveriam abraços de ternura e amizade entre eles. Mas a paz seria mantida. A vontade de Faruk continuaria sendo observada.

Conto inspirado no filme turco, *Su ve Ates* de 2013. Dirigido e estrelado por Özcan Deniz, que também foi responsável pelo roteiro e música do filme. O final do filme tem um lapso de tempo. O conto se inspira nesse espaço de tempo, que o filme não mostra, apresentando a visão de uma das personagens sobre os fatos.

Glenda Brum de Oliveira



É de Chapecó, SC. Tem 4 livros publicados e participação em mais de 130 antologias. É membro de 10 academias literárias, no Brasil e no exterior. Prêmios Diamante das Artes e Educação da Austria Culture Brazil House; Destaque Literário e Melhores do Ano; Prêmio Sul Brasileiro de Literatura; e Latino Americano de Poesia. As comendas Jane Austen, Machado de Assis, Pablo Neruda, Anita Garibaldi e a de Maria Firmina dos Reis. Colunista da Revista Casa de Escritores e colaboradora das Revistas The Bard, Autorretratos e do Jornal Rol. Participou do Festival Cultural do Brasil, em Viena. Diplomas de Caneta de Ouro e Mérito Literário da FEBACLA. Condecorada

com os títulos de Doutora Honoris Causa, em Literatura, e Chanceler das Artes, no Prize of Artes.



CRÔNICA SOBRE UM SERTANEJO

Ao cair da tarde, sentado num banco improvisado no quintal de uma pequena vila, encontra-se ele. Seria este um pobre traba-lhador pensando em sua sobrevivência, ou apenas apreciando o tempo? Passo ao lado dele e ensaiamos um cumprimento:

- Boa tarde!

- Boa tarde!

O sertanejo, de cavanhaque, pele morena, queima-da pelo sol, olhar profundo, sobrancelhas largas, cor-tava um pedaço de fumo e mantinha-se concentrado. Seus cabelos avermelhados, mãos calejadas e pés ra-chados, assim como as muitas rugas de seu rosto, de-nunciavam a vida dura que levava. Apesar de tudo, seu viver lhe agradava.

Depois de um tempo, ainda cortando a matéria-prima para seu cigarro, o homem esboça um sorriso. Em que pensava agora o distinto sertanejo? Difícil dizer. Talvez lembranças do passado. Em seguida, enxuga o suor em sua roupa desgastada, assim como a sua vida. Sua idade? Talvez uns 50. Sua aparência? Talvez uns 60.

Ainda sentado em seu banco, já com as sombras da noite se aproximando e algumas estrelas surgindo, continuava o caipira o seu fumo a picar. Observava algumas pedras ao seu redor, as quais não lhe impedi-am o caminho.

A cena daquele sertanejo em seu momento de des-canso após um dia de trabalho árduo me fez desacele-rar também. Como eu poderia pensar em ficar ocioso num mundo tão apressado? E, na verdade, para que serve a correria exagerada atrás de tantas coisas vazias? O homem simplesmente via sua vida passar, não se importava muito sobre o que lhe proporcionaria o destino, escolhia apenas aceitar a sina que lhe cabia.

Elisangela Dias Saboia



Mestra em Letras: linguagens e letramentos pela UNEMAT e graduada em Letras pela UNEMAT com habilitação em Português/Inglês e suas respectivas Literaturas. Professora há mais de 15 anos, atualmente faz parte do quadro permanente de docentes do IFMT – Campus Sorriso. Elisangela atua no Ensino Médio Técnico e Curso Superior, e também se dedica à escrita de poemas e contos literários. **@elisangela.saboia.**



RITUAL DIÁRIO

Talvez fosse ser diferente, mas Diana pensava muito em cada emoção que sentiu sob o Sol daquela manhã de Domingo. Não imaginava que seu ser pudesse sobreviver a tal sofrimento.

Tudo começou quando Diana realizou seu sonho: morar à beira-mar. Muitos não acreditavam, mas com persistência ela conseguiu. E todos os dias, quando acordava pela manhã e antes de qualquer coisa, ia até sua janela, abria e falava:

— Oh Mar, lindo Mar, como és belo! Bom dia!

Tomava seu café da manhã e ia caminhar pela orla, molhando seus pés no mar. Sempre repetia este mesmo ritual, pois era ali que Diana elevava seus pensamentos. E ao anoitecer, antes de deitar, ela repetia o mesmo ritual: ia até sua janela e falava:

— Oh Mar, lindo Mar, como és belo! Boa noite!

Passaram verões e mais verões e ela continuava fazendo sempre o mesmo ritual. Mas então o destino fez com que Diana conhecesse um rapaz, e quando ele dormia em sua casa, envergonhada, não realizava seu ritual diário. Ela estava radiante, apaixonada e não fazia mais nem suas caminhadas na orla. O Rapaz não gostava de caminhar e ela, como o amava muito, preferia passar todo o tempo possível ao seu lado.

Assim, o tempo passou e ela, cada vez mais apaixonada pelo Rapaz, esqueceu-se totalmente do Mar que tanto amava. Em um lindo Domingo, ao abrir a janela do seu quarto, Diana sentiu a brisa do mar tocar seu rosto tão suave e com tanto cheiro de mar, que fez surgir lembranças em seus pensamentos dos rituais que fazia todos os dias. E falou:

— Oh Mar, lindo Mar, quanto tempo! Que saudade de você! Bom Dia!

Diana estava muito feliz, sentia-se muito bem naquela manhã, então decidiu retomar suas caminhadas. Até que, de repente, avistou ao longe alguém que ela julgava conhecer. Foi chegando cada vez mais perto e tendo a certeza de que conhecia. Lá estava seu Rapaz, bonito e corado, feliz e sorridente, compartilhando um momento íntimo com uma jovem excepcionalmente bonita.

Diana não acreditava no que estava vendo, desesperou-se, mas agora ela entendeu porque seu Rapaz não gostava de passear com ela à beira-mar. Diante daquela cena, saiu correndo sem rumo pela beira da praia, suas lágrimas se confundiam com cada gota de água do mar que batiam em seus pés. Voltou para casa acreditando que seu mundo havia acabado. Chorou por horas. O Rapaz tentou explicar, mas Diana não admitiu, depois de tudo o que seus olhos viram, escutar alguma explicação do Rapaz. E tudo acabou ali, o amor, a paixão, seus sonhos e desejos. Todo aquele conto de fadas que ela vivia se desmanchou, assim como os castelos de areia na beira do mar.

Não tinha mais vontade de nada, não comia direito, mal tomava seu banho e só ia trabalhar porque precisava; estava um trapo. A desilusão acabou com seu amor próprio, acabou com seu castelo de areia.

Em uma bela noite de verão, Diana decidiu deixar a janela do seu quarto aberta para sentir a brisa do mar em seu rosto novamente. Aproximou-se da janela e apenas abriu. Deitou em sua cama e às lágrimas, adormeceu. No meio da madrugada acordou assustada. Meio sonolenta, sentiu uma mão suave em seu rosto. À princípio, achou que fosse seu Rapaz, mas se assustou quando percebeu que era outra pessoa: um rapaz de pele clara, os olhos da cor do mar e com um cheiro gostoso de brisa marinha. Desesperou-se, mas ele a acalmou.

— Não fique nervosa, acalme, eu vim aqui para buscar meu boa noite! Mesmo você não me dando mais, eu venho aqui todos os dias buscar, te dar

boa noite e cuidar de você! Eu estava com muita saudade, você não merecia passar por tudo isso.

Diana o olhou com aquela mesma admiração de amor e ele continuou:

— Naquela manhã de Domingo, quando você abriu a janela depois de tanto tempo e me olhou com tanto amor, eu não resisti, tive que fazer você ir até a praia, mesmo sabendo que você iria sofrer, mas eu não podia deixar que ninguém fizesse isso com você. Promete para mim que nunca mais vais me deixar?

Diana, encantada com tudo o que estava acontecendo— sem entender como aquele rapaz com cheiro de mar entrou em seu quarto e nem naquela história fabulosa—, mesmo assim prometeu que nunca mais deixaria de lhe dar bom dia e boa noite, nem deixaria de fazer suas caminhadas à beira-mar, e ele, por sua vez, prometeu que sempre cuidaria dela.

A partir daquele dia, Diana nunca mais deixou de abrir sua janela e realizar seu ritual diariamente e o Mar, com sua brisa, entrava pela janela toda noite e a fazia dormir, até o dia em que Diana não acordou mais.

Aricele Geisler



Sou Aricele Geisler gaúcha da cidade de Rio Grande no RS, fui criada na praia do Cassino, a maior praia em extensão do mundo. Sou Professora, Historiadora, Geógrafa, Psicopedagoga e Pós-Graduada em Psicologia Positiva. Fui criada em meio aos livros, sou uma apaixonada por eles porque meus pais sempre leram muito! Considero a Leitura o caminho para o desenvolvimento cognitivo de todas as crianças e jovens – é por meio dela que construímos saberes. Para isso, acredito que o livro deve ser acessível e democrático, pois é parte essencial do desenvolvimento de todas as pessoas. Assim, nasceu meu primeiro livro infantojuvenil “*Os Rabiscos Coloridos*”, que lancei em 2021. Já com minha irmã, também pedagoga, lançamos dois livros sobre Educação Emocional, um para professores e outro

para pais. Também fui coautora do livro “*O sumiço da mamãe sereia*”, junto com meus alunos do 5º ano. Além é claro, dos diversos contos que escrevo dos mais variados temas. Atualmente, meu mais novo livro de literatura infantojuvenil está na pré-venda, “*O Menino que Tinha Medo de Trovão*”. Meu principal objetivo com este livro é levar a leitura para o maior número de leitores possível e para isso criei o Projeto Escola pública, onde irei distribuir meu livro para todas as escolas municipais da minha cidade.

CONTATO

Instagram: @pro_ari_oficial.



NATUREZA EM FOTOGRAFIA

Belos retratos em preto e branco colados nas paredes dos quartos, impressos com imagens congeladas de tempos passados, para guardar na memória viva do pensamento. Uma fonte de amor e ternura para recordações futuras. Quantas saudades daqueles tempos antigos em que colhíamos jabuticabas na jabuticabeira e saboreávamos laranjas à sombra da laranjeira. Ah, se soubesse das grandezas naturais e do seu valor, teria observado mais os lírios do campo e cheirado mais suas flores. Teria colhido mais frutos no pé de laranja lima. No entanto, eu ainda era pequenina, faltava-me a astúcia dos meus tempos de menina.

Quanta grandeza havia no balançar das folhas dos coqueiros, os cocos explodiam no terreiro e desabrochavam lindos cachos no meio dos quintais. Onde vivíamos, havia corujas vivas, no meio da mata nativa. Não me falta a memória dos tempos de outrora; bebíamos água com as mãos ao atravessarmos a pinguela do ribeirão. Havia córregos e nascentes no meio das lapas, onde as crianças jogavam pedras para ver a água borbulhar e pequenos lambaris davam um show na hora de mergulhar.

A exuberância da natureza aguça todos os sentidos; ela é a mãe de todos e agracia com seu espetáculo tudo que tem de mais bonito. Chegará um tempo em que haverá apenas retratos na parede. Sangraram o pulmão da Terra e atingiram o centro do seu coração. Há uma inversão dos fatos: a máquina se modernizou para a fotografia em cores, mas as fotos nada mudaram. Não existem mais cores; murcharam-se as flores. Os bem-te-vis, os canarinhos, os pinta-silgos não cantam mais; iremos nos contentar com seus cantos e encantos pelas redes sociais. Cessou seu alimento e também foram extintos os pardais; não há mais verde para uma fotografia

colorida. Nem existem mais frutas para alegria dos animais; não há registro do último voo das borboletas. Sabe-se que a ignorância coletiva cortou a ligação com nossos cordões umbilicais; quiçá, o nosso último castigo é ser o último dos mortais admirando fotografias na parede.

Meire da Consolação Ribeiro



Natural de Turmalina, interior de Minas Gerais. Filha de pais analfabetos e órfã de pai com um ano de idade. Caçula de 9 irmãos, desde criança ajudava a mãe na lavoura para colaborar com o sustento familiar. Foi alfabetizada na zona rural por sua irmã, professora da época que tinha apenas a 4ª série do ensino fundamental. Aos 12 anos mudou-se para a cidade para trabalhar como ajudante do lar, onde morou e estudou até concluir o ensino médio. Em seguida, se mudou para Belo Horizonte onde formou e atuou como técnica de enfermagem. Nesse período se dedicou também aos estudos para concursos públicos, e teve a alegria de ser aprovada em alguns. Atualmente, é servidora pública da renomada Fundação Ezequiel

Dias (Funed) vinculada à Secretaria Estadual de Saúde Pública de MG. Desde muito nova gostava de ler e aprender o significado das coisas. Ainda criança ganhou o concurso de melhor redação da escola, fato muito importante, já que o prêmio equivalia ao material escolar de todo o ano letivo em uma época em que os recursos financeiros eram escassos até mesmo para comprar cadernos. Recentemente, descobriu nas letras a arte de escrever e desenhar em palavras. “Não importa o assunto, se tocar no coração ou mexer com minha imaginação, escrever para mim é uma terapia e uma arte de fazer textos e desenhar poesias”.

ENSAIOS



O MUNDO É UM NAVIO

“O mundo é apenas um navio.”

(Sergei Alexandrovich Yesenin)

A imagem do mundo como um navio soa *nonsense*. De fato, enxergar o Planeta Terra como embarcação ou transporte não parece fazer o menor sentido, uma vez que se considerarmos o aspecto físico, planeta e navio não guardariam semelhança alguma. Trata-se, pois, de uma metáfora com bases sólidas em arquétipos literários e que, portanto, habita o imaginário de alguns povos há muitos séculos.

Navio, nave, nau, barco, balsa, ferry boat, barca, arca, canoa - toda e qualquer embarcação marítima é parte indissolúvel da identidade de povos antigos, mormente dos povos hindu, nórdico e eslavo. No caso específico dos eslavos, o símbolo da embarcação está contido no mito da criação do mundo. É bem verdade que a figura do navio (ou do barco ou da arca) consta em diferentes mitologias, e com significados quase sempre muito similares, no entanto, ao que parece apenas na Mitologia Eslava Deus, quando decidiu engendrar o mundo, estava em um barco:

“no início não havia nada além de céu e mar,
e Deus navegava em seu barco...”

Tradição na literatura eslava, o tema náutico remonta à mitologia e à antiga religião eslávica (Livro de Veles, Veda Slovena e Chronicon Slavorum, de Helmold) e poemas épicos como Bylinas, os quais narram a cultura e os costumes eslavos bem como a existência de um reino das águas repleto de divindades.

Sob esta ótica, podemos analisar a recorrência da temática marinha nas obras eslavas a partir de três imagens arquetípicas: o navio, o mar e as águas.

A priori, faz-se indispensável discorrer resumidamente acerca do que significa “Arquétipos Literários” que não são exatamente os arquétipos junguianos, ainda que deles derivem. Arquétipos Literários foram abordados principalmente pela escritora inglesa Amy Maud Bodkin, que aplicou a teoria do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (que havia se debruçado sobre as ideias de Platão e Plotino para organizar e desenvolver a sua teoria sobre os arquétipos) à Literatura. A atuação de Bodkin é considerada uma das mais relevantes na Literatura, sendo obra de referência “Modelos Arquetípicos na Poesia”, do ano de 1934. A seguir, em semelhante trilha, o escritor canadense

Northrop Frye reuniu estudos dos arquétipos de Jung relacionados à questão do ritualismo. Para ele, os trabalhos de Jung são a base da análise literária. "Anatomia da Crítica", publicada em 1957, é o *masterpiece* de Frye.

Concluindo a “trindade mágica” quando o assunto é Arquétipos Literários, está o mitólogo, escritor e professor ucraniano Eleazar Moiseevich Meletinski que outrora esteve palestrando no Brasil e é autor da obra-prima "Os Arquétipos Literários", lançada em 1998, em que ele se refere a Bodkin e a Frye, além, é claro, de Jung; consequentemente oferecendo ao leitor um panorama bastante completo sobre os estudos existentes na área e propondo sua própria visão acerca de cada arquétipo com ótimos exemplos da Literatura Universal, e evidentemente, com particular foco na Literatura Eslava. Não menos importante, contudo, partindo de um ângulo distinto, temos o antropólogo escocês Sir James George Fraser com o seu “Ramo de Ouro” (1890), que não poderia deixar de ser mencionado tendo em vista sua proeminência como uma das obras mais pesquisadas no campo dos Arquétipos Literários.

Destarte, ao falarmos em textos literários, é vital aplicar e pensar os Arquétipos Literários à luz de seus mais relevantes pesquisadores. Cumpre assinalar que Arquétipos Literários são símbolos variáveis no espaço e no tempo. Isto é, para cada região, há um conjunto de símbolos que representa a história e a cultura local; bem como com o passar do tempo, alguns símbolos podem passar de recorrentes à míticos e de míticos à arquetípicos. Daí a importância de se (re)conhecer esses arquétipos quando temos um texto em mãos e, ainda mais pertinente quando se elabora uma tradução. Talvez, a tradução de poesia seja a mais dificultosa uma vez que o tradutor se vê diante do dilema estrutura x cultura, ou seja, entre manter rima ou arquétipo. Este não é um debate novo. Temos, no escopo dos Estudos da Tradução, pelo menos três teorias muito aventadas no Brasil: a de Haroldo de Campos, a de Paulo Henriques Britto e a de Henri Meschonnic. Pessoalmente, creio ser bastante útil a linha de Susan Sontag e de Peter Burke, que pensam os sentidos e a cultura, respectivamente. Porque, sim, é verdade, a rima, a métrica, o ritmo, a melodia, a modulação são necessários na composição e na fidelidade da tradução ou da versão; porém, diante do aspecto cultural, e, notadamente, de uma prosódia ou de um arquétipo literário; cabe aplicar a ponderação. E nesta ponderação é de clareza solar que o aspecto cultural se sobrepõe. Como se depreende, este constitui um embate entre linguística e cultura. Ocorre que a cultura se faz mais relevante em tal âmbito porque concerne identidade cultural e história.

Sobre Tradução, o escritor argentino Jorge Luís Borges, que cresceu bilíngue, foi tradutor e é considerado o maior leitor do século XX, costumava pontuar que tradução é dilema. E que o pior não é traduzir mal a palavra e sim traduzir mal a voz do autor. Um arquétipo é isso. É a voz do autor - que fez questão de registrar e transmitir aquele símbolo em particular, razão pela qual se torna insubstituível, já que é a representação máxima de um país, um lugar, um povo. Optar por um sinônimo para rimar ou manter a métrica é anular culturalmente o poema, de modo que perde totalmente o valor patrimonial. Um exemplo está justamente na Literatura Eslava: o barco-lua e a Rusalka, dos quais falaremos mais adiante, não podem ser trocados por vocábulos sinônimos ou genéricos. Ora, barco-lua é barco-lua (*moon-boat* ou *moon-ship*) e não um barco qualquer, é o lunar, que está intrincado à mitologia eslava assim como aquela específica ninfa das águas, a Rusalka, não é uma sereia! Ao omitirmos o arquétipo, o texto perde a força cultural e literária, e, dessa maneira, simbologia e pertencimento. O desdobramento destes elementos é primordial e é o sabor do poema, que tanto identifica quanto encanta.

Mas, afinal, o mundo é um navio? Bem, para a cultura eslava sim porque o mundo está diretamente ligado à figura do navio, que constitui um arquétipo literário complexo e significativo, um objeto sagrado e que representa tanto transportes náuticos quanto o artefato que permite a travessia em direção à própria vida, a outros mundos ou para a morte; neste sentido, como dito antes, é uma metáfora para a passagem da vida, sendo bastante versátil na simbologia dos diferentes momentos da vida: uma viagem longa que passa por mares revoltos, tempestades, horas de escuridão, de tédio, de estagnação, de bonança, de alvorada e do famoso “terra à vista”. Em última análise, envolve a caracterização de travessia, passagem e fronteira, tendo o ser humano como o timoneiro que busca conduzir seu navio (seu mundo), por isso, naturalmente, Deus navegava em seu barco, porque Deus está no comando do mundo, ele é o timoneiro-mor. Convém lembrar que o timoneiro constitui por si só um arquétipo literário: aquele que guia o caminho, que comanda a jornada, que controla o destino e que escolhe os rumos.

Navio, em esfera multidimensional, é uma presença constante, parte do imaginário coletivo no mundo eslavo e aparece desde os textos mais populares até os mais contemporâneos. Logicamente, a força de oraturas e narrativas antigas como *The Russian Primary Chronicle's (Tale of Bygone Years)* e Olga de Kiev em muito contribuiu para que o arquétipo se consolidasse como um símbolo da alma eslava cujas características

marcantes são: *esperança* (fé) de um mundo melhor, *perseverança* (determinação) na busca por um futuro melhor, *temperança* (moderação) para prosseguir a viagem (a vida), *força* (coragem) para controlar suas paixões e *confiança* (orgulho) na tomada de decisões.

À guisa de exemplo, apresento um fragmento de um conto popular eslavo conhecido mundialmente e que possui várias versões, inclusive audiovisuais - “O navio-voador”. Esta é uma narrativa duplamente peculiar, pois o navio, que já é um arquétipo literário ligado ao poder de travessia entre-mundos, é acrescido da capacidade de voar, outro símbolo de poder, portanto, um navio voador é um meio que torna mais poderoso aqueles que o possuem. Apreciemos abaixo o trecho de uma das adaptações mais expressivas do conto, fruto da coleta do folclorista e escritor britânico Andrew Lang:

“Certo dia, anunciou-se na aldeia que o Rei havia emitido um decreto em que oferecia em casamento a sua filha, a Princesa, a quem construísse um navio voador, isto é uma embarcação que pudesse voar.”

Já o poema contemporâneo “The World - a boat and moon” (O mundo - um barco e uma lua), do escritor búlgaro Bozhidar Pangelov, mantém a temática “mundo e embarcação” chamando para junto da figura do barco a figura da lua; e claramente a figura barco-lua, de considerável importância no folclore eslavo e na axiologia nacional. Notem que o autor não usa - provavelmente de modo intencional - artigo para lua: a boat and moon (um barco e lua):

“O mundo - um barco e lua
no seio das chuvas.”

O primeiro registro escrito na cultura eslava da figura do navio de que se tem notícias consta dos poemas épicos eslavos. Trata-se da figura do *Falcon Ship* (*navio falcão*), um navio cujos elementos apontam para o cósmico já que possui totens de animais e estrelas meticulosamente padronizados. Há um motivo mais antigo para isso: estudos sobre os povos eslavos mais primitivos determinam que navio/barco estava precisamente correlacionado ao céu, sendo o mar um reflexo do céu. O navio como um ponto luminoso em meio ao mar equivaleria a um corpo celeste, uma estrela ou à lua. A conexão do arquétipo do navio e dos astros celestes é considerada bastante óbvia, já que ambos, navio e corpo celeste, são considerados portadores da capacidade de mediação ou de comunicação entre mundos.

Singularmente em relação à lua, é ela quem acompanha o navio em meio à escuridão da noite, é ela a imagem recorrente junto a ele, ela que controla a água, e portanto, o mar. Ela, a lua, imagem arquetípica ligada ao feminino. Além disso, a relação do navio

(barco) com a lua está intimamente interligada à atividade marítima. É que em tempos ancestrais, os navegantes contavam o tempo por meio da lua; isto é, eles “navegavam em luas”.

A visão do navio como um símbolo supremo é presente na obra de Sergei Yese-nin, em especial em “As Chaves de Maria” (1918):

“A essência criativa em imagens é dividida da mesma forma que a es-sência do ser humano: em três partes – alma, carne e mente. A imagem dada pela carne poderia ser nomeada de fachada, a dada pela alma, de navio, e a dada pela mente, de angelical.”

Na tradição épica eslava, o navio (ou barco) encapsula a ideia de regeneração cósmica, ritual mágico e iniciação mística. Segundo os folcloristas, a embarcação en-carna um elemento esotérico. Fyodor Dostoyevsky em seu romance *Os Demônios* (1872) trabalha muito bem tal questão:

“Ele interveio, insistiu para que nós três trabalhássemos juntos e disse as palavras mais fantásticas que podem existir sobre um barco e remos de madeira de bordo, tiradas de alguma canção russa. Eu o elogiei e disse-lhe que era um poeta, o que ele aceitou como se fosse algo real...”

“Que bela espécie de “barco mágico” é você...”

“Se o seu “barco de fadas” falhou contigo, e transformou-se em nada além de um velho casco podre, digno apenas de ser cortado fora...”

Importa assinalar ainda que, durante muitos séculos, a tradição de batizar em-barcações com nomes femininos reforçava a associação do navio (ou barco) com a fi-gura da mulher. Inicialmente, o costume homenageava deusas a fim de pedir que ga-rantissem uma viagem segura. A seguir, passam a ser usados nomes de santas, para assegurar proteção; e, mais recentemente, nomes de mães. Nesta esteira de raciocínio três pontos merecem escrutínio:

1. Em latim, a palavra navio “Navis” é do gênero feminino. O curioso é que na língua inglesa, que possui o pronome neutro “it”, quiçá por influência da língua latina, navio é convencionalmente referido por “she” e “her”, inclusive no caso do famoso Ti-tanic. Na atualidade, contudo, é mais comum que navios eslavos sejam batizados com nomes de escritores que escreviam muito sobre navios como Aleksandr Sergeevich Pushkin.

2. Nos primórdios, o mar era associado à figura da mãe. Esperava-se que o mar protegesse a embarcação assim como uma mãe protege seus filhos, e, sobretudo,

porque o navio, por motivos técnicos, teria um formato “lua crescente” similar ao útero. A embarcação assim como a mãe acolhe, abriga e salva, neste sentido o exemplo mais emblemático talvez seja a “A Arca de Noé”. A propósito deste item, trago à lume que Carl Jung considerava que o navio (ou barco ou arca) seria uma analogia ao ventre materno. Segundo ele, o arquétipo do navio constitui o anseio por renascer e retornar ao útero da mãe, o que acaba sendo corroborado pelo Dicionário dos Símbolos em que tem-se que o transporte náutico é comparável à figura de um receptáculo (ou vaso ou cálice), e, deste modo, estaria-se diante da matriz feminina, da mãe, da portadora da vida.

3. Em alguns idiomas como o francês, mar é uma palavra feminina (la mer); e no espanhol/castelhano, em que mar é uma palavra masculina, não é raro que em textos poéticos, mar seja apresentada como uma palavra feminina (la mar). Este fato também pode ser explicado por meio do pensamento junguiano que salienta que o mar está diretamente relacionado à figura da mãe, é o símbolo das águas uterinas maternas fecundas e criadoras substancialmente.

O mar é um dos elementos de maior relevância na cultura eslava. Ele traduz o movimento de transição por excelência: as ondas vão e voltam, as marés sobem e descem, as águas se acalmam e se agitam, ou seja, tudo é provisório e cíclico, como na própria dinâmica da vida. Mar é água em abundância, água que é um elemento sagrado que une e separa o mundo dos vivos e dos mortos; é por meio do barco que surge nas águas que se nasce e se morre.

Por fim, chegamos à imagem das águas que é certamente o elemento mais reverenciado pelo povo eslavo. A água preenche o corpo da Terra e o corpo humano, motivo pelo qual é tão divinizado, até mesmo por suas propriedades curativas e mágicas. A neve, a água derivada do gelo ou água congelada também tem o seu lugar miraculoso: quanto mais congelada a água, maior o poder de cura e magia.

Em Floco de Neve, conto do folclore eslavo, coletado por Andrew Lang e constante de sua obra *The Pink Fairy Book*, temos um panorama fabuloso do que a neve é capaz de criar:

“Vamos fazer uma criancinha de neve e imaginar que se trata de uma criança viva. 'Sim, vamos fazer isso', disse Ivan, tirando sua boina e indo para o jardim com sua senhora. A seguir, os dois começaram a trabalhar com todo o ânimo possível a fim de criar uma boneca da neve. O casal moldou um pequeno corpo e duas mãozinhas e dois pezinhos. No topo eles colocaram uma bola de neve, que seria a cabeça (...) 'Ah! Ivan, Ivan

, exclamou Marie, vibrando de alegria, ' o céu finalmente nos enviou um filho! E ela se jogou sobre Floco de Neve (esse era o nome da criança de neve) e a cobriu de beijos. E a neve solta caiu de Floco de Neve como uma casca de ovo cai de um ovo, e era uma menina que Marie segurava em seus braços. 'Oh! Minha querida Floco de Neve!"

Como é de se imaginar, a água aponta para a manutenção da vida e, para além disso, é considerada o símbolo de transformação, limpeza e purificação. Na Mitologia Eslava, há inúmeros espíritos femininos associados à água ademais das Rusalki, como Mavki, Navki, Boginki e Vily, que foram comparados às ninfas gregas. Da mesma maneira, há diversas deusas das águas, destacadamente Mokosh (Makosh), Dana, Agidel e Zorya (Zora, Zarya ou Zara). No caso particular de Zorya, sua lenda está intimamente vinculada ao barco (Zorya e o barco dourado). Zorya, irmã do sol e da lua, que aparece em companhia dos santos gêmeos Nicholas e George, ganha um barco dourado.

Embora seja possível traçar semelhanças entre a mitologia eslava e a nórdica, muito em virtude da região báltica, das runas, das rotas marítimas, da presença de barcos Vikings na Rússia medieval e da prática em construção de embarcações que ambos, escandinavos e eslavos, realizavam primorosamente, a literatura eslava possui suas próprias fontes folclóricas, várias das quais sobrevivem até os dias de hoje como no caso de “Kupala Night” (Festa de Kupala) que ocorre todo solstício de verão (junho) e que foi retratada pelo escritor ucraniano Nikolai Gogol em “Véspera de Ivan Kupala”. Kupala ou Kupalo, de acordo com a lenda, é o gêmeo de Kostroma, no folclore polonês, a mãe ou deusa d'água, que foi a primeira Rusalka, um espírito feminino que reside em vias navegáveis.

A respeito da Rusalka, cabe realçar dois tópicos: que no folclore eslavo as rusalki são espíritos, entidades que se assemelham à sereias, mas não são sereias assim como também não são criaturas mágicas, tanto é assim que em algumas ocasiões, elas saem da água e viajam pela terra. Entre as Rusalki mais conhecidas estão Dana, Kostroma, Marina e Moryana, e sobre elas muitos autores de prestígio escreveram, dentre os quais Mikhail Lermontov (poema Rusalka) e Orest Somov (Conto Rusalka).

No século XIX, a lenda foi acrescida de uma perspectiva bem realística: Rusalka passa a ser apresentada como a mulher que se afogou (suicídio) devido ao desgosto profundo que lhe causou o casamento marcado por abandono, abuso, assédio ou feminicídio (afogamento violento cometido pelo marido). Após a morte, esta mulher se transformaria em Rusalka e viveria o resto da vida buscando vingar sua morte.

A lenda da Rusalka ganhou muita notoriedade em duas óperas homônimas: Rusalka, de Alexander Dargomyzhsky (1856) e Rusalka, de Antonín Dvořák com libreto de Jaroslav Kvapil (1901), obra em que se encontram reunidas na figura folclórica da Rusalka algumas características de histórias bem conhecidas como a do romancista Friedrich Heinrich Karl de la Motte (Undine), do folclorista Karel Jaromír Erben (Coleção Kytice), dos coletores e criadores de contos de fadas Božena Němcová (A Avó) e de Hans Christian Andersen (A Pequena Sereia).

Recentemente, a figura da Rusalka reapareceu em interessante artigo de Inna Naroditskaya intitulado “Rusalkas Russas e Nacionalismo: Água, Poder e Mulher” que vem rememorar o quanto a peça tcheca-polonesa Rusalka, de Antonín Dvořák, - notem que dado profícuo - foi uma obra de propósito nacionalista!

De modo geral, as imagens e as descrições acerca do “mundo das águas” prosseguem na cultura eslava. Se por um lado, persiste a temática da natureza dual do mar e das águas - ora em bonança (espelho d’água), ora em temporal (maré de tempestade); por outro lado, perdura o tema náutico em toda a sua magnitude: o navio (incluindo o navio-voador, o navio fantasma, o barco cósmico e o barco-lua), a Marinha, as viagens, os marinheiros, os oficiais, o serviço naval, as velas; entre outros.

Muitas grandes obras da Literatura Eslava apresentam robusto conteúdo marinho, em realce: O Mar (Vasily Andreyevich Zhukovsky), Ao Mar (Aleksandr Sergeevich Pushkin), No Mar (Anton Tchekhov), A Filha do Capitão (Aleksandr Sergeevich Pushkin), A Vela (Mikhail Iurievitch Lermontov), Velas Escarlates (Aleksandr Grin), O Apelo do Mar (Aleksandr Grin), Como Você é bom, Ó Mar Noturno (Fyodor Ivanovich Tyutchev), Há nas Ondas Marinhas Melodia (Fyodor Ivanovich Tyutchev), Um Cão Malhado Correndo À Beira Mar (Tchinguiz Aitmátov), O Navio Branco (Tchinguiz Aitmátov), Maximka: Histórias do Mar (Konstantin Mikhaïlovich Staniúkovich), Histórias do Mar Russo (Konstantin Mikhaïlovich Staniúkovich), Viagens de Circum-navegação na Korshun (Konstantin Mikhaïlovich Staniúkovich) e O Significado do Mar (Alexander Ivanovich Vvedensky).

Desfrutemos a seguir de dois excertos de contos eslavos:

“Foi apenas na manhã da véspera da Páscoa que o tempo melhorou e o mar acalmou-se. Às seis horas da tarde, o navio a vapor Grão-Duque Alexis deixou o porto. O Coronel não tinha ninguém para se despedir, pelo que era grato. Nunca teve paciência com a comédia um tanto hipócrita e quase sempre difícil da despedida, quando sabe-se lá porquê, se fica meia hora inteira ao lado da embarcação olhando para as pessoas

que estão no píer, sorrindo sorrisos forçados, jogando beijos, gritando em tom teatral frases tolas e sem sentido, até que por fim, com um suspiro de alívio, se sente o vapor começar a se afastar vagarosa e pesadamente”.

“Certo dia anunciou-se na aldeia que o rei havia baixado um decreto, em que oferecia a mão de sua filha, a princesa, a quem construíse um navio voador”.

A Literatura eslava é fascinante, apesar de pouco estudada e de ainda haver muitas obras carecem de tradução para a língua portuguesa. Os arquétipos literários eslavos são igualmente de acesso um tanto limitado, porém, são bastante encantadores e agregam conhecimentos realmente empolgantes.

Com vistas a encerrar este breve ensaio, e sob o prisma dos arquétipos literários aqui abordados, conluo a declamar:

o mundo é
um navio.

o navio é
uma mulher.

∴

planeta é
mãe
d 'água.

REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Gustavo. Mitologias arquetípicas: figurações divinas e configurações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- BODKIN, Amy Maud. Modelos Arquetípicos na Poesia: Estudos Psicológicos da Imaginação. Londres, UK: Oxford University Press, 1934.
- CHEVALIER, Jean. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- FRASER, George James. O Ramo de Ouro: um estudo sobre religião e mágica. Simon & Brown. 1890.
- FRYE, Northrop Herman. Anatomia Crítica: Quatro Ensaio. Princeton University Press, 1957.
- JUNG, Carl Gustav (org.). O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MELETÍNSKI, Eleazar Moiseevich. Os Arquétipos Literários. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade, Arlete Cavaliere. 3. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.

Clarissa Machado



Carioca residente em São Lourenço desde 2017, é graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. É autora dos livros “Pelas Águas de São Lourenço” e “Buen(os) Aire(s)”, do conto Alice Sem Aniversário (abril 2022) pelo Clube do Conto da Editora Gulliver e da crônica Argentina, Amor e Vingança pelo Crônicas Editoriais da Editora Caravana. Participa de coletâneas do Mulherio das Letras Portugal e também de antologias digitais e físicas de várias editoras e círculos literários. Em 2022, integrou a Mesa “Cidades Criativas da Literatura”, na Flipócos, ao lado da Comitiva de Óbidos, Portugal. É ativista literária, defensora

do Direito à Literatura, interessada especialmente nos temas Arquétipos Literários, Turismo Literário, Terapias Literárias e Cultura de Paz. Contato: @artesliterariascriativas e @clarissaxmachado.



**É TEMPO DE GRANDES
ESPERANÇAS!**

Assim, seguia eu, com o barulho das rodas do trem nos trilhos, o silêncio britânico nos transportes públicos e minha vontade de sentir “a alma de mais um lugar.” Mergulhei na leitura de uma tese de doutorado que começa assim: “Em nove de junho de 1870, no dia em que Charles Dickens morreu, aos 58 anos, enquanto a rainha lamentava no palácio de Windsor, alguém notificava a voz de uma criança, vendedora frutas, noutra cidade: _ Se Charles Dickens morreu, então o Papai Noel também irá morrer.”

Talvez na mente infantil isso não fosse um exagero, pois o escritor abordou a celebração natalina em duas de suas obras: a urbana após a Revolução Industrial em *Christmas Carol* (adaptado ao cinema), ao passo que em *The Pickwick Papers*, seu primeiro romance, o Natal era associado a comunidades rurais e feudais.

Enfim, Portsmouth Harbour. Que atmosfera! O azul do céu não se misturava com o tom do mar que, além da imensidão do turquesa, recebia reflexos prateados do sol, enquanto um enorme navio ancorava para levar os passageiros em destino à Isle of White. Um destaque ao estaleiro histórico: por ser uma região portuária, Portsmouth sofreu bastante em tempos de guerras, e o “Portsmouth Historic Dockyard” (cenário do filme “Os Miseráveis”) permanece lá, eternizando essa história.

Foi também ali um dos lugares que o pai de Dickens trabalhou, pela Marinha Britânica. E, enquanto eu capturava a parte velha da cidade em direção à “Old Commercial Road”, meditava a respeito da biografia do grande romancista, que está enterrado no lugar mais honroso que um escritor poderia estar, Poet’s Corner, dentro da Abadia de Westminster.

Charles Dickens, considerado o escritor mais popular da Era Vitoriana, era de família de classe média bem baixa, viveu a pobreza de perto, presenciou a desigualdade social, a prisão do pai e chegou a trabalhar numa fábrica de graxa com apenas 12 anos. Coincidência ou não, esse

episódio ou temática do trabalho infantil irá aparecer, de forma disfarçada, em suas obras, como a realidade urbana da Inglaterra, considerada a “Oficina do mundo”, na época.

O escritor de Portsmouth enriqueceu com seus romances, que eram lançados em fascículos e jornais, naquele tempo. Antes, porém, trabalhou num escritório de advogados, aprendeu o ofício e começou a fazer pequenos relatórios nas assembleias, reuniões políticas e da nobreza. Era um homem de relacionamentos, de network, e isso o ajudou a conquistar espaço. Lança suas obras em fascículos e preferia que os leitores tivessem contato constante com sua escrita. A veia jornalística nunca o abandonou, embora ele sempre trouxesse tudo para os romances em forma de ficção.

Ele tinha uma interação com as pessoas, ouvia o que diziam, enviava sua “equipe” aos eventos, para anotar sobre o que conversavam, o tom de voz, os detalhes, e trazia isso para seus livros, uma espécie de matéria viva. O fato de ele ser já dono de jornal e de empreendimentos, facilitava a sua rede. As pessoas diziam, como aconteceu com Machado de Assis, no Rio, “nós lemos ou ouvimos a obra do Dickens para saber o que acontece na sociedade.” Eis um grande poder da literatura, ela conta a História por meio das histórias! Machado de Assis, três décadas mais novo do que Dickens, foi o tradutor de parte do romance *Oliver Twist* no Brasil, e alguns críticos e ensaístas literários encontram um paralelo ou proximidade estilística entre o conto machadiano, “Miss Dollar”, e o romance citado dickensiano.

Ele vendia muito, e esse foi um dos motivos pelos quais sua obra só foi aceita e valorizada pela Academia muito tempo depois. Além do mais, mostrava a realidade do capitalismo da época. Porém, foi não só lida e aceita, como chegou a ter influência linguística no país, pois, tal qual Guimarães Rosa, Dickens inventava palavras e elas se popularizavam.

Vale retomar um de seus últimos romances, adaptado para o cinema: Grande Esperanças. Num tom melancólico, Pip, o protagonista, faz reflexões a respeito de valores, amizades. Mas, de que grandes esperanças falava Dickens? Creio que cada leitor tem seu ponto de vista. Porém, o mais nobre é ver o quanto sua obra foi alcançada por pessoas de diferentes classes e idades. O poder do legado eternizado! Os livros abençoam gerações futuras, e aqui estou eu, fascinada por um romance de 1861, mais contemporâneo do que nunca, pois aborda a desigualdade social.

-Meu querido Charles Dickens, a sua obra se imortalizou. E, hoje, em tempos tão difíceis, posso dizer ao mundo, por meio dela: apesar tudo, É TEMPO DE GRANDES ESPERANÇAS, pois, como você mesmo disse:

"Ninguém pode achar que falhou a sua missão neste mundo, se aliviou o fardo de outra pessoa."

Sueli Lopes



É Dra. Em Literatura, autora, escritora, colunista internacional, representante vitalícia da cadeira n.º 276 da FEBACLA (Federação Brasileira de Ciências, Letras e Artes)- BR; membra da Academia internacional de Literatura Brasileira –NY e CEO do Grupo Internacional de Escritores “Vozes da Diáspora”- Londres.



O PODER EMOCIONAL DA LITERATURA

Em um mundo predominantemente dominado pela energia do Deus Ares, pelo caos e pela violência, se emocionar é revolucionar. Assim como o hábito de ler e escrever permanece sendo um ato revolucionário, afinal, uma parcela da população ainda julga o conhecimento como uma “arma letal”, sendo alvo de muitas críticas e censuras.

Não precisamos retornar muito na ordem cronológica da humanidade para confirmar essa última afirmação, afinal há alguns anos, livros eram queimados pelo regime nazista e escritores eram cruelmente censurados e perseguidos pelo simples fato de propagarem suas ideias.

A literatura em seu aspecto mais amplo, há séculos se configura como um ato revolucionário, uma forma de resistência e de luta contra o mal incrustado no ser humano. Não me entenda errado, não estou querendo generalizar e segregar a sociedade, afinal, todos os seres são como *yin-yang*, luz e sombra, bom e mau. No entanto, levando em consideração que vivemos em uma sociedade em que a empatia está em níveis baixíssimos, se emocionar é mais uma forma de resistir ao caos instaurado. E é sobre isso que eu quero que você reflita, sobre o poder libertador que está interligado às emoções e à literatura.

Toda essa reflexão veio através de três livros que por uma sincronicidade do universo, presente do destino ou mero acaso – eu não acredito em acaso, mas você pode chamar como preferir – chegaram até mim na mesma época e para a minha surpresa, todos os assuntos se entrelaçavam, se complementavam, entrando em perfeita sincronia com o que eu já vinha refletindo e sentindo. Os pensamentos já estavam ali, sendo ruminados e marinados, e depois de muita leitura e de alguns debates entre amigos, enfim senti que estavam prontos para serem compartilhados com um público maior.

Todo esse movimento interno começou através das palavras de Virginia Woolf em *The Common Reader*, um ensaio sobre o escritor russo

Tchekhov, em que a mesma, ao discorrer sobre o refinamento estilístico do autor, trouxe algumas análises pertinentes que me chamaram tanta atenção a ponto de eu sentir as palavras de Woolf se entrelaçarem ao meu próprio sentir e ao de tantos outros escritores, como se tudo fosse conectado. O que de fato é.

A autora britânica cita no ensaio em questão a seguinte frase: “À medida que lemos essas pequenas histórias a respeito de absolutamente nada, o horizonte se amplia; a alma adquire um sentido surpreendente de liberdade.” Suas palavras me abraçaram de uma forma especial, pois senti que ela não falava apenas sobre os contos de Tchekhov, como também sobre a literatura no seu sentido mais amplo.

Quando falo em liberdade, associo ao autoconhecimento, ao poder da imaginação e à emoção. Quando falo em emoção, estou me referindo a tudo o que nos impacta, o que nos faz refletir, sentir e ressignificar.

Para mim, a literatura é sobre isso: Emoções.

Como romancista, eu procuro juntar técnica à intuição e emoção, afinal, sem instigar o gatilho do sentimento, da perturbação que leva à transformação, não conseguimos tocar o coração do leitor e aquelas letrinhas que preenchem uma folha em branco, serão apenas formiguinhas literárias de ideias soltas. Fazer literatura e ler literatura é sobre transformar vidas através de palavras, no entanto, sem sentimento dificilmente terá transformação.

Por que eu escolhi falar sobre emoções em um texto sobre literatura? Seria mera romantização característica de romancistas? Pode ser quem sim, porém vou deixar você tirar as próprias conclusões, afinal, essa é uma das coisas mais belas que a escrita me proporciona: Dividir opiniões, gerar debates e fazer o leitor sentir.

Entendeu em que ponto estou tentando chegar ao argumentar sobre a associação entre literatura e emoção, nesse texto que é quase um híbrido

entre artigo, ensaio e crônica? Se você não parar para refletir sobre as minhas palavras, eu não te causei nenhuma emoção, o que é uma lástima e mostraria que eu não cumpri o meu papel de lhe fazer refletir. Por outro lado, mesmo que você discorde de cada palavra que eu proferi, ache uma besteira cada argumento, ainda assim ficarei feliz, afinal, atingi o meu objetivo: Fiz você sentir, independente de concordar comigo ou não, de certa forma fiz você pensar sobre as minhas palavras e se conectar com os seus sentimentos intrínsecos.

No marketing falamos sobre a importância de ativar o gatilho da emoção, campanhas publicitárias de sucesso são criadas com base na estratégia de envolver a *persona*, ativar alguma lembrança ou sentimento, e converter essa emoção em vendas. E isso não acontece apenas no meio publicitário, é consenso também no meio corporativo e claro, no universo literário.

Uma história precisa ser vendida, certo? Pois bem, como um livro será vendido se não impactar, não emocionar e o leitor não se conectar? Exatamente, mais uma vez voltamos ao ponto inicial da minha reflexão: Emoção. Para emocionar o leitor, precisamos de verossimilhança para assim gerar uma das emoções mais fortes: Empatia. Ame ou odeie, concorde ou discorde, todos esses adjetivos são entrelaçados à emoção.

Em *A literatura como remédio: Os clássicos e a saúde da alma*, Dante Gallian cita o “poder afetivo, mobilizador, transformador que a leitura de histórias, ficcionais ou não, pode exercer sobre uma pessoa.”, fazendo referência a Santo Agostinho na obra *Confissões*, sobre o efeito que alguns livros têm de “revolver as ondas do coração”.

Já Olga Tokarczuk cita nas últimas páginas da premiada obra no Prêmio Nobel, *Escrever é muito perigoso: Ensaios e conferências*, que: “A literatura é construída precisamente com base na sensibilidade em relação

a cada ser diferente de nós mesmos. É o principal mecanismo psicológico do romance.”

A literatura é um remédio para a alma, mas também é fonte de autoconhecimento e um exercício de empatia. Você pode estar me questionando: Como assim, empatia? O que isso tem a ver com as emoções e a literatura?

Pois bem, você já parou para refletir sobre como funciona a química do seu cérebro quando você sente as emoções do personagem de um romance, por exemplo?

Na minha obra *Fios do Destino*, eu conto a história de Marianna que após uma experiência de quase morte, precisa encarar o luto e se recuperar. O leitor acompanha a trajetória da protagonista, vivencia ao seu lado a sua evolução e também a sua vida amorosa, que se divide entre sentimentos passados e o desejo de liberdade. Esse livro não me rendeu apenas um prêmio internacional como também o presente de poder trocar ideias com leitores que se digladiaram nas redes sociais sobre com quem Marianna deveria ficar, os mesmos que choraram com as tristezas e celebraram cada progresso no processo de recuperação e redescoberta de uma personagem fictícia. Você percebe? Através de um livro, do contato com a história de pessoas fictícias, somos capazes de exercer a empatia.

Para resumir, quero enfatizar que ao se identificarem de alguma maneira, seja com algum trecho ou pela sensação de semelhança com algum personagem, o leitor se transforma. Seja no momento da leitura ou após o livro ser finalizado, os sentimentos latentes de cada um, em algum momento geram um movimento revolucionário dentro de suas próprias mentes, se manifestando em *insights* poderosos sobre suas próprias vidas fora das páginas.

Isso é empatia, isso é emoção, isso é transformação.

Todos esses sentimentos e *insights* foram compartilhados entre leitores e comigo, através de mensagens, debates sobre a obra ou apenas comentários nas redes sociais. Todo o movimento de compartilhamento e conexões entre conhecidos e desconhecidos, me leva a mais uma citação de Tokarczuk quando a autora afirma que essa comunicação acontece até mesmo fora das palavras, em um movimento de identificação entre pessoas com interesses em comum, afinal “A literatura cria laços entre as pessoas, permite que elas se comuniquem.”.

Falamos muito em teoria, comprovação científica e racionalidade, mas esquecemos de conversar sobre a emoção, uma das experiências mais primitivas que tivemos contato e que não deve ser negligenciada. Literatura também é sobre comover, não apenas sobre ensinar a teoria.

É inegável o poder revolucionário que a literatura carrega, seja através da escrita ou da leitura, estamos suscetíveis às emoções, a aprender com personagens, a nos conhecermos através da identificação com histórias e gêneros literários. É por intermédio dos livros e das páginas preenchidas que podemos enxergar o mundo em sua quase totalidade, acolhendo histórias e sentimentos que não são nossos, tal qual fazemos com os personagens que criamos ou nos conectamos através de uma boa leitura. A literatura nos ensina mais do que podemos imaginar, basta treinarmos o nosso olhar para enxergarmos além do que vemos com os olhos. É preciso compreender além das capacidades lógicas e racionais, afinal se queremos sentir o poder transformador das letras, é preciso sentir a literatura além da teoria e da técnica.

Luana Schrader



É autora de romances que levam o leitor para viajar através de narrativas repletas de belos cenários, sentimentos e sensações. Formada em Moda pela École Supérieure de Relooking, abandonou a carreira como personal stylist, no entanto permaneceu nas artes, mais precisamente na criação literária. Com formação em Escrita Criativa e Criação Literária, é autora de quatro livros. Seu segundo romance “Fios do Destino” recebeu o prêmio Talentos Helvéticos Brasileiros, sendo exposto em um dos maiores eventos literários da Europa, o Salon du Livre de Genebra, na Suíça. Quando não está escrevendo ou lendo, está viajando para algum lugar do mundo em busca de inspirações.



慶半園川家后

O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA NA INFÂNCIA

Quando comecei a escrever, eu só escrevia o que eu achava estranho nas pessoas, eu tinha entrado na adolescência e como não tinha vivenciado minhas próprias experiências, não tinha minhas respostas, eu queria saber porque os adultos sofriam tanto. Conforme o tempo ia passando, minhas necessidades iam mudando e eu ligava os pontos entre o que acontecia comigo, as decisões que eu precisava tomar e a maneira que as pessoas agiam quando não faziam suas escolhas de acordo com o que elas sentiam.

Eu ligava as experiências da minha mãe e a maneira que ela agia e os resultados que ela tinha. E foi percebendo que as minhas ações me levavam a ter resultados mais satisfatórios que os dela, e como minha maneira de reagir frente as situações me deixavam bem mais feliz, que eu comecei a falar sobre isso para as pessoas.

Nossa forma de agir era muito diferente, e assim comecei a ouvir críticas muito cedo, minha mãe falava que eu precisava pensar na vida, que eu tinha que pensar no dia de amanhã, ela dizia: “Menina, você precisa pensar na vida, menina você tem que pensar no dia de amanhã, essa menina não pensa no futuro.” Eu não queria pensar para não ficar igual a ela, falando sozinha.

Eu me lembrava de quando ela parava para pensar, minha mãe tinha o hábito de ficar sentada na rede da varanda pensando, depois de muito pensar ela começava a conversar sozinha como se tivesse respondendo uma voz que estava dentro de sua cabeça. Ela começava a conversar e depois ia alterando a voz, e chegava a ficar muito nervosa, eu não entendia o motivo do nervosismo.

Ela falava muito no dia de amanhã se referindo ao passado, suas escolhas ou falta delas, eram feitas de acordo com o que tinha vivenciado, então eu ficava me perguntando: “Mas e o agora, o hoje, o que fazemos com o dia de hoje, porque o futuro está sempre onde nós não estamos, e como é que vamos voltar ao passado, meu Deus? Que loucura é essa? Viver assim realmente se torna muito complicado, tem que ter um jeito de viver que não seja desse jeito que as pessoas vivem.”

Eu percebia que só podíamos fazer algo “agora” isso me deixava tonta, porque os adultos não faziam nada, e porque eu teria que me preocupar com futuro se eu não podia sair do agora e ir para lá? Então, se fosse para viver assim, eu não poderia fazer muito pela minha vida. Quando escrevia o que eu sentia, minhas próprias respostas vinham.

Porém, só com o passar do tempo, as situações foram acontecendo de um jeito que eu comecei a entender os resultados que as pessoas tinham. Mas esses resultados não eram satisfatórios. As pessoas reclamavam, e a culpa ia sempre para a sociedade. Por causa da sociedade as pessoas desistiam dos seus sonhos, não faziam o que queriam nem falavam o que pensavam.

As pessoas também queriam ser bem vistas, e só falavam o que os outros queriam ouvir, ou do jeito que as pessoas não fossem criticar. Eu comecei a achar que daquele jeito a vida era mesmo muito penosa, e era compreensível quando as pessoas reclamavam.

Até que eu tive minha primeira experiência, os meus pais se separaram quando eu tinha doze anos e eu fui viver com o meu avô, vivendo com ele eu adquiri uma crença terrível que mais a frente vou compartilhar. Eu era a neta mais próxima dos meus avós e quando minha avó faleceu meu pai me levou para fazer companhia para meu avô. Fiquei com ele dos treze até aos quinze anos de idade.

Na casa dele vivia uma moça que era cozinheira, uma arrumadeira, e outra que era uma espécie de governanta. Eu cheguei para fazer companhia, nessa época morávamos em Minas Gerais, e depois fomos viver em Feira de Santana. Como eu sentia saudades de minha mãe, decidi voltar para Minas e foi aí que eu vi a necessidade de ajudar em casa.

Minha mãe viveu a vida toda dedicada ao lar, quando se separou, ficou com todas as despesas, não recebia pensão alimentícia, e começou a vender todos os móveis da casa. Um dia, voltando da escola eu parei em frente a melhor papelaria da cidade, senti vontade de conversar com o gerente e pedir um trabalho, como eu não era de pensar para agir, entrei, chamei uma funcionária e pedi para falar com o gerente.

Quando a gente não pensa, evita que a mente fique analisando se está certo ou errado o que vamos falar, saia o que sair, é sempre a verdade de nossa essência. Quando uma pessoa fala mentira, tem sempre que ficar pensando, articulando como falar o que vai falar, isso gasta muita energia. Então, assim que o gerente apareceu, falei assim:

“os meus pais se separaram, a minha mãe nunca trabalhou fora, o meu pai não dá pensão alimentícia, e eu quero ajudar nem que seja comprando as minhas coisas, o senhor poderia me dá a oportunidade de trabalhar aqui?”

O gerente respondeu: “É muito bonita a sua atitude, sendo tão nova você já se preocupa em ajudar, eu te dou o trabalho de meio período, você vai ganhar meio salário, mas sua mãe tem que vir assinar autorizando porque você é menor de idade.”

Eu achava que minha mãe iria ficar feliz com a notícia, mal podia esperar para chegar em casa para contar a novidade. Eu havia perguntado a Neusa, minha vizinha, uma senhora de quase cinquenta anos, como eu poderia trabalhar, e ela havia me orientado, disse que eu poderia tirar minha carteira de trabalho, eu estava muito feliz.

Cheguei em casa, entrei eufórica, quase não conseguia respirar, eu nem tinha começado a trabalhar, mas já estava me vendo recebendo meu primeiro salário, Já fui entrando e falando para a minha mãe: “Mainha, quando eu estava voltando da escola passei na papelaria americana, e pedi para falar com o gerente, falei para ele que precisava trabalhar e perguntei se ele poderia me dá uma oportunidade, ele disse que sim, eu posso trabalhar meio período e ganhar meio salário, mas a senhora tem que ir assinar porque eu sou menor de idade”.

E continuei falando: “Mainha, eu conversei com a Neusa, e perguntei se tinha jeito de eu trabalhar sendo nova e ela disse que sim, e que eu precisava tirar minha carteira de trabalho...” Eu percebi que minha mãe estava me ouvindo muito séria, ela demonstrava que não tinha gostado da novidade. Quando eu falei o nome de Neusa, a minha mãe ficou muito brava comigo e me respondeu com essas palavras:

“Você está louca Adriana? Você já pensou o que o povo vai falar por você estar trabalhando sendo menor de idade? Eu vou falar para Neusa não ficar te dando conselho, você não vai trabalhar e eu não vou autorizar nada”

Eu realmente fiquei chateada por não ter ido trabalhar, mas aprendi muito com essa experiência, muitas das perguntas que eu me fazia, foram respondidas. Eu entendi porque a minha mãe não realizou os sonhos dela. Ela ficava preocupada mais com o que os outros iriam falar, do que com a própria necessidade que ela estava passando.

Conseguir o trabalho não foi difícil, eu segui meu instinto quando senti vontade de entrar naquela loja. Outra coisa que descobri foi, quem era a sociedade que não deixava as pessoas fazerem o que elas querem? Em especial as mulheres, sociedade é gente que fala da gente, e aí percebi outra coisa, só fala de nós quem nos conhece, nossa sociedade são nossos

vizinhos, amigos, colegas de trabalho, parentes, só quem nos conhece pode ter uma opinião sobre nossas ações.

Uma pessoa que nunca nos viu não tem o que falar de nossa vida. Se eu estiver caminhando numa calçada e passar por uma pessoa que eu nunca vi, essa pessoa não terá nada para falar da minha vida, então ela não é a minha sociedade. Concluí que minha sociedade é um pequeno grupo de pessoas que eu conheço.

Cada pessoa tem a sua sociedade, e podemos ter uma sociedade em comum que são as pessoas que apresentamos umas às outras, nesse caso, se eu não faço algo preocupada com o que alguém vai falar de mim, logo, eu estou preocupada com a sociedade, e assim ninguém vive como deseja, todos com um medo ilusório, ninguém faz nada do que gosta e todos são infelizes.

A partir daquele dia prometi para mim mesma que quando eu fosse maior de idade ninguém iria me proibir de fazer o que eu queria, aprendi outra coisa importante com aquela experiência, muitas pessoas acham que sabem o que os outros vão pensar ou estão pensando, e isso é um engano, eu voltei para casa achando que minha mãe iria gostar por eu ter conseguido um trabalho e, no entanto, ela ficou com muita raiva.

É claro que fiquei triste por minha mãe não ter me deixado trabalhar, mas como não fui, aprendi muito mais com aquela experiência, sempre tirei bons aprendizados quando as coisas não davam certo. Se eu tivesse ido trabalhar, eu não teria aprendido tanto na minha vida, aquela experiência foi muito preciosa. Tenho muita pena de minha mãe ter sofrido tanto sem ter percebido isso.

Nós só sentimos medo quando sentimos vontade de fazer alguma coisa. E são essas vontades “de fazer”, que dão sentido a nossa vida, o fazer sempre tem um propósito, se fazemos, realizamos!

Se não conseguimos fazer o que queremos, ficamos frustrados. Não há nada que nos impeça de fazer o que queremos a não ser nossas crenças. Se não fazemos porque temos medo, pensamos que vamos fracassar, ou de sermos criticados, seja lá por que motivo for, aí tem crença limitadora. Se a pessoa tem vontade de fazer alguma coisa e não tenta, ela nunca vai conseguir realizar.

Por mais difícil que seja, se não houver desistência, vai chegar uma hora que o objetivo vai ser atingido, por mais que haja erro, uma hora ela vai acertar, desde que recomece de um jeito diferente.

O que temos a perder, se Deus nos deu um dia novo todos os dias para fazermos o que desejamos e para recomeçarmos? O que mais temos que fazer na nossa vida que não seja cuidar de nós? Até a vida dos nossos filhos, enquanto tenho um filho menor, ele me deve obediência, nós podemos orientá-los. Mas chega um tempo, que ele vai ter suas experiências e cuidar e tomar as suas decisões. Então ninguém deve privar ninguém de realizar seus sonhos.

Quando eu era menor, obedeci, agi de acordo com as crenças da minha mãe, mas sendo maior, eu agi de acordo com o que eu acreditava. Um sonho nunca deve ser deixado para trás. Assim como viciamos com as vitórias, também viciamos com os fracassos. Anteriormente eu falei sobre uma crença terrível, a única que eu tive em minha vida, mas essa é uma história para outro dia.

Adriana Strella



Adriana é mineira filha de mãe baiana e pai paraibano, reside em Portugal há 22 anos. É escritora, autora colunista internacional. Começou a escrever com 12 anos de idade sobre o que não entendia no comportamento dos adultos começando pela sua mãe. Hoje com 52 anos atua no mercado de desenvolvimento pessoal. Coautora do Livro Mentoring Coach Advice Humanizado ISOR. Coach

na categoria Self e Life; Terapeuta, trabalha com os princípios sagrados com Abordagem Transformação e Programação do Pré-consciente: Ativista Quântica formada pelo Físico Indiano Amit Goswami. Mentora; Palestrante certificada em Portugal. Registra suas experiências e resultados em livros e revistas. Coautora e Crítica Literária do livro Sementes de Paz lançado no Consulado Geral do Brasil em Londres; faz parte do Grupo Internacional de escritores Vozes da Diáspora. Foi Premiada melhor escritora do Brasil no Mundo. A Premiação aconteceu no Palácio do Parlamento Britânico em Londres 16 de setembro de 2023. Academias que faço parte: AIEB - (Academia dos Intelectuais e Escritores do Brasil). Cadeira 74 Patrono Nelson Rodrigues FEBACLA (Federação Brasileira dos acadêmicos Ciências Letras e Artes) Acadêmica Internacional, registro nº249 ALSPA- (Academia de Letras de São Pedro da Aldeia) AHBLA - (Academia Hispânico-Brasileña de Ciências, Letras y Artes) registro nº 18, AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira), sede em Nova Iorque- Registro 0876. Títulos Dra h. c. em Literatura; Dra h.c. em Psicanálise. Embaixadora Brasil-África com Ádido Cultural. Prêmio Ativista Cultural de 2023. Notório Saber em Literatura; Embaixadora da Paz pelo The Peace Maker in Cooperation with the Supremo Consistório Internacional dos Embaixadores da Paz. Comendadora, Altíssima Comenda Sigmund Freud. Dama Grande Oficial da Augustíssima Cada Real dos Godos do Oriente.

Contato: @adrianastrellaoficial | stella.adriana@gmail.com.



PARTICULARIDADES SUNTUOSAS DA VIDA HUMANA DE BRENDA

Perene flui a interminável hora que nos confessa nulos. No mesmo hausto em que vivemos, morremos. Colhe o dia, porque és ele.

(Odes, Ricardo Reis)

Ultimamente, não terminava tarefa alguma. Aliás, nem sabia o que era para ser feito, quando acordava. Pensava em mil possibilidades, e começava todas, mas não finalizava nenhuma. Ebulição, estranheza e certa efervescência inquietavam todos os seus momentos, segundo a segundo. A respiração dormia e acordava ofegante, e um desejo desmedido de sonhar — com aquele “cara” — surgia colossal.

Aquele que Brenda nem conhecia. Aprazia-lhe imaginá-lo acariciando sua pele, beijando sua nuca. Queria perder-se por inteiro naquele corpo opulento, macio e forte, cujas mãos tinham sido treinadas para o amor, desde o primeiro século. Ultimamente, a vida e tudo o que fazia parte do essencialmente humano apareciam-lhe agigantados.

Havia muitas coisas para serem resolvidas. Coisas que deveriam ser feitas. Livros que precisavam ir para o correio em endereços distintos; dados que deveriam constar no imposto de renda daquele ano — com o prazo marcando as canelas; a casa que necessitava de uma organização urgente; os eventos, no trabalho, que deveriam ser catalogados; os horários no dentista que tinham sido cancelados, mas que deveriam — com urgência — serem remarcados. Tantas coisas.

Isso sem contar com a libido que vinha demasiadamente forte (e sem avisar) e desaparecia, em longa tardança, meio rendida. Extenuada. E depois,

aparecia novamente, subindo e descendo pelas artérias — queimando tudo, causando tremores em seu corpo de forma exagerada. Ultimamente, vivia absorta ouvindo música e vivendo alguma coisa interna que ela não fazia questão de decifrar. Frenesi. Desmesura. E certa melancolia que parecia agradá-la, de forma intensa e absolutamente exagerada.

Ansiedade já não tinha mais este nome, havia ultrapassado os significados dos dicionários, distante que estava da semântica, da etimologia e da simbologia. Que “merda” era aquela que Brenda sentia e que fazia seu sangue ferver debaixo do cobertor? Que movimentação plena de taquicardia deixava seu peito aflito? Que fenômeno era aquele que a acalorava tanto que pensava estar à beira de morte? Seria o último suspiro a caminho do inferno? Silêncios e relâmpagos sucessivos estouravam na imensidão, mas também, aterrorizava quem estava debaixo dela. Essas antíteses desnorteavam seu planeta particular e convexo, ele todo era algo que Brenda não controlava.

E nesse paradoxo, a morte parecia mesmo um processo e não um acontecimento trágico. Silêncios e Gritos. Monotonia e Alaridos. E o coração saindo pela boca era o cenário diário dos últimos meses. Não há palavras que possam descrever o que ocorria com Brenda, em nenhuma língua desse mundo. Mundo este, cujos governantes escondiam a chance de reflexão sobre as verdades sociopolíticas. Imaginem, então, as existencialistas? As filosóficas e sociais? Era pecado conhecer a si mesmo, quanto mais o funcionamento da tríade *ego, alter, circum*. Este desempenho era (mesmo) um pecado dilacerante. Uma heresia imperdoável.

Ela vivia ensimesmada o tempo todo. Encapsulada, mas também, expansiva, isso até certa medida, porque não prestava mais atenção ao seu redor nem no outro. O outro não se encaixava em lugar algum. E esta constatação trazia um compasso mais afetuoso e diminuto no coração dela. Esse outro, sem rosto e, talvez, sem alma, aparecia em epifanias. E só de

não ser de carne e osso já proporcionava uma tranquilidade anímica em Brenda. Procurava não pensar. Dedicava-se a sentir. Mas um sentir multiplicado, híbrido. Um imenso contentamento.

“— Mas quem era esse outro que sabe que me atinge com sua voz rouca?”, perguntava-se Brenda, num tom extremamente baixo, com medo de alguém escutar. Mesmo porque não havia respostas às questões que fazia de quando em vez. Talvez fosse um segredo, um segredo totalmente desconhecido, até mesmo e, principalmente, dela. Tudo parecia distante e perto. Tudo estava dentro, mas mostrava a cara de quando em vez. Entrava e saía de si mesma sem nenhuma compostura.

O que ocorria ultimamente com Brenda? Ela vivia todas as histórias de amor do mundo em seu corpo. Sentia o que causavam os gemidos dos amantes, até que impregnados, encharcados pelas entranhas do tempo, passavam a pertencer somente a ela. Fixavam residência. O amor proibido habitava seu peito. Era Brenda a amar Romeu. Era Brenda a sentir continuamente a sensação de asfixia entre as famílias inimigas. A indústria do ódio demarcava a história e a alma dela, Brenda era Julieta desesperada. Amargurava-se. Mas, também, regozijava-se. E isso definitivamente devorava seu coração.

E se fossem aqueles os seus últimos dias de vida, Brenda queria morrer tendo orgasmos com espasmos violentos. Queria rolar na cama desmaiada. Cair inerte no tapete do quarto. Destruída. Sem conseguir mover um músculo. Queria convulsionar na grama molhada. Suar sob o corpo de alguém. Ter a pele formigando até perder completamente o tato ideal. Permanecendo, assim, na esfera da transcendência, como se fosse um encontro entorpecedor com a verdadeira (e real) ternura. Se for para morrer em alguns poucos anos que morra completamente viva!

O sentir intensamente humano é algo que poucas pessoas alcançam na “bosta” da vida, ainda mais, agora, que a maioria voltou a viver nas

sombras da caverna midiática de Platão. Talvez, se pensasse psicanaliticamente, conseguisse esboçar algumas hipóteses sobre o que ocorria com ela. No entanto, não queria refletir nem analisar nada. Só queria sentir o que se apresentava a ela, tão significativamente. Era ela e elas. Um mundo a parte. As mil faces dela. Ela e os amores do mundo a esmagar suas costas. Assim como as feiticeiras, ela gargalhava diante de uma mágica bem sucedida, mas chorava diante da vivência dos amores da história sobre ela.

O que se sabe é que Brenda estava alheia à rotina externa. Permanecia horas com os olhos fixos em um ponto que poderia significar tudo ou nada. Um transe profundo e tipicamente humano. Talvez um nada que para ela fosse tudo. Às vezes, ela achava que estava perto de descobrir o significado mais profundo do viver. A representação mais abissal de amar. Amar como Tarsila. Amar como Pagu. E amar como Deus amou. Estava perto de desvendar o mistério, principalmente, quando alcançava sucessivos e simultâneos orgasmos — numa sequência de dez ou doze, porque ganhava uma aura sacrossanta.

E lá jazia ela, destruída. Restava-lhe apenas um microssegundo de raciocínio — momento em que se deleitava e permanecia queda ouvindo a tempestade de seu corpo, e sentindo, por longo tempo, as convulsões que se apresentavam ritmadas, após as explosões de sangue em suas veias, após o formigamento de seus braços e de suas mãos.

Brenda era o conteúdo apaixonado das cartas de Vita a Woolf. Era o êxtase que invadia as janelas quando o sentimento de uma ou outra se apresentava a distância de milhões de quilômetros. Era a paixão que pesava nas cartas, o sentir mais profundo de cada palavra, cada desejo: “a carta de amor mais longa e charmosa da literatura”, disse, certa vez, o filho de Vita. Tudo vinha nela como um soco na boca do estômago, na cabeça, no peito. Um tranco nas pernas. E lá estava Brenda a sentir não se sabe o quê, mas muito quantificado.

Fechava os olhos olhando de lado e ficava assim por longo período. De dentro dela, um vazamento atômico descia por suas coxas. Às vezes, sorria timidamente fazendo o cantinho do lábio esquerdo, de uma forma bastante discreta, tremer. Quase imperceptível. Outras, ela continuava inerte. Parada. Brenda era Orlando em sua capacidade inteira. Desejava que o mundo fosse feito de milhões dele.

Ela era a dor de Romeu proibido de amar Julieta. Era Cristo traído pelo povo e pelas mãos lavadas de Pilatos. Medusa não sofria as injustiças, sozinha, antes as dividia com Brenda, porque Brenda desnudava o olhar de desprezo e de ódio de Atenas sobre Górgona, e denunciava o crime de Poseidon. Brenda era a própria condenação. A intensa dor de Simão, distanciado de Teresa, estava, também, nela, bem no meio de seu peito, causando dores dilacerantes. Delírios.

E no meio desse caos existencial, a libido que vinha sorratamente todos os dias habitar seu corpo, fazendo-a convulsionar, elevava-se ao quadrado. Ela queria desvendar um corpo, e ter o seu, também, desvendado, centímetro por centímetro, palmo a palmo: “amar a todos e não amar ninguém”, como Florbela.

Era em seu coração que o amor de Giuseppe por Anita fazia morada. Era em seu corpo que nascia e morria a paixão desenfreada de João Fernandes por Chica da Silva. Brenda havia sentido a dor do parto de cada filho que eles tiveram. Essa seria a razão de sua vida na terra? Ser todas e ninguém. Ser ele e eles?

“— Estaria tudo decidido?”, perguntaria ela, em um momento, e repetiria outras vezes, cantarolando desarticuladamente, com sua voz baixa.

“— Estaria?”, balbuciava.

“— É isso, então?”, continuava a questionar em sussurros, como se falar consigo mesma fosse a única forma (e possibilidade) de comunicação da vida dela.

Um lamento. Mil lamentos. Sua alma bifurcava-se clandestinamente nos olhares de Lota tentando encontrar o mais profundo (e definitivo) “sim”, na boca de Bishop. Era uma e era um milhão de mulheres. Talvez enviasse e-mails suicidas para conhecidos. Talvez, limitasse os seus dias a enviar e-mails com palavras ininteligíveis e frases desconexas a qualquer um disposto a lê-los? Em outros séculos, casar-se-ia por procuração, após trocar cartas de amor com um incógnito. Quem era — afinal — o “cara” com voz completamente rouca a balbuciar em seus sonhos? A beijar-lhe o pescoço, a nuca, as costas? A sugar-lhe o sexo?

Não queria acreditar que sempre fora ele. Não na altura do campeonato, momento em que, olhando para trás, via, nitidamente, que vencera todos esses anos, sem nunca ter fracassado. Quisera ela amar como Florbela: “E as lágrimas que choro, branca e calma, ninguém as vê brotar dentro da alma, ninguém as vê cair dentro de mim”. Mas a poesia era a pitada e o alicerce de suas experiências dimensionadas dos últimos meses. Uma rima rara poderia ser responsável por gozos altamente satisfatórios. Brenda assistia aos filmes e repetia as frases recheadas de bom gosto, meio clichê, mas de bom gosto. Patéticas, mas extraordinariamente significativas: “E o leão se apaixonou pela ovelha”. “Amar é nunca ter que pedir perdão”.

O olhar de desprezo de Hughes não alcançava somente os olhos de Sylvia Plath, ele, também, queimava a retina de Brenda. Eram olhares que a humilhavam, subordinavam-na. Estrangeira de si e do outro, naquele lugar em que se pôs, inconscientemente, e Brenda era tão estrangeira quanto Sylvia, pois morria lentamente, quando era ignorada. Havia certa xenofobia disfarçada no ar. E um Pierrô, ingênuo e sentimental dançando na corda bamba após ter o coração partido. O certo é que o coração de Sylvia também estava destruído na totalidade dele, não havia partes que se pudessem reorganizar.

Ao sentir o amor confuso e inebriante (não correspondido) de Sylvia pelo marido, Brenda morria um pouco a cada dia. Mas Plath morreu de uma só vez, com a cabeça dentro do forno e o gás ligado. A poetisa não aprendera com a dor, antes, fora sucumbida por ela. Seu imenso amor ignorado por Hughes fez com que desistisse de tudo. Sylvia precisou morrer para que a angústia desse amor uno e solitário não a transformasse em melancolia física. Uma melancolia com nome e sobrenome, com número de identidade e dupla cidadania, e que andaria lado a lado com ela pelo resto da vida.

Brenda misturava-se (também) às angústias vividas na guerra. Misturava-se involuntariamente em uma espiral que atravessava o nazismo e o fascismo e a crueldade humana que aniquilava a vida de inocentes embebidos pela ideia de herói, de culto à pátria. A guerra, que trazia caos e, em menor grau, impedia pessoas de viverem paixões, estava no útero de Brenda a mexer-se como um Alien. A guerra é demoníaca e os senhores bélicos não ficam no *front* nem enlouquecem com as mortes, antes, amam o caos a distância. O amor em tempo de guerra existiu e, talvez, seja o único sentimento real capaz de revelar o sentido da “porra” da vida em meio aos destroços.

Brenda viveu na pele de Ilsa Lund, ela sentiu, de forma avassaladora, as chamas do amor de Ilsa por Rick Blaine. E de Blaine por Ilsa. Uma dor que fazia seus ossos tremerem, só de lembrar como a história narrava sobre amores proibidos, impossíveis de existirem por eles mesmos. Tudo em meio à guerra. Sempre a guerra: “O senhor da guerra não gosta de crianças”, diz a banda Legião Urbana em suas canções. E repete: “O senhor da guerra não gosta de crianças”.

Brenda viveu a paixão de Robert Kincaid, porque foi Francesca por várias semanas, com a cabeça recostada, nas grades das pontes de Madison. Um amor que nascera proibido, nas páginas escritas por Robert James.

A angústia que se fazia presente, e era esperada, vinha em tempo permanente, ou seja, para ficar, porque Brenda não sabia viver se não intensamente: corte por corte, sutura por sutura. Rasgava-se para depois sofrer o dobro quando costurava suas fendas, fendas que não eram somente dela, mas de muitas mulheres. E ela suturava as feridas de todas as mulheres. E chorava por todas as crianças do mundo.

Passava o tempo todo dividida entre o trabalho (lugar em que ela ou só pensava ou pensava e sentia e suspirava), e os desvarios em seu quarto de apartamento, no décimo primeiro andar. Quando saía, porque era preciso, sua mente via as cenas agigantadas. Estendidas. Doía-lhe em dobro, gozava até a exaustão. E chorava em queda ondulante. E isso ocorria em todo lugar. Nos bares, nos mercados, nas lojas de conveniência, nos consultórios, no metrô, nos estacionamentos, nas ruas.

Dos rapazes que atendiam aos clientes (quaisquer que fossem as lojas), Brenda só enxergava suas bocas desenhadas a tinta nanquim vermelha, suas bundas reveladas pelas cuecas (de soslaio) distraídas pelos movimentos dos braços, enquanto eles buscavam mercadorias, no alto das prateleiras. Eles erguiam os braços e os abdomens surgiam à luz a quem os quisesse ver. Brenda suspirava alto ao dar com seu rosto de frente com os ombros largos dos atendentes, e isso a matava só de os virem passar, pedindo licença.

“— Com licença, senhora”.

E ela respirava com dificuldade. E só tentava acalmar esse ar desvairado quando ouvia (sem consciência anterior) alguém pedir licença, porque Brenda atrapalhava o bom andamento dos lugares, mas não se importava. E quando sentia isso, e ficava parada feito uma pedra, afogando-se com o ar excessivo e o descontrole do corpo, pensava que sua vida era mesmo uma grande apoteose. Um imenso jogo de sentir e convulsionar.

Não queria viver outro momento, não rezava para passar, queria tudo duplicado, intenso, exatamente do jeito que se apresentava a ela. Sabia das mentiras da personagem Claire, tentando ser Clara, em *Celle que vous croyes*. Mas Brenda sabia, também, das razões pela qual Claire precisou mentir. Conhecía os segredos dela em sua completude. Os segredos, mas, sobretudo, as dores.

E todas as vezes que Brenda estava fora de seu quarto, lugar de seu aconchego, seus desvarios, seus ataques libidinosos, ela não via a hora de voltar ao refúgio sagrado e, por isso, inerente e tipicamente humano. Era o que lhe cabia nessa vida. Era a parte dela neste latifúndio. Ela não precisava criar um perfil falso como a personagem francesa, porque todos viam até ela — fosse dia ou noite — e habitavam seu corpo e sua alma. E tudo virava maravilhamento.

Nada mais importava para Brenda, só os deuses da devassidão, seus pensamentos, suas línguas, suas mãos, seus sexos. O que importava era o corpo nu sobre o dela, enquanto imaginava desregramentos. Ultimamente, passava isenta ao cotidiano, porque seus dias eram intensos e transcendiam qualquer sentido ou rotina. E lá estava ela destruída, devassada, convulsionando músculos, sentindo tudo multiplicado, experienciando um erotismo que não escolheu, necessariamente, ele apenas surgira para matá-la, e, para, enfim, preenchê-la de vida.

E assim ela continuou, sendo elas e eles — em todos os sentidos, percorrendo, dessa maneira, a linha da história — sendo todas as personagens, vivendo todo o sentimento humano, cuja história ocultou, mas que Brenda, revelava, estrondosamente, nos últimos meses.

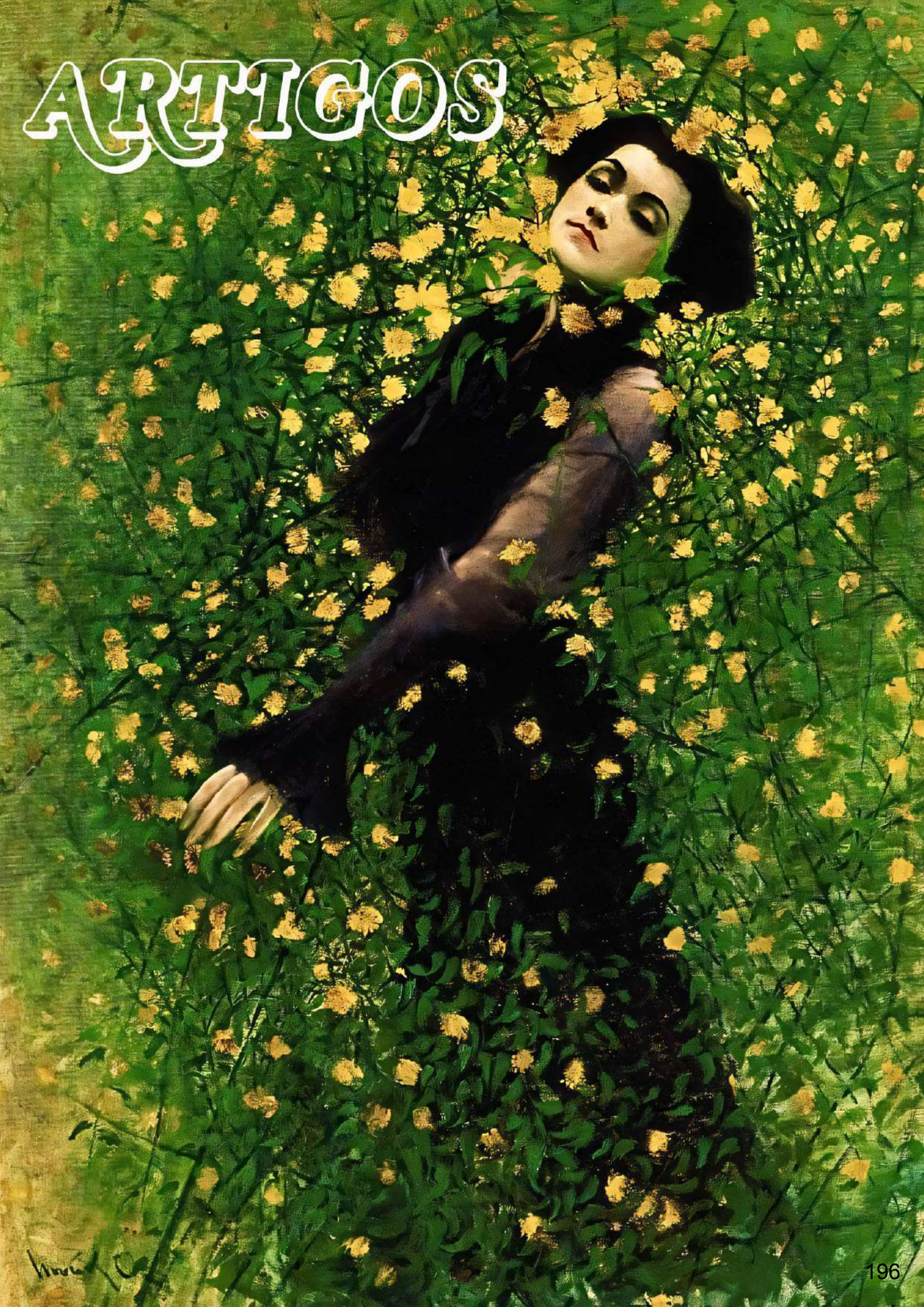
Vânia Coelho



Nascida em São Paulo, Capital, é jornalista, palestrante, escritora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, trabalhou em vários veículos de comunicação, e lecionou por mais de 30 anos em universidades, nos Cursos de Jornalismo, Direito, Psicologia e Letras. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira de Nova York. Foi orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso, TCCs, das turmas de Jornalismo; editora-chefe do jornal Institucional **Contraponto**; redatora-chefe do

Cinco Minutos UnG e coordenadora do *UnGNews*. Sua carreira jornalística deu-se dentro das academias. Trabalhou, também, na rádio web *De Prima*, responsável pela **Agenda Cultural**, às quintas-feiras - com dicas de filmes, peças de teatro, shows, exposições e livros. Compôs o Júri Internacional do FESTFRANCE – mostra francesa de 2021 que engloba animação, filmes e curtas. Alimenta o site <http://literacomunicq.blogspot.com.br> - com resenhas críticas de cinema e literatura. É autora de *Ritos Encantatórios*; *Aspectos Teóricos da Linguística*; *Mulher na Idade Média* – In: *História e Resistência*; *Costureira dos Malditos*; *Os Inocêncios*; *Café com Sartre*; *Tormenta e A Incrível Lenda da Inferioridade, volume I*. Este último lançado em maio de 2021, em Portugal, disponível nos formatos digitais e físicos. O formato físico encontra-se nas livrarias Martins Fontes, Cultura e nos sites da Amazon. Lança em março de 2023, mês em que se comemora o Dia Internacional das Mulheres, o volume II de *A Incrível Lenda da Inferioridade*, em que denuncia as atrocidades misóginas contra o feminino e ressuscita fragmentos da vida e da luta de mais 33 mulheres, cuja importância social, política, científica, artística, cultural e econômica, o sistema patriarcal desautorizou. Os volumes I e II da obra *A Incrível Lenda da Inferioridade* resgatam o nome de 66 mulheres reais que foram silenciadas, ocultadas das páginas da história oficial. O volume II também denuncia as atrocidades (práticas cruéis) direcionadas às mulheres desde tempos primórdios. Hoje, milita em prol da igualdade de gênero com palestras e debates, de modo a fazer o ouvinte refletir sobre o direito à liberdade e à felicidade. Atualmente, tem palestrado com frequência na Casa de Cultura Odisseia, em São Paulo, e participa, ainda, de forma contínua, dando entrevistas em diversas emissoras de rádio, televisão e internet sobre os seus livros.

ARTIGOS



Walt Disney Animation Studios

SALOMÉ DE OSCAR WILDE

O presente artigo é uma reflexão sobre o tema de *Salomé*, que envolve a obra teatral de Oscar Wilde (1854-1900). E a partir da mitologia cristã, o objetivo é de abordar a mulher e os aspectos da sexualidade, da androginia entre a psicanálise e a arte, ao apresentar uma fascinante história bíblica e o combate com as forças do desejo humano. O compartilhamento de narrativas bíblicas e mitológicas é a partir análise de textos e das imagens através do conhecimento das heroínas fortes na era anti-heroica da pós-modernidade. O mito pode ser visto como uma metáfora da realidade social, que expressa expectativas humanas universais. Não é um dogma, como forma fixada de maneira permanente e rigorosa servindo de fundamento para uma crença obrigatória, e é por isso mesmo que consegue manter um padrão de universalidade.

A mitologia bíblica ou grega, como exemplo, são assuntos, que apesar de não serem reconhecidas como tal pelo nosso sistema educacional, em que ninguém é formado em mitologia e faz parte de um campo que engloba uma variedade de ramos de conhecimento e disciplinas tais como os clássicos, a antropologia, o folclore, a história das religiões, a linguística, a psicologia e a história da arte (Ruthven, 2010, p. 15).

Porém, a forma de como a História da Arte tem representado o feminino é através de sua beleza maldita. A *femme fatale* finissecular impregnou as artes, a literatura, o cinema e a escultura até chegar à era contemporânea como a figura de Salomé, que se estruturou no paradigma da sedução, do mal e da morte na vertente literária de Oscar Wilde. A personagem de origem bíblica, ao esconder o seu lado fatal e petrificador como os olhos de Medusa, esconde a sua venalidade e destrói a imagem do feminino primordial, a imagem da Deusa mãe, provedora.

Nessa época, o Divino foi substituído pela lógica da ciência; nos países da Europa com os católicos, a representação emblemática do mundo foi abalada nas questões morais como o bem e o mal, sendo que a existência de um deus era pura ilusão. E a obra de Wilde, com a sua necrofílica Salomé impactou a Europa e foi posteriormente transformada em ópera por Richard Strauss e, a partir daí, a literatura, o teatro, o ballet, o cinema, a dança e todo o espetáculo erótico que se quis promover como tema o nome da princesa judia.

Salomé tornou-se famosa, embora pelos motivos errados como a tradição transformou-a num símbolo de perversão e lascívia. Entretanto, a verdadeira Salomé foi

apenas um brinquedo nas mãos de sua mãe Herodíades, que a usou para saciar a sua vingança contra São João Batista, cujo nome significa “Deus faz graça”. Ele é filho do profeta Zacarias e de sua mulher Isabel. O casal não podia ter filhos, considerando a idade avançada da esposa, então o nascimento de João é um milagre, que por isso tem que cumprir uma missão:

Designar o Messias; proclamar doravante bem próximo o Reino de Deus; batizar no Jordão e submergir aí, os pecados do povo e o próprio Messias, no entanto sem pecado, mas destinado a receber sobre si todos os pecados do povo e da humanidade (PONNAU, 2006, p. 104).

Na peça Salomé de Wilde, o pajem de Herodíades chama a atenção de seu amado para os encantos da lua e que ela não era inofensiva como o olhar destruidor da enteada de Herodes. A sua beleza era fascinante e ele comenta: “Olhai a lua! Como parecer estranha! Dá a impressão de uma mulher erguendo-se do túmulo. Assemelha-se a uma mulher morta. Parece cismar sobre coisas fúnebres” (Wilde, 2019, p. 07).

O que ocorre com Salomé e seu amor pelo profeta sugere quase que uma experiência mítica, da paixão e do arrebatamento. O luto põe o mundo em movimento e provoca o padrasto, que por isso manda seus soldados matarem-na por causa de seu ciúme violento. E a questão do sacrifício, segundo Georges Bataille, o filósofo aponta para a questão da experiência mística, que se observa nos transe e no arrebatamento dos santos, que constituem um desprendimento em relação a paixão religiosa (Cannassa, 2018, p. 73).

O belo tem ressonância com o mal e com a morte, algo que a arte decadente aproveitou e incluiu no seu mundo invisível estendido pelos meandros do inconsciente. A contribuição essencial desse movimento e de seus artistas para a modernidade foi a questão da identidade sexual posta em xeque. Para o pintor Gustav Moreau, os temas favoritos eram os da Bíblia e dos seres mitológicos. O artista escolhia temas que davam a expressão a fantasias, os papéis sexuais e de identidade, que eram característicos de sua época. O tema da homossexualidade e do ser andrógino também entram em foco.

O ser indefinido atrai o desgosto, que encobria a nostalgia do mundo que se desintegrava gerando a melancolia e a ansiedade expressas nas pinturas. As queixas dos artistas estavam relacionadas à mágoa, à desilusão amorosa, à impotência, à fadiga e à solidão, cujas temáticas encontraram forças no universo da arte simbolista e na escolha do reino da imaginação. Nesse sentido, essa atitude era como uma defesa

contra a realidade do progresso provocada pela Revolução Industrial do fim do século XIX, com o que artista não compactuava. E a arte funcionou como um desabafo de poetas que buscavam um refúgio com os temas do ar, da água e da lua.

A *leitmotive* da lua é uso corrente entre os simbolistas, que preferiam a noite ao invés do dia, enquanto os sonhos se apresentavam enquanto perversidade no campo da sexualidade entre deusas e prostitutas, que incorporavam este feminino idealizado num corpo obsessivo e erótico, mas jamais neutro. O gosto pelo tema da mitologia cristã era em torno do feminino e o artista pintou mais de 70 imagens de estudos de Salomé numa visão fascinante da história humana e seu combate entre a força de seus desejos. Nas telas de Moreau, entre virgens e efebos, os estudos sobre Salomé, como a obra *Aparição* (1874-1876), o artista usou na criação de sua personagem um figurino luxuoso e transparente. As roupas de sua personagem apresentam um elemento essencial na arte da princesa judia, que combina com o gosto da época, do erotismo e da luxúria. Inicialmente, a obra do pintor, fundador do Simbolismo francês, era acadêmica e aos poucos foi transformando-se até emparelhar com as suas audácias surpreendentes do impasto e da cor (Gibson, 2006, p. 34).

Salomé é a pura representação do que se faz dela nessa época, e a sua aparência está relacionada a uma sexualidade perigosa e aterradora. A princesa, além de gerar controvérsias acerca de sua identidade sexual, mostra-se uma virgem apaixonada, cuja ferocidade se justifica pelo amor que sente por Batista, que a rejeitou, daí pedir a decapitação do profeta. O seu caráter pérfido e lascivo ganhou contornos andróginos na versão de Oscar Wilde, que o ilustrador inglês Aubrey Beardsley apresenta Salomé como a mulher fálica, cujo plano de vingança é a decapitação, engendrando o elemento trágico do mistério do amor como sendo mais forte que o próprio mistério da morte. Do ponto de vista cênico, a personagem é intensa quando beija a cabeça degolada do profeta debaixo de suas vestes como “um sudário que vira vestido, casa, bandeira içada no alto de uma árvore” (Didi-Huberman, 2010, p. 85).

Enquanto isso, os convidados de Herodes se dispersam e todos saem diante do horror da situação e a cabeça do santo fica junto ao corpo de Salomé cobertos por seu traje. Segundo alguns críticos da época, a censura impediu a exibição do beijo mórbido da cena, bem como as cenas de homossexualismo. O filme de Charles Bryant, lançado em 1923, revela a força do mito na questão da violência e da paixão devastadora de uma mulher apaixonada. Porém, Salomé oculta certos aspectos da sua figura dupla. Revela-se e depois torna a cobrir-se com o véu. Ela é um perigo para quem a observa e

deseja por causa do efeito de seu olhar de Medusa. A dançarina também causava inveja na própria mãe, considerando que Herodes desejava a sua filha, explicitamente. E Salomé pede ao padrasto a cabeça de São João Batista numa bandeja de prata em troca de uma dança.

A escolha da explicitação da inclinação sexual dos dois guardas do palácio de Herodes, que são homossexuais, ainda era tabu. Aliás, o elenco todo do filme foi basicamente composto de atores homossexuais como a própria atriz principal, Alla Nazimova, como uma celebração à Oscar Wilde. A experiência do transgênero se inscreve na figura do dândi no século XIX, e o autor encarnou esta figura. O cenário e o figurino são no estilo do *Art Nouveau* e realizados por Natacha Rambova. A dança de Salomé, com seus gestos e o corpo carregado de posturas remetem aos desenhos de Aubrey Beardsley com o seu vestido que parece um pavão. Nessa construção fantasmática e consoladora: “faz abrir o seu olhar, como se abriria a cauda de um pavão para liberar o leque de um mundo estético, sublime ou temível e da esperança ou de temor” (Didi-Huberman, 2010, p. 48).

Aby Warburg, em sua obra *Histórias de fantasmas para gente grande*, assimila a figura de Salomé no domínio da linguagem gestual e da figuração artística quando, por exemplo, a dançarina bíblica aparece como uma mênade grega, no momento de sua dança. No culto orgiástico a Dionísio, por exemplo, as mênades dançavam com cobras vivas nas mãos, que enrolavam em volta da cabeça como um diadema, enquanto na outra mão levavam o animal dilacerado na dança sacrificial extática em honra à divindade (Warburg, 2015, p. 237).

A princesa judia é encontrada nas pinturas de Gustav Klimt, artista do período posterior como o *Art Nouveau* (1880-1920). No nascimento da Modernidade em Viena, o artista reflete as mulheres em suas pinturas desde as aristocráticas vienenses vestindo uma capa dourada com um dos seios nus, enquanto as mãos estão ocupadas segurando a cabeça de João Batista num gesto que demonstra a sensação de prazer. A versão da dama dourada, tema que se proliferou tanto na arte quanto no imaginário como uma figura emblemática e com a associação da sexualidade com Eros e Tanatos não fascinou apenas Klimt e Freud, mas também toda a Europa da época. A sensualidade da mulher fatal confere a uma nova vida, a um ideal, a sabedoria idolatrada, que já não tinha conteúdo. O nu feminino de caráter erótico e sensual, não dentro da assepsia clássica começa a predominar na obra de Klimt (Néret, 2006, p. 15).

A mulher como figura dual, anjo ou demônio são as heroínas de Klimt, que usavam a luxúria e a sedução e sorriam de forma lasciva como sua obra *Judite II* (1909) de Klimt. O artista resolveu realizar um manifesto e pintou o “hediondo” da mulher fatal. Ele trabalhava com o erotismo nas pinturas e causou muito escândalo na sociedade vienense. Klimt representava a viúva que seduziu o general assírio para depois decapitá-lo e assim garantir a vitória do povo judeu. O artista austríaco privilegiava as mulheres sedutoras e cruéis da arte Simbolista e retratou as figuras bíblicas, além de Salomé é Judith de Holofernes e a intensão ao evocar o feminino, o que provocava no observador fascínio e medo ao mesmo tempo.

A partida desta análise pictórica, o fundamento de uma atitude constante em face dessa “outra” importuna e perigosa, a mulher fatal, a criação da mulher vem a ser, portanto, o texto de referência dos autores gregos. Analisemos a obra de Andrea Mantegna, *Judith com a cabeça de Holofernes*. O pintor da Renascença foi um dos mais importantes artistas na Itália no século XV, homem que influenciou tanto contemporâneos quanto artistas posteriores. Ele retrata a narrativa de Judith, após ter decapitado Holofernes. E com o seu semblante de missão cumprida, a personagem mostra numa das mãos a cabeça para o povo de Betúlia, a sua cidade, e na outra carrega a espada que parece ter se quebrado com a decapitação, enquanto coloca a cabeça num saco.

Os mitos cristãos não apresentam nenhuma igualdade entre os gêneros feminino e masculino, sendo os homens os únicos que trabalham, enquanto as mulheres ficam em casa. Hesíodo, o filósofo grego tem uma opinião pessimista neste assunto: “o mal rivaliza constantemente com o bem” (Soihet, 2003, p. 131). Segundo a autora, os gregos esqueceram o trabalho feminino como a tecelagem, o cuidado com os filhos e a casa. Importante era seu aparelho reprodutor, e assim relegaram as mulheres ao silêncio.

O pensador Jean-Paul Bouillon sobre as obras desse artista:

[...] a manifestação da sexualidade e o voyeurismo são fundamentais e que abundam e sustentam as bases do fresco, tal como ela é tratada por Klimt e não chega a ser uma verdadeira libertação. Bem pelo contrário, ela lança-se num duplo pesadelo: o da mulher castradora, desta feita pelo seu próprio sexo e não mais pelo desvio da imagem simbólica de Judith I; e o da mulher luxuriosa, cujo prazer que ela proporciona e visa primeiro a ela mesma (a Volúpia e muitos mais desenhos eróticos de Klimt) constituindo também uma ameaça ao homem. A primeira aparece sob a forma das três Górgonas [...]. A segunda, oferece ela mesma,

no grupo simétrico, do outro lado do Tifeu [...] e a referência à sífilis que Klimt tinha particularmente receio [...] (Heyl, 2009, p. 99).

Jean-Paul Bouillon ao comentar sobre essa obra indica que, Klimt inspirou-se, justamente, na ode à *Alegria* da citada sinfonia que, por sua vez, originou-se de uma homenagem de Beethoven ao poeta Schiller. Assim decompondo a obra, ela é composta como a peça musical:

(1) *A Aspiração à Felicidade* que se defronta com (2) *As Forças Inimigas* e, por último, (3) *Hino à Alegria*.

(2) As forças hostis são simbolizadas pelo monstro gigante Tifeu, que os próprios deuses combateram em vão, as suas filhas, as três górgonas simbolizando a luxúria e o impudor, a desmesura e a mágoa ardente (Néret, 2006, p. 40).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artistas Simbolistas tinham a preocupação de subverter a tradição do antropomorfismo nas artes visuais com o objetivo de transgredir as formas corporais normais para revelar outras possibilidades de identidade sexual, as quais eles se identificavam. Porém, eles negavam o feminino e enalteciam um esteriótipo encarnado na beleza e na fatalidade como é o caso de Salomé, para apontar que, a beleza feminina e a sua carnalidade era representada no seu corpo com a cabeça de monstros ou de animais. E as figuras transforma-se em alegorias de mulheres castradoras.

A figura mítica de Salomé foi problematizada por meio de criações artísticas em que ganhou destaque a beleza demoníaca nas obras de Oscar Wilde, com sua Salomé, focada no amor ligado à morte, que engendra o elemento trágico em sua obra. Infelizmente, o escritor não viveu o suficiente para acompanhar o sucesso de sua Salomé, a exemplo da dançarina Isadora Duncan, que interpretou a dança dos sete véus para suas audiências, em 1908. Nesse ano, pelo menos, 24 Salomé estavam dançando ao mesmo tempo nos palcos de Nova York, mulheres que eram impossíveis de evitar ou ignorar. A propósito, Richard Strauss compôs *Salomé* em 1905.

A linguagem visual nas pinturas de Gustav Klimt vai buscar nos machos e fêmeas e no imaginário freudiano dos sonhos a sua inspiração. E ao representar o seu feminino, que luta contra as forças do tabu do corpo, a sua arte consiste em revelar o erotismo e o desejo contidos num ideal feminino como Salomé.

A história da arte, que remonta à Antiguidade Clássica, aos românticos e decadentistas ofereceu um grande relevo ao tipo de mulher vampiresca, impura e funesta. A sua beleza produz estados d`alma, como a beleza terrena ou aquática do *Art Nouveau* de Klimt. E a figura de Salomé não foi escolhida por acaso no Simbolismo por representar a transgressão, por meio da questão dos binômios, tais como natureza/cultura, natural/artificial, inclusive a questão da sexualidade ambígua.

Segundo a lenda de Medusa, era ela uma jovem bela, que ousou afirmar que os seus cabelos eram mais bonitos que os da deusa Atena. Esta, como punição, transformou a jovem na mulher com cabelos de serpentes e olhar petrificador da Medusa. O seu corpo anormal não poderia satisfazer os desejos masculinos, que os atrai, mas leva a vítima à morte. O monstro ctônico – das profundezas da terra – decapitado por Perseu foi transformado em uma máscara sem corpo, e o seu semblante foi adotado como a ira feminina na cultura pop. A personagem que porta a cabeça decapitada de São João Batista em suas mãos atende também para o tema da modernidade e da perda da unidade do corpo, como mostram as pinturas Surrealistas. Posteriormente, foi redimensionada pela cultura pop e em filmes contemporâneos, com a valorização da imagem andrógina.

Rosângela Canassa



Psicóloga e escritora. Contato: rocanassa@uol.com.br .



O USO DE ODA COMO COMPLEMENTO NA METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar por meio de pesquisa bibliográfica em sites, a eficácia no uso de ODA (Objetos Digitais de Aprendizagem) como complemento da Metodologia de Ensino de Língua Espanhola. Justifica-se a necessidade de tal estudo, pois está provada a eficácia do uso de ODA como uma maneira prática no processo de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira, no caso, a Espanhola.

Utiliza-se como metodologia, a pesquisa bibliográfica, relacionada com o tema, em sites da internet. A partir do embasamento teórico, são realizadas observações qualitativas e vivências em sala de aula, os quais, os professores utilizam em suas aulas, os Objetos Digitais de Aprendizagem como subterfúgio, fazendo assim com que, o aluno, de modo mais concreto, seja o protagonista de seu próprio aprendizado. O estudo propõe que o uso de ODA pode ser eficaz no ensino de Língua Estrangeira em qualquer idade, porém, é, principalmente, com os alunos a partir do Ensino Fundamental I (6 anos).

Em se tratando de Metodologia de Ensino, o professor deve sempre ficar atento, qual é aquela que melhor funciona com cada turma, com cada aluno, pois, não existe homogeneidade entre ambas, já que todas as pessoas são diferentes, aprendem de maneira distinta, de acordo com o seu tempo e seu conhecimento prévio, desenvolvimento cognitivo (cerebral e psicológico) e, conforme, a sua idade (cronológico).

O uso de ODA deve ser como complemento da Metodologia em sala de aula, com o objetivo de tornar a cognição menos entediante e, não, como um meio único de método de ensino. A vantagem da aplicação do ODA pode ir além

dos bancos escolares, visto que, todos os indivíduos conseguem continuar os seus estudos, por meio de computadores, tablets, celulares, etc. em qualquer local que em que estiver, mesmo sem conexão com a internet. Só que isso, não tira o papel do professor em conduzir e indicar o ODA adequado para cada currículo, conteúdo, disciplina e série/ano.

DESENVOLVIMENTO

Ao iniciar esse trabalho, se faz necessário definir, o que são ODA e mostrar a sua aplicabilidade durante as aulas de Língua Estrangeira.

ODA são Objetos Digitais de Aprendizagem que podem ser usados como ferramentas de apoio no processo de ensino-aprendizagem.

Nos últimos anos, o ODA tem se revelado como um novo exemplo de recurso reutilizável que serve como instrumento de ensino, em diferentes contextos educacionais, estes, os quais, estariam presentes, tanto na modalidade presencial ou à distância. Por ser bastante favorável, os objetos digitais vêm ganhando cada vez mais espaço nas escolas, contribuindo como instrumentos potenciais para a aprendizagem em múltiplas disciplinas, inclusive, a Língua Espanhola. Porém, vale destacar que, o seu grande uso, faz com que surjam muitas dúvidas e preocupações quanto à qualidade e à relevância dos objetos educacionais que são publicados em repositórios.

Os Objetos Digitais de Aprendizagem se tratam de recursos digitais que apoiam a prática pedagógica dentro e fora da sala de aula (presencial ou remoto), como por exemplo, jogos, animações, simuladores, vídeoaulas, podcasts, revistas eletrônicas, etc. São usados pelo docentes com o intuito de facilitar o desenvolvimento da aprendizagem, trabalhando os conteúdos e as competências, auxiliando no planejamento de atividades educacionais mais criativas, que estimulem o interesse dos discentes. Também podem ser usados pelos estudantes e seus familiares, com o objetivo

de estudos e aprendizado em casa, por intermédio de um meio eletrônico: celular, computador, tablet, etc.

Igualmente, os ODAs são conteúdos pedagógicos digitais reaproveitáveis, que contribuem com a aprendizagem, estimulando o raciocínio e o pensamento crítico, concatenando com novas abordagens pedagógicas e tecnologias digitais.

Os Objetos Digitais de Aprendizagem possuem características que muitos autores discordam, pois existem aspectos elencados em modelos internacionais, que são reconhecidas como capacidades específicas a qualquer ODA.

De acordo com o LTSC (Learning Technology Standards Committee), os ODAs são estabelecidos como “Qualquer entidade, digital ou não, que pode ser usada, reutilizada ou referenciada durante o aprendizado apoiado pela tecnologia.”

Mesmo não havendo concordância entre os autores sobre as características dos objetos de aprendizagem, há aspectos, pautados em padrões internacionais, que são admitidos como propriedades inerentes a qualquer OA.

Todo objeto de aprendizagem deve, como uma atividade de ensino, apresentar propósito específico e estimular a reflexão do aluno. Outra característica dessa ferramenta é que, normalmente, o OA apresenta um recorte de conteúdo pouco extenso, dessa forma é possível construir um objeto para se trabalhar uma especificidade dentro de um assunto amplo.

De acordo com Mendes, Sousa e Caregnato (2004), um ODA deve apresentar:

Reusabilidade - ser reutilizável inúmeras vezes, em diferentes situações e locais de aprendizagem;

Adaptabilidade - ser adaptável a variadas condições de ensino e aprendizagem;

Granularidade - expor o conteúdo atômico, para contribuir com a usabilidade;

Acessibilidade - ser facilmente acessível, via internet, para ser utilizado em múltiplos lugares, além disso, ser iminentemente acessível a utentes com necessidades especiais;

Durabilidade - facilitar a continuação do uso, independentemente de mudança de tecnologia;

Interoperabilidade - mostrar a capacidade de operar por meio da pluralidade de *hardwares*, sistemas operacionais e *browsers*.

Os Objetos de Aprendizagem podem ser usados em diferentes níveis de escolaridade, no ensino de Língua Espanhola não é distinto. Para os discentes, o mais importante é a funcionalidade, a aplicabilidade e fidedignidade, ainda mais em se tratando de um material educacional, a explicação e a adequação, ou seja, a facilidade em sua utilização dos materiais são imprescindíveis.

É importante citar, sites que possuem Objetos Digitais de Aprendizagem, logo abaixo, exemplifica-se alguns:

A Escola Digital é uma Plataforma on-line lançada pelos Instituto Inspirare e Instituto Natura. Nela, pode-se encontrar 1200 Objetos Digitais indicados ao professor para se ensinar uma Língua Estrangeira. Nessa Plataforma estão presentes, aulas em vídeo, áudio, multimídia, jogos, animações, mapas e outros tipos de objetos digitais de aprendizagem de acesso gratuito por docentes e estudantes. 1200 desses objetos foram escolhidos entre diferentes produtores de conteúdos e combinados mediante procedimentos de busca para discentes de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, além de alunos especiais e Ensino de Jovens e Adultos (EJA).

Segundo os criadores do site, o banco de dados foi construído fundamentado no mapeamento dos conteúdos já presentes na internet. Os Objetos de aprendizagem são categorizados de numerosas maneiras para oportunizar a pesquisa de conteúdo.

Pode-se averiguar itens pela série/ano do aluno, pelo tipo de disciplina (como Espanhol, Matemática), pela área de cada disciplina (Vocabulário, Equação do 2º Grau) e pela categoria de mídia que, tendo como exemplo, aplicativos, aulas digitais, histórias em quadrinhos (Toda Mafalda), infográficos, etc. O site também oferece materiais de utilização off-line e pormenores sobre a licença e uso dos mesmos, inclusivamente, aqueles abertos a modificações e aperfeiçoamentos pelos próprios usuários.

Os objetos digitais que mais agradarem aos usuários, ganham ênfase dentro do site, bem como, é possível sugerir sites e conteúdo a serem acrescentados ao acervo, que contribuirá com a sua constante expansão.

O EduCapes é um portal de Objetos de Aprendizagem aberto do governo. Nele, professores e alunos acessam milhares de recursos, desde textos até animações acerca de todas as áreas do conhecimento.

O NUTED (Núcleo de Tecnologia Digital Aplicada à Educação) pesquisa o uso de ferramentas digitais na educação, sendo vinculado à Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nele, encontra-se Objetos de Aprendizagem de diferentes áreas, além de ferramentas para EAD.

O LOA é o Laboratório de Objetos de Aprendizagem da UFSCAR, o qual é encontrado jogos educacionais, estruturados pelas disciplinas às quais pertencem, como Matemática, Português e Música.

O PhET, diferentemente dos acima citados, não é brasileiro. É um repositório elaborado pela Universidade do Colorado. No entanto, esse site está em Língua Portuguesa e os ODAs estão ordenados por áreas de conhecimento. O seu foco principal são simulações em Matemática e demais Ciências.

<https://prosanova.com.br/5-sites-com-objetos-de-aprendizagem-liberados-para-uso/>

Como pode-se perceber, na web, há uma gama de possibilidades de Objetos de Aprendizagem a serem usados durante as aulas de qualquer disciplina e

de qualquer nível de ensino, basta apenas, ter a capacidade e perspicácia em selecionar o mais adequado. O professor é o melhor curador para que a aprendizagem de seus alunos, seja possível.

O docente, após uma aula expositiva, considerada bastante tradicional, em uma sala comum, deve indicar aos seus alunos, materiais complementares, de fácil uso e divertidos, tanto levando-os para a sala de informática quanto como atividade extraclasse para os estudos em casa, com a colaboração, se necessário, de um familiar, auxilia no vínculo e aprendizagem, pois ambas são muito importantes para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos.

Dessa forma, os Objetos Digitais devem estar articulados com o currículo, o que permite com que professores e alunos possam usufruir do vasto potencial tecnológico para conferir mais criatividade, interatividade e estímulo aos processos de aprendizagem.

De maneira histórica, a objeção em reutilizar conteúdos educacionais adequadamente, vem da ineficiência em escolher um tópico específico na internet, discrepância entre ambientes de aprendizagem e indagações diretamente alusivas ao processo pedagógico.

As teorias que resistem o projeto e o desenvolvimento dos Objetos Digitais de Aprendizagem se embasam na metodologia designada como orientação de objetos, estruturação de software, dessa forma, procuram otimizar características que determinam objetos bem construídos. Todas as características já apresentadas anteriormente, admitem o desenvolvimento de objetos organizados, de excelente qualidade e de fácil conservação, contribuindo na utilização. Não obstante, é importante catalogar acertadamente, os objetos e, também, definir os metadados (informações que acrescem aos dados e que têm como objetivo informar-nos sobre eles para tornar mais fácil a sua organização) a serem usufruídos nos repositórios.

De acordo com McGreal (2004, p. 1), os OAs muitas vezes são definidos como recursos educacionais que podem ser empregados na aprendizagem com

um suporte tecnológico. Com a utilização de metadados apropriadas, o professor pode preparar diferentes tipos de aula. Um AO pode ser baseado em um texto eletrônico, uma simulação, um site, uma imagem-gif, um filme Quicktime, um miniaplicativo Java ou qualquer outro recurso que possa ser usado no aprendizado. (Tradução livre)

Porém, antes de que, os ODAs sejam inseridos nas aulas, é bastante importante que haja uma aula expositiva, discussão do conteúdo, participação dos alunos e também, não ficar somente no giz, lousa e apostila, ir além do comum.

Aulas, chamadas de “fora da caixa”, colaboram no êxito de uma boa e inesquecível aula.

Exercícios mecânicos com o intuito de aprender verbos em Língua Espanhola, diálogos automáticos, decorados somente para as avaliações orais, faz com que o aluno perca o interesse em aprender, desistindo de participar, de tirar suas dúvidas, de aprender, de ir além dos conteúdos da sala de aula, do currículo.

O aluno durante as aulas de Língua Estrangeira deve ser preparado para o cotidiano, contribui muito com a melhoria em sua comunicação na própria língua materna, para viagens, para intercâmbios, para exames de proficiência e demais objetivos que aquele tiver em sua vida.

É muito importante aprender culturas diferentes, visto que, o discente aprenderá também a valorizar a sua própria cultura, a querer conhecê-la ainda mais. Conhecer músicas em outras línguas, aumenta o vocabulário em seu discurso, entendimento e compreensão linguística e semiótica.

Usufruir de diversos gêneros textuais colabora com o desenvolvimento cognitivo e cerebral do aluno.

Filmes maravilhosos em Língua Espanhola são produzidos por grandes diretores, como Pedro Almodóvar, Luis Buñuel, Segundo de Chomón, Florián Rey, Juan Antonio Bardem, Luis García Berlanga, Carlos Saura, Jesús Franco, Antonio Isasi-Isasmendi, Mario Camus, José Luis Garci, Alejandro Amenábar, Rodrigo García, Alejandro González Iñárritu, Guillermo

del Toro, Alfonso Cuarón, entre outros magníficos que fazem maravilhas com uma câmera. Imprescindível que os estudantes conheçam-os, é um meio que foi encontrado de início, para que quem ainda não viajou para algum país cujo o idioma seja o espanhol, conheça um pouco mais da cultura: pontos turísticos, gírias (como os falantes se comunicam), dança, comida típica, costumes, vestimentas, a literatura, etc.

Com esses exemplos citados, o professor pode usar da sua criatividade e de seus alunos, para tornar as aulas mais atrativas, interessantes e agradáveis. Por isso, o emprego de ODAs apropriados para cada tema curricular, ajudam bastante para que isso ocorra.

A utilização diária somente de apostilas, torna o aprendizado ineficaz e cansativo, enfadonho para todos os personagens que fazem parte

Aulas diferenciadas instigam a curiosidade e participação, até mesmo dos estudantes mais indisciplinados e desinteressados em aprender.

O USO DE ODA COMO COMPLEMENTO NA METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

Todo professor competente, antes mesmo da criação dos Objetos Digitais de Aprendizagem, já aplicava com os seus alunos, objetos de aprendizagem, produzido por aquele, de modo criativo. Por exemplo: bingo com animais (com a funcionalidade de ensinar os nomes, os numerais, os verbos); jogos de tabuleiro; jogo da memória (figuras, verbos); dominó (figura e palavra correspondente); atividade de direção: “gallinita ciega” - cabra cega (com os olhos vendados, o aluno segue o comando de outro, que dá as instruções em espanhol com o intuito de adivinhar, encontrar um objeto escondido, que o instrutor está vendo), telefone sem fio, A semana (la semana): é jogado usando um conjunto de escadas. Seis escadas são utilizadas. A primeira escada representa

a Segunda-feira, a segunda, Terça-feira e até Sábado, que será a sexta escada. Uma pessoa é "Ele" e ficará no chão chamando os dias da semana. Os jogadores têm que correr para a escada correspondente conforme forem chamados. Quando for chamado "Domingo", os jogadores devem deitar no chão e depois voltar até a primeira escada o mais rápido possível. O participante em que "Ele" pisar quando os jogadores estiverem no chão, será o próximo jogador a ser "Ele"; jogo da velha, quizzes; cor (alguém escolhe uma cor e diz em espanhol, os demais que também estão brincando, saem correndo atrás de um objeto da cor escolhida. Quem não conseguir, sai da brincadeira); etc.

Como se pôde ver, os objetos de aprendizagem já existiam, bem antes de serem adicionados na internet. A criatividade sempre foi primordial para que qualquer Metodologia de Ensino funcione, porém, tudo o que for realizado, deve existir um zeloso planejamento.

Atualmente, na web, há inúmeros Objetos de Aprendizagem (ODA) que são encontrados e que contribuem como material extra para as aulas de Língua Espanhola, um jeito divertido de aprender um novo idioma, o famoso “aprender brincando”.

No site da Escola Digital, que foi mencionado anteriormente, alguns ODAs serão citados nesse artigo. Exemplos abaixo:

Gabaritando Enem: Vídeoaula- questões do Enem são comentadas, dicas de leitura e interpretação de textos;

Só Espanhol: a partir de jogos, estimula-se de maneira descontraída, a capacidade de interpretação do conteúdo aprendido em sala;

Áudiotexto em Espanhol: esse áudio apresenta um diálogo, no qual, os protagonistas planejam em segredo, comprar presentes para os filhos, no Dia de Santos Reis;

Michaelis Conciso Espanhol: apresenta mais de 60 mil traduções, mais de 40 mil expressões e exemplos, pronúncia das palavras em Língua

Espanhola, divisão silábica das entradas e verbetes, transcrição fonética do espanhol e do português;

Espanhol verbos: aplicativo para dar suporte ao aprendizado de verbos em espanhol;

Duolingo: 12 modos de treinamento, interpretação de texto, relatório de desempenho, aparência personalizada, integração com Whatsapp e grupo de estudos;

Como negar em espanhol: Infográfico sobre maneiras de dizer não em espanhol;

As pessoas da escola em espanhol: Conhecer as funções dos profissionais da escola em espanhol;

Espanhol Básico- Las partes del cuerpo: nesse vídeo, aprende-se algumas partes do corpo e suas respectivas traduções para o português;

Juego de colores: atividade para exercitar o vocabulário em espanhol com as cores;

Los dialectos: sequência didática para aprofundar conhecimentos sobre os diferentes dialetos. Serão propostas pesquisas do uso de diferentes vocábulos que se utilizam em diferentes regiões de Língua Espanhola para designar um mesmo conceito;

Ropas y accesorios: vídeo que apresenta o léxico sobre roupas e acessórios;

Abracadabra: jogo para exercitar o vocabulário em espanhol, são apresentadas pistas (textuais) para se descobrir as palavras corretas;

Aprenda a soletrar e escrever: jogo educacional para aprender a escrever, ler e melhorar a ortografia;

Haciendo compras: vídeoaula de espanhol para iniciantes sobre compras;

Jogo da força: jogo da força, em espanhol, para praticar o vocabulário dos alimentos;

Foram citados somente alguns ODAs que podem ser encontrados na internet pelo professor, como indicação complementar para as aulas de Língua Espanhola. O mais imprescindível é a constante busca por melhorias na aprendizagem dos alunos. Todo material didático é bastante rico em informações, porém, o docente deve levar em conta que a atual geração de estudantes nasceu conectada na internet, antenada com as novidades em aplicativos, programas, etc. Por isso, todos os educadores devem se reinventar sempre, conhecer o novo, ainda mais que está muito em alta, o Ensino Híbrido, fato que demonstra futuras mudanças nas escolas contemporâneas.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do estudo sobre o tema *O USO DE ODA COMO COMPLEMENTO NA METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA*, proporcionou uma análise qualitativa sobre a importância do professor sempre buscar novas alternativas, para tornar as aulas mais interessantes e atrativas, já que a cada dia, o alunado é diferente e conectado.

Pode-se perceber que, na web, uma grande variedade de Objetos Digitais de Aprendizagem, diferentes tipos e de fácil manejo, podem ser utilizados em diferentes disciplinas, idades e objetivos, basta o docente saber curá-lo, ou seja, selecioná-lo tendo o compromisso de contribuir com a continuação da aprendizagem dos estudantes.

Portanto, a tecnologia jamais substituirá o professor, porém, este deve sempre usá-la como sua aliada e mediar o seu aluno para que, seja um pesquisador competente e uma pessoa capacitada em buscar a sua aprendizagem em qualquer lugar e momento.

Laila Angelica Moraes



Nasceu e vive em Votuporanga-SP. Graduada em Letras: Português/Espanhol e Pedagogia na Unifev (Centro Universitário de Votuporanga), História pela UniCV (Centro Universitário Cidade Verde). Professora de Língua Portuguesa e Espanhola, Pedagoga, Pesquisadora, Revisora, Escritora e Poeta. Especialista em Educação. Tem textos publicados nas Revistas Mallarmargens, Ruído Manifesto e Sucuru. Coautora em Antologias pelas Editoras Chiado Books, Patuá, Expressividade, EHS Edições, Mente Aberta, Selo Off Flip e Arte da Palavra. Autora do livro de poesias “Poememórias” (2021) pela Editora Expressividade. Colunista da Revista Ikebana (“Desalinhos Poéticos”). Acadêmica Efetiva da Sucursal da

ACILBRAS (Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil) em Votuporanga,
Membra afiliada da ABRESC (Academia Brasileira de Escritores), Acadêmica
Correspondente da Nalap (Núcleo Académico de Letras e Artes de Portugal).
Contato: lailamoraes30 | lailamoraes23@gmail.com.

Revista Autorretratos

Entre em contato conosco para publicar:
revistaautorretratos@gmail.com



Obrigado pela sua colaboração!

2024